

LUDWIG VON MISES
**MARXISMO
DESMASCARADO**





Marxismo Desmascarado

Sumário

Agradecimentos.....	3
Introdução.....	4
I. Mente, materialismo e o destino do homem.....	17
II. Luta de classes e socialismo revolucionário.....	30
III. Individualismo e a Revolução Industrial.....	40
IV. Nacionalismo, socialismo e revolução violenta.....	52
V. Marxismo e manipulação do homem.....	65
VI. A construção da civilização moderna: poupança, investimentos e cálculo econômico.....	80
VII. Dinheiro, juros e ciclo econômico.....	95
VIII. Lucro e prejuízo, propriedade privada e as conquistas do capitalismo.....	116
IX. Investimentos estrangeiros e o espírito do capitalismo.....	131

Agradecimentos

As conferências de Ludwig von Mises que compõem *Marxismo Desmascarado* foram proferidas na Biblioteca Pública de São Francisco, de 23 de junho a 3 de julho de 1952, com o patrocínio da revista *The Freeman*. Elas foram taquigrafadas, palavra por palavra, pela Sra. Bettina Bien Greaves. Ela gentilmente cedeu o material para que a *Foundation for Economic Education* o publicasse. A Sra. Greaves trabalhou como membro sênior da equipe da FEE por praticamente 50 anos, aposentando-se somente em 1999. Junto com seu último marido, Percy L. Greaves Jr., ela foi amiga de longa data e colaboradora de Ludwig von Mises. De fato, existem poucas pessoas no mundo atual que tenham como ela uma relação tão próxima com as ideias e os escritos de Mises.

A publicação dessas conferências foi possibilitada pelo gentil e generoso apoio constante do Sr. Sheldon Rose de *Farmington Hills*, Michigan, e da *Richard E. Fox Foundation* de Pittsburgh, Pensilvânia. Agradecimentos especiais para Sr. Michael Pivarnik, diretor executivo da Fox Foundation, pelo interesse e dedicação às ideias da Escola Austríaca de Economia e de Ludwig von Mises em particular.

A Sra. Beth Hoffman, editora-chefe da revista mensal da revista da FEE, *The Freeman*, supervisionou mais uma vez a preparação do manuscrito. Seu olhar atento a todos os detalhes se reflete no ótimo produto final.

Introdução

Por Richard M. Ebeling

O economista austríaco Ludwig von Mises proferiu estas nove conferências, a que nós demos o nome de *Marxismo Desmascarado*, entre 23 de junho e 3 de julho de 1952, em São Francisco, em um seminário patrocinado por *The Freeman*. Um professor de história que recebeu uma bolsa para acompanhar o programa escreveu mais tarde à revista para dizer:

Eu achei as conferências em si provocativas, estimulantes e bastante gratificantes. Como uma exposição clássica das virtudes do individualismo e dos males do socialismo, apoiada por uma bagagem erudita impressionante, elas foram incomparáveis... não estou tentando dizer que me converti completamente ao conjunto de ideias que o Dr. Mises e *The Freeman* representam. Mas eu digo, sim, que todo estudante ou professor das ciências sociais que não pensar profundamente sobre essas ideias é negligente e mal formado, se não coisa pior. O seminário me deixou com este sentimento. Com certeza eu pessoalmente gosto de algumas dessas ideias muito mais agora do que gostava alguns meses atrás.¹

1 Carta de Robert Miller, “*From a History Teacher*” [Carta de um professor de História], *The Freeman* (11 de agosto de 1952), p. 752, 782.

Vale a pena recordar o estado do mundo em 1952, quando Ludwig von Mises proferiu as conferências. Por todo o mundo o socialismo soviético parecia estar avançando. A Segunda Guerra Mundial havia deixado todo o leste europeu sob domínio da União Soviética. Em 1949, a China tinha caído nas mãos dos exércitos comunistas de Mao Tse Tung. Em junho de 1950, a Guerra da Coreia tinha estourado, e em 1952 os exércitos americanos sob a bandeira das Nações Unidas participavam de um conflito sangrento no paralelo 38 com as forças da Coreia do Norte e da China comunista. Os franceses estavam mergulhados em uma guerra colonial aparentemente interminável na Indochina contra a guerrilha comunista de Ho Chi Minh.

No ocidente, um grande número de intelectuais estava convencido de que a “história” estava inevitavelmente do lado do socialismo, sob a liderança do camarada Stalin, no Kremlin. Os partidos comunistas da França e da Itália contavam com contingentes enormes e seguiam cada reviravolta na ideologia pensada por Moscou. Mesmo aqueles que rejeitavam a brutalidade do socialismo de estilo soviético ainda acreditavam que o planejamento econômico era inevitável. Um famoso cientista político da Universidade de Chicago declarou em 1950 que “o planejamento central da economia está próximo. Não há dúvida disso. A única questão é saber se o planejamento será democrático, de uma sociedade livre, ou se será totalitário”.²

Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos presumia-se que o capitalismo, quando não regulado, só poderia levar à exploração, miséria e injustiça social. Os governos dos dois lados do Atlântico estavam introduzindo políticas intervencionistas e políticas de estado de bem-estar social cada vez mais rigorosas, com o

2 Marriam, Charles E. *The Place of Planning* [O lugar do planejamento], Em: Harris, Seymour (ed.). *Saving American Capitalism* [Salvando o capitalismo americano]. Nova York: Alfred A. Knopf, 1950, p. 161.

propósito melhorar a suposta crueldade da economia de mercado. E por conta do caráter “emergencial” da Guerra da Coreia, o governo dos Estados Unidos sobrecarregou ainda mais o povo americano com um amplo sistema de controle de salários e preços que atrapalhou praticamente todos os aspectos da atividade econômica.³

A primeira fonte e o primeiro impulso à tendência global para o socialismo foram os escritos de Karl Marx [1818-1883]. Ele afirmava ter descoberto as “leis” invariáveis do desenvolvimento histórico humano que levaria à derrota do capitalismo e ao triunfo do socialismo, seguido de uma transição final para um mundo comunista pós-escassez cheio de alegria. Durante o socialismo, a fase intermediária que levaria ao comunismo, o pensador alemão dizia que haveria uma “ditadura revolucionária do proletariado”. Ela impediria que integrantes remanescentes da antiga classe dirigente tentassem retornar ao poder e “reeducaria” os trabalhadores numa “consciência mais elevada” livre dos resíduos da mentalidade burguesa anterior.⁴

O que faz todo esse processo ser incontornável e irreversível, Marx insistia, é que os meios de produção seguem as transformações tecnológicas em uma série de estágios históricos que estão além do controle humano. Cada um desses estágios de transformação requer um conjunto particular de relações humanas institucionais para o pleno florescimento do potencial daquela tecnologia. O

3 Sobre a importância do sistema de preços do livre mercado, mesmo durante o período emergencial de guerra, ver Mises, Ludwig Von. *Human Action: A Treatise on Economics* [Ação humana: um tratado sobre Economia]. Nova York: Foundation for Economic Education, 1996, pp. 825-828. Ver também Hayek, F.A. *Prices versus Rationing* [Preços versus Racionamento] e *The Economy of Capital* [A economia do capital], Em: Caldwell, Bruce (ed.). *The Collected Works of F.A. Hayek, Vol. X: Socialism and War* [Obras reunidas de F.A. Hayek, Vol. X: Socialismo e guerra]. Chicago: University of Chicago Press, 1997, pp. 151-160.

4 Ver Marx, Karl. *Critique of the Gotha Program* [Crítica do programa de Gotha] [1975], Em: Tucker, Robert C. (ed.). *The Marx-Engels Reader*. Nova York. W.W. Norton, 1972, pp. 382-398.

que o homem, em sua visão limitada e subjetiva do mundo, pensa serem os fundamentos invariáveis da vida humana – moralidade, família, propriedade, fé religiosa, costumes, tradições etc. – são apenas elementos temporários de uma “superestrutura” social a serviço dos fins das concretas forças materiais de produção durante cada uma das épocas históricas. Portanto, mesmo a “consciência” do homem sobre si mesmo e sobre o mundo à sua volta é o produto de seu lugar e papel particulares nesse processo de evolução histórica.⁵

A posição de cada homem em uma “classe” da sociedade, segundo Marx, é determinada pela sua relação com a propriedade dos meios de produção. Aqueles que detêm os meios de produção na sociedade capitalista devem, por uma necessidade histórica, “explorar” os outros, que oferecem sua força de trabalho para que os capitalistas os contratem. A classe capitalista vive do trabalho da classe trabalhadora, explorando como “lucro” uma parte do que os empregados produziram. Consequentemente, essas duas classes sociais vivem num conflito incessante pelas recompensas materiais do trabalho humano. Esse conflito chega ao clímax com a derrubada violenta dos exploradores pelo proletariado, que experimentam uma miséria econômica crescente durante os últimos espasmos do sistema capitalista.⁶

Na nova ordem socialista que substitui o capitalismo, os meios de produção serão nacionalizados e controlados de modo centralizado para melhorar as condições econômicas da vasta maioria da humanidade, e não serão mais voltados só para o lucro, que só beneficia os proprietários capitalistas. O planejamento econômico gerará uma prosperidade material que excede tudo o que se experimentou sob o capitalismo; avanços tecnológicos e aumento da

5 Marx, Karl. *A Contribution to the Critique of Political Economy* [Contribuição à crítica da Economia Política] [1859], Em: Ibid, pp. 4-5.

6 Marx, Karl e Engels, Friedrich. *Manifesto of the Communist Party* [Manifesto do Partido Comunista] [1848], Em: Ibid, pp. 331-362.

produção não só eliminarão a pobreza, como também levarão a sociedade a um nível de abundância material em que todas as necessidades e preocupações de ordem material serão coisa do passado. Esse estágio final do comunismo criará um paraíso na Terra para toda a humanidade.⁷

Ludwig von Mises Como Crítico do Socialismo

No século XIX e no início do século XX surgiram muitos críticos do socialismo e do marxismo. Um dos mais excepcionais foi o economista francês Paul Leroy-Beaulieu, que em 1885 escreveu uma análise extremamente perspicaz e devastadora do coletivismo, apontando a ameaça que era para a liberdade individual e para a prosperidade econômica.⁸ Em 1896, um dos professores do próprio Ludwig von Mises na Universidade de Viena, o economista austríaco renomado internacionalmente Eugen von Böhm-Bawerk, publicou a crítica mais destruidora à teoria marxista do valor-trabalho e a ideia de exploração do trabalho sob o capitalismo que a acompanha.⁹ Apareceram até romances antiutópicos muito compe-

7 Sobre o apelo do paternalismo, do planejamento e do paraíso na terra ao longo dos séculos, ver Gray, Alexander. *The Socialist Tradition: Moses to Lenin* [A tradição socialista: de Moisés a Lenin] [1946]. Nova York: Harper & Row, 1968. E também Shafarevich, Igor. *The Socialist Phenomenon* [O fenômeno socialista] [1975]. Nova York: Harper & Row, 1980.

8 Leroy-Beaulieu, Paul. *Colletivism* [Coletivismo] [1885]. Londres: John Murray, 1908. Para saber mais sobre Leroy-Beaulieu e outros críticos do planejamento econômico socialista, ver Ebeling, Richard M. *Austrian Economics and the Political Economy of Freedom* [Economia austríaca e a política econômica da liberdade]. Northampton, Massachusetts: Edward Elgar, 2003, Cap. 4: “*Economic Calculation Under Socialism: Ludwig Von Mises and his Predecessors*” [Cálculo econômico sob o socialismo: Ludwig Von Mises e seus antecessores], pp. 101-135.

9 Böhm-Bawerk, Eugen von, *Karl Marx and the Close of His System* [Karl Marx e o fim do seu sistema] [1896], Em: *Shorter Classics of Eugen von Böhm-Bawerk*. South Holland, Illinois: Libertarian Press, 1962, pp. 201-302. Ver também Joseph, H.W.B. *The Labor Theory of Value in Karl Marx* [A teoria do valor-trabalho em Karl Marx]. Londres: Oxford University Press,

tentes que descreveram os efeitos desastrosos que poderíamos esperar caso um regime socialista chegasse ao poder e impusesse o planejamento central à sociedade.¹⁰

Mas nenhum desses escritores foi tão profundo ao demonstrar a inviabilidade inerente ao planejamento econômico central socialista como Ludwig von Mises. Durante a Primeira Guerra Mundial e no período em que apareceram seus resultados mais imediatos, surgiu uma confiança entusiasmada de que a era do planejamento governamental tinha finalmente chegado. Os preços e o controle salarial dos tempos de guerra e os quadros de planejamento da produção de impostos em praticamente todas as nações beligerantes eram considerados por muitos como precursores do planejamento dos tempos de paz. Após a revolução bolchevique na Rússia em 1917, o regime marxista de Lenin impôs o “comunismo de guerra” em 1918, anunciando-o não só como uma ferramenta de emergência para lutar contra os exércitos brancos anticomunistas durante os três anos de guerra civil na Rússia, mas também como o grande salto para a sociedade totalmente planejada. E depois do fim da guerra, em novembro de 1918, novos partidos social-democratas na Alemanha e Áustria declararam que o tempo de “socialização” e planejamento econômico tinha finalmente chegado.¹¹

Em 1919, em uma reunião da Sociedade Austríaca de Economia, Mises apresentou um artigo sobre o “Cálculo econômico sob o socialismo”, que foi publicado num importante jornal de língua alemã, em 1920.¹² Ele incorporou esse artigo como parte cen-

1923.

10 Richter, Eugen. *Pictures of the Socialistic Future* [Retratos do futuro socialista] [1893]. Londres: Swan Sonnenschein, 1907.

11 Sobre o fracasso dessas primeiras tentativas de nacionalização e planejamento na Rússia, Alemanha e Áustria, ver Shadwell, Arthur. *The Breakdown of Socialismo* [O colapso do socialismo]. Londres: Ernest Benn, 1926, pp. 23-131.

12 Mises, Ludwig Von. *Economic Calculation in the Socialist Commonwealth* [Cálculo econômico sob o socialismo], Em: Hayek, F.A. (ed.) *Collectivist*

tral de um amplo tratado sobre o coletivismo, que publicou dois anos depois, chamado *Socialism: An Economic and Sociological Analysis* [Socialismo: uma análise econômica e sociológica] na sua tradução inglesa.¹³

Mises observou que a maioria dos primeiros críticos do socialismo tinha notado que um sistema de planejamento governamental amplo nos assuntos econômicos criaria a pior tirania já experimentada na história humana. Com toda a produção, o emprego e a distribuição completamente sob o controle monopolístico do estado, o destino e a sorte de cada indivíduo ficariam à mercê da autoridade política. Esses oponentes anteriores do socialismo também argumentaram de modo convincente que com o fim da propriedade privada e da liberdade para empreender, os indivíduos perderiam muito da motivação baseada nos próprios interesses para a indústria, a inovação e o esforço para o trabalho que existem na economia de mercado.

Mas, disse Mises, o que não tinha sido completamente examinado e questionado era se o sistema econômico socialista sequer poderia funcionar na prática. Em outras palavras, os “planejadores centrais” do sistema socialista seriam capazes de gerenciar de maneira racional e eficiente os assuntos cotidianos da vida econômica?

Economic Planning: Critical Studies on the Problem of Socialism [Planejamento Econômico Coletivista: estudos críticos sobre o problema do socialismo]. Londres: George Routledge, 1935, pp. 87-130. Reeditado em Kirzner, Israel M. (ed.). *Classics in Austrian Economics: A Sampling in the History of a Tradition*, Vol. III [Clássicos da Economia Austríaca: uma amostra da história de uma tradição]. Londres: William Pickering, 1994, pp. 3-30.

- 13 Mises, Ludwig Von. *Socialism: An Economic and Sociological Analysis* [1922; tradução inglesa, 1936; edição revista, 1953]. Indianápolis: Liberty Classics, 1981, pp. 200-231. Depois Mises reformulou e refinou sua crítica ao planejamento central socialista em *Human Action: A Treatise on Economics* [Ação humana: um tratado sobre Economia]. Nova York: Foundation for Economic Education, 1996, pp. 689-715.

A resposta dele foi não. Na economia de mercado a produção é guiada pela demanda esperada do público consumidor. Homens de negócios e empresários, na busca para obter lucro e evitar prejuízos, precisam alocar os recursos disponíveis de um modo que minimize os custos de produção com relação à receita esperada para o fornecimento de produtos e serviços que o consumidor deseja comprar.

Preços em dinheiro para os bens de consumo pronto e para os meios de produção facilitam o processo. Os preços para bens de consumo dizem para o empresário o que os consumidores querem. Os preços para os meios de produção – terra, trabalho e capital – mostram os custos para produzir esses bens de consumo com diferentes tipos de recursos e matérias-primas em combinações diversas. O papel dos empresários é selecionar a “combinação” de recursos que minimiza o custo de levar os produtos para o mercado na quantidade e qualidade pedidas pelos consumidores.

O preço de qualquer um desses recursos (seja da terra, trabalho ou capital) reflete seu valor em usos alternativos, representados pelas ofertas para comprar ou contratar um deles por um empresário rival que também busca empregá-los para algum propósito produtivo no mercado. A menos que o preço esperado para o produto final seja capaz de cobrir os custos necessários para empregar a variedade de recursos para produzi-lo, é antieconômico – um desperdício – voltar esses recursos para sua produção. Como Mises explicou mais tarde em seu livro *Burocracia*: “Para o empresário da sociedade capitalista, um fator de produção manda um aviso através do seu preço: não me toque, eu estou destinado a satisfazer outra necessidade mais urgente” do público consumidor.¹⁴

Isso significa que o sistema de preços do livre mercado competitivo tende a garantir que os recursos escassos da sociedade

14 Mises, Ludwig Von. *Bureocracy* [Burocracia]. New Haven: Yale University Press, 1944, p. 29.

sejam alocados e utilizados da maneira que reflita melhor os desejos de todos nós em nosso papel de consumidores. Já que um dos elementos incontornáveis do mundo em que vivemos é a mudança constante, toda guinada na demanda dos consumidores e toda modificação na disponibilidade e nos usos daqueles recursos escassos se refletem em mudanças na estrutura de mercado dos preços relativos. Tais mudanças na estrutura de preços do mercado dão um recado para produtores e consumidores que eles podem ter que ajustar suas decisões de compra, venda e produção, dadas as novas circunstâncias.

O desafio de Mises aos socialistas era que explicassem se essa “racionalidade” do mercado, que constantemente equilibrava os preços de venda com os custos e o fornecimento com a demanda, desapareceria completamente sob o sistema de planejamento central. Os preços surgem da compra e venda feitas pelos participantes do mercado. Mas compra e venda só são possíveis com a instituição da propriedade privada, sob a qual produtos e recursos têm proprietários, são usados e transferidos através da troca voluntária a critério de seus donos.

Além do mais, sob o capitalismo, a complexa rede de transações do mercado é possibilitada pelo uso de um meio de troca comumente aceito – o dinheiro. Com todos os produtos e recursos comprados e vendidos no mercado através de um meio de troca, seus respectivos valores de troca são todos expressos em termos de um denominador: o preço em dinheiro. Este denominador comum permite o processo de “cálculo econômico”, ou seja, a comparação de custos relativos com preços de venda.

A primeira meta de praticamente todos os socialistas no século XIX e boa parte dos socialistas do século XX era a abolição da propriedade privada, da competição de mercado e dos preços em dinheiro. No lugar deles, o estado nacionalizaria os meios de produção e como “administrador” dos interesses da “classe trabalhado-

ra” planejaria de modo centralizado todas as atividades econômicas da sociedade. A agência de planejamento central determinaria o que se produziria, como e quando se produziria, e então distribuiria o resultado alcançado entre os membros do novo “paraíso dos trabalhadores”.

Mises mostrou que o fim da propriedade privada significaria o fim da racionalidade econômica. Sem a propriedade privada dos meios de produção – e sem um mercado competitivo em que empresários rivais possam fazer ofertas por aqueles recursos baseados nas estimativas, motivadas pelo lucro, de seus valores para produzir produtos desejados pelo público consumidor – não existiria uma forma de reconhecer as oportunidades verdadeiramente rentáveis entre os potenciais usos alternativos nos quais eles poderiam ser aplicados. Como, então, os planejadores centrais saberiam se estão usando de forma errada ou desperdiçando os recursos da sociedade com suas decisões sobre a produção? Como Mises resumiu o dilema: “Não é vantajoso não saber se o que uma pessoa está fazendo é adequado para atingir os fins almejados. Um gerenciamento socialista seria como um homem forçado a passar sua vida de olhos vendados”.¹⁵

Mesmo que um sistema socialista não fosse controlado por uma ditadura brutal, mas sim por “anjos” humanos que só gostariam de fazer o “bem” para a humanidade, e mesmo que os incentivos para trabalhar e empreender não fossem reduzidos ou eliminados pela abolição da propriedade privada, Mises pôde demonstrar que a estrutura institucional de um regime socialista tornou impossível que ele produzisse um “céu na terra” material para a humanidade superior à eficiência produtiva e inovadora de uma economia de livre mercado eficaz.¹⁶ Foi isso que permitiu a Mises declarar no

15 Ibid., p. 30.

16 Ver também Ebeling, Richard M. *Why Socialism is “Impossible”* [Por quê o socialismo é “impossível”], *The Freeman: Ideas On Liberty* (Outubro de 2004), pp. 8-12.

início dos anos 30, quando a atração do planejamento socialista da economia estava atingindo seu ápice pelo mundo, que “do ponto de vista da política e da história, esta prova é certamente a descoberta mais importante feita pela teoria entender como foi possível que a vitória do movimento adures econômica... ela sozinha permitirá a futuros historiadores entender como foi possível que a vitória do movimento socialista não tenha levado à criação de uma ordem socialista da sociedade”.¹⁷

As Conferências de São Francisco de Mises

Mises acreditava que qualquer crítica abrangente ao socialismo tinha que lidar com mais coisas do que a sua mera inviabilidade como sistema econômico, não importando quão essencial isto era para a causa anti-socialista. Era também necessário desafiar e refutar os fundamentos filosóficos e políticos das concepções socialistas e marxistas do homem e da sociedade. Seu livro de 1922 sobre o socialismo buscou fazê-lo muito detalhadamente. E ele voltou a esse tema alguns anos depois de proferir estas conferências em São Francisco em sua obra *Teoria e História*.¹⁸

O que Mises ofereceu àqueles que assistiram às conferências no fim de junho e início de julho de 1952 foi uma percepção e um entendimento claros dos erros fundamentais e das concepções incorretas encontradas nas teorias marxistas do materialismo histórico e da luta de classes assim como uma análise histórica dos verdadeiros benefícios trazidos pela Revolução Industrial, que coincidiu com o surgimento da sociedade capitalista moderna. Ele

17 Mises, Ludwig Von. *On the Development of the Subject Theory of Value* [Sobre o desenvolvimento da teoria do valor subjetivo] [1931], Em: *Epistemological Problems of Economics* [Problemas epistemológicos de Economia] [1933]. Nova York: New York University Press, 1981, p. 157.

18 Mises, Ludwig Von. *Theory and History: An interpretation of Social and Economic Evolution* [Teoria e História: uma interpretação da evolução social e econômica] [1957]. Indianápolis: Liberty Fund, 2005.

também explicou que a poupança, os investimentos, o lucro e o prejuízo serviram como as engrenagens do progresso cultural e econômico, e ajudaram a eliminar a pobreza, que foi uma praga para a humanidade durante boa parte da história.

Em uma conferência especialmente esclarecedora, Mises discute a natureza e o funcionamento dos mercados capitalistas e a importância de o mercado manter as taxas de juros livres de manipulação e inflação impostos pelo governo. Além disso, ele mostra que investimentos estrangeiros em partes subdesenvolvidas do mundo não causaram pobreza ou exploração, como os socialistas constantemente alegavam, mas foram fonte de prosperidade acelerada e melhoria das condições de vida de milhões e milhões de pessoas nesses países.

Todos esses argumentos e análises se situam no contexto mais amplo do conflito individualismo versus coletivismo, da importância da dignidade e melhoria nas condições de cada ser humano e dos perigos de ceder sua liberdade e propriedade para o estado paternalista. Por todo esse caminho, uma visão do ideal liberal clássico de sociedade livre e próspera é apresentada ao leitor.

Assim como uma série anterior de conferências que Ludwig von Mises deu em 1951, e que foram publicadas pela FEE com o título de *O livre mercado e seus inimigos* [*Free Market and Its Enemies*],¹⁹ *Marxismo desmascarado* tem uma qualidade especial: ela capta Mises como professor. Ao contrário de muitos de seus escritos mais longos e formais, essas conferências estão salpicadas de vários comentários históricos e exemplos do senso comum que convêm à fluidez e ao espírito da palavra falada.

Essas conferências, como outras anteriores, foram taquigrafadas, palavra por palavra, e então transcritas por Bettina Bien

19 Mises, Ludwig Von. *The Free Market and its Enemies: Pseudo-Science, Socialism, And Inflation* [O livre mercado e seus inimigos: pseudo-ciência, socialismo e inflação]. Irvington-on-Hudson, Nova York: Foundation for Economic Education, 2004.

Greaves, membro sênior de longa data da equipe da *Foundation for Economic Education*. A Sra. Greaves é uma das principais especialistas nas ideias e escritos de Ludwig von Mises, e sua profunda admiração pelas contribuições do economista austríaco para a teoria econômica e política se reflete no cuidado com que ela transcreveu estas conferências para eventual publicação. Elas não estariam disponíveis agora em livro impresso se não fosse por sua dedicação e diligência intelectuais, pelas quais estamos todos especialmente agradecidos.

Quando Mises proferiu as conferências, o socialismo marxista parecia estar conquistando o mundo. Apesar da queda do muro de Berlim em 1989 e o colapso da União Soviética em 1991, as críticas marxistas à sociedade capitalista ainda dão o tom para aqueles que desejam persistentemente o fim da liberdade humana e da economia de mercado.²⁰ Por essa razão, o que Mises tinha a dizer há mais de 50 anos, ainda significa hoje em dia muito para nós.

Mas agora, apenas desfrute a chance de “ouvir” a mente de um dos maiores economistas do século XX enquanto lê este livro.

20 Ebeling, Richard M. *Is the “Specter of Communism” Still Haunting the World* [O espectro do comunismo ainda ronda o mundo], *Notes from Free* (Março de 2006).

I. Mente, materialismo e o destino do homem

As primeiras cinco conferências desta série serão sobre filosofia, não sobre economia. A filosofia é importante porque todo mundo, sabendo ou não, tem uma filosofia definida, e suas ideias filosóficas orientam suas ações.

A filosofia dos dias atuais é a filosofia de Karl Marx [1818-1883]. Ele é a personalidade mais forte do nosso tempo. Marx e suas ideias – ideias que ele não criou desenvolveu ou melhorou, mas apenas combinou num sistema – são hoje amplamente aceitas, até mesmo por muitos daqueles que enfaticamente se dizem anticomunistas e antimarxistas. Uma quantidade considerável de pessoas são, ainda que sem saber, filosoficamente marxistas, embora usem nomes diferentes para suas ideias filosóficas.

Os marxistas falam atualmente em Marxismo-leninismo-stalinismo. Escrevem-se hoje na Rússia livros e mais livros sobre as contribuições de [Vladimir Ilich] Lenin [1870-1924] e [Josef] Stalin [1878-1953]. Ainda assim, o sistema permanece como era nos dias de Karl Marx; efetivamente o marxismo é petrificado. Lenin contribuiu apenas com fortes injúrias a seus adversários; Stalin não contribuiu com nada. Com efeito, é questionável chamar qualquer uma dessas contribuições de novas, quando nos damos conta

de que o legado mais importante de Marx para essa filosofia foi publicado em 1859.²¹

Leva muito tempo para que ideias conquistem o mundo. Quando Marx morreu em 1883, seu nome era – e assim permaneceu por muito tempo – desconhecido. Poucos jornais noticiaram, e em modestas linhas, que o filósofo alemão, autor de uma série de livros, tinha morrido. Eugen von Böhm-Bawerk [1851-1914] publicou uma crítica das ideias econômicas de Marx em 1896,²² mas foi só 20 anos depois que as pessoas começaram a considerar Karl. Marx um filósofo.

As ideias de Marx e sua filosofia realmente dominam nosso tempo. A interpretação dos acontecimentos recentes e da história em livros populares, bem como em escritos filosóficos, romances, peças e assim por diante, são em geral marxistas. A filosofia da história de Marx está no centro. Dela se toma o termo “dialético”, que é aplicado a todas as suas ideias. Mas isso não é tão importante quanto entender o que significa o materialismo marxista.

Materialismo tem dois significados diferentes. O primeiro se refere exclusivamente a problemas éticos. Um homem materialista só se importa com coisas materiais – comida, bebida, segurança – e não por arte, cultura e coisas afins. Nesse sentido, a maioria dos homens é materialista. O segundo significado de materialismo diz respeito a um grupo específico de soluções propostas para um problema filosófico básico – a relação entre a mente ou a alma humana e o corpo humano e suas funções fisiológicas. O homem deu várias respostas a essa questão – entre elas respostas religiosas. Nós sabemos muito bem que há relação entre corpo e mente; a prática

21 Marx, Karl. *A Contribution to the Critique of Political Economy* [Contribuição à crítica da Economia Política] [1859] Moscou: Progress Publishers, 1859.

22 Böhm-Bawerk, Eugen von. *The Unresolved Contradiction in the Economic Marxian System* [As contradições não resolvidas no sistema marxista] [1896], Em: *Shorter Classics of Eugen von Böhm-Bawerk*. South Holland, Illinois: Libertarian Press, 1962, pp. 201-302.

cirúrgica provou que certas lesões no cérebro causam mudanças no funcionamento da mente humana. De qualquer forma, materialistas deste segundo tipo explicam todas as manifestações da mente humana como produtos do corpo.

Entre esses materialistas filosóficos existem duas escolas de pensamento:

A. Uma escola considera o homem uma máquina. Este tipo de materialista diz que esses problemas são muito simples: a “máquina” humana funciona exatamente como qualquer outra. Um pensador francês, Julien de La Mettrie [1709-1751], escreveu um livro contendo essa ideia, *Man, the Machine* [Homem, a máquina]; e hoje muitas pessoas ainda querem explicar todas as operações da mente humana como se fossem, direta ou indiretamente, operações mecânicas. Por exemplo, veja a Enciclopédia das Ciências Sociais. Um de seus colaboradores, um professor da *New School for Social Research*, diz que um recém-nascido é como um carro da Ford, pronto para correr. Pode até ser! Mas uma máquina, um Ford recém-nascido, não corre sozinho. Ela não realiza nada, não faz nada sozinha – são sempre os homens, ou alguns homens, que realizam algo por meio das máquinas. É preciso que alguém opere a máquina. Se o operador para, a operação da máquina para também. Nós devemos perguntar a este professor da *New School for Social Research*: “quem opera a máquina?” A resposta destruiria a doutrina materialista da máquina.

As pessoas às vezes também falam em “alimentar” as máquinas, como se estas estivessem vivas. Mas, obviamente, elas não estão. Então as pessoas às vezes também dizem que as máquinas sofrem um “colapso nervoso”. Mas como um objeto sem nervos pode sofrer um colapso nervoso? A doutrina da máquina foi repetida à exaustão, mas não é muito realista. Nós não temos que lidar com ela porque nenhum homem sério realmente acredita nela.

B. A “doutrina fisiológica” oferecida pela segunda classe de materialistas é mais importante. Ela foi formulada de modo primitivo por Ludwig Feuerbach [1804-1872] e Karl Vogt [1817-1895] durante a juventude de Karl Marx. De acordo com eles, os pensamentos e ideias são “simplesmente” emanções do cérebro. (Nenhum filósofo materialista jamais deixa de usar a palavra “simplesmente”, o que significa: “eu sei, mas não posso explicar”). Os cientistas hoje sabem que algumas condições patológicas causam certas secreções, e que certas secreções causam determinadas atividades no cérebro. Mas essas secreções são quimicamente as mesmas para todos os que vivem a mesma situação e condição. Mesmo assim, ideias e pensamentos não são iguais para todas as pessoas numa mesma situação e condição; elas são diferentes.

Primeiro, ideias e pensamentos não são tangíveis. Segundo, os mesmos fatores externos não produzem a mesma reação em todo mundo. Um dia uma maçã caiu da árvore e atingiu a cabeça de um certo jovem [Isaac Newton]. Isso deve ter acontecido a diversos jovens antes dele, mas esse acontecimento particular desafiou este determinado jovem, e a partir dali ele desenvolveu algumas ideias.

Mas as pessoas não têm sempre os mesmos pensamentos quando expostas aos mesmos fatos. Por exemplo, na escola alguns aprendem; outros não. Existem diferenças entre os homens. Bertrand Russell [1872-1970] perguntou: “qual é a diferença entre homens e pedras?”. A resposta dele foi que não havia nenhuma diferença exceto que os homens reagem a mais estímulos do que as pedras. Mas, na verdade, existem diferenças. Pedras reagem de acordo com um padrão definido que nós podemos conhecer; temos a possibilidade de antecipar o que acontecerá a uma pedra se ela for tratada de uma certa forma. Mas os homens não reagem todos da mesma maneira quando recebem um tipo de tratamento; não conseguimos determinar tais categorias de ação para o homem. Logo, embora muitos achem que materialismo fisiológico é uma solução,

ele na verdade leva a um beco sem saída. Se ele fosse uma solução para o problema, isso significaria que em qualquer circunstância nós teríamos como saber de que maneira todo mundo reagiria. Nós não conseguimos sequer imaginar quais seriam as consequências se todo mundo soubesse o que as outras pessoas iriam fazer.

Karl Marx não era um materialista no primeiro sentido – do “homem como máquina”. Mas a ideia fisiológica era muito popular no seu tempo. Não é fácil saber exatamente o que influenciou Marx, porque ele nutria ódios pessoais e inveja. Marx odiava Vogt, o maior expoente do materialismo fisiológico. Assim que os materialistas como Vogt começaram a falar sobre política, Marx disse que eles tinham péssimas ideias; isso significava que Marx não gostava deles.

Marx desenvolveu o que ele pensava ser um novo sistema. De acordo com sua interpretação materialista da história, as “forças produtivas materiais” são a base de tudo. Cada estágio das forças produtivas materiais corresponde a uma fase específica das relações de produção. As forças produtivas materiais determinam as relações de produção, ou seja, os tipos de posse e propriedade que existem no mundo. E as relações de produção determinam a superestrutura. Na terminologia marxista, capitalismo e feudalismo são relações de produção. Cada uma delas foi necessariamente produzida por um estágio particular das forças produtivas materiais. Em 1859, Karl Marx disse que um novo estágio das forças produtivas materiais produziria o socialismo.

Mas quais seriam essas forças produtivas materiais? Assim como Marx nunca disse o que era uma “classe”, também nunca disse o que são exatamente as “forças produtivas materiais”. Depois de ler seus escritos, descobrimos que as forças produtivas materiais são as ferramentas e as máquinas. Em um de seus livros [*Misère de la philosophie* – A miséria da filosofia], escrito em francês em 1847, Marx diz: “o moinho movido pelo braço humano nos dá a so-

cidade com o suserano; o moinho movido a vapor, a sociedade com o capitalista industrial”.²³ Ele não disse neste livro, mas em outros textos afirmou que surgirão outras máquinas, que nos levarão ao socialismo.

Marx tentou evitar de qualquer jeito a interpretação que de cunho geográfico do progresso, porque ela já tinha caído em descrédito. O que ele disse foi que as “ferramentas” eram a base do progresso. Marx e [Friedrich] Engels [1820-1895] acreditavam que se desenvolveriam novas máquinas que nos levariam ao socialismo. Eles comemoravam a cada nova máquina, pensando que com isso o socialismo estava cada vez mais perto. No livro escrito em francês em 1847, Marx criticou aqueles que davam importância à divisão do trabalho; segundo ele, as ferramentas é que eram importantes.

Nós não podemos esquecer que as ferramentas não caem do céu. Elas são o produto de ideias. Para explicar as ideias, Marx disse que as ferramentas, as máquinas – as forças produtivas materiais – se refletem no cérebro dos homens e dessa forma as ideias surgem. Mas as ferramentas e máquinas são elas mesmas o resultado de ideias. Além disso, antes de haver máquinas, deve haver divisão do trabalho. E antes de haver divisão do trabalho, é preciso desenvolver algumas ideias. A origem dessas ideias não pode ser explicada por alguma coisa que só é possível numa sociedade que é, ela mesma, produto de ideias.

O termo “material” fascinava as pessoas. Para explicar mudanças nas ideias, no pensamento e em tudo o que é produto de ideias, Marx reduziu-as a mudanças nas ideias tecnológicas. Ele não era original nisso. Por exemplo, Hermann Ludwig Ferdinand von Helmholtz [1821-1894] e Leopold von Ranke [1795-1886] interpretavam a história como a história da tecnologia.

23 “Le moulin à bras vous donnera la société avec le souzerain; le moulin à vapeur, la société avec le capitaliste industriel”. Marx, Karl. *Misère de la Philosophie*. Paris and Brussels, 1847, p. 100.

O papel da ciência histórica era explicar por que pessoas que tinham todo conhecimento prático necessário para a construção de determinadas invenções não as concretizavam. Por que, por exemplo, os gregos antigos, que tinham o conhecimento técnico necessário, não desenvolveram as ferrovias?

Assim que uma doutrina se torna popular, ela é simplificada de um modo que possa ser entendida pela massa. Marx disse que tudo depende das condições econômicas. Ele afirmou em *A miséria da filosofia* que a história das fábricas e das ferramentas se desenvolvia de maneira independente. De acordo com Marx, todo o movimento da história humana é resultado do desenvolvimento das forças produtivas materiais, as ferramentas. Com o desenvolvimento das ferramentas, a construção da sociedade muda, e como consequência todo resto também muda. Com “todo resto”, ele quis dizer a superestrutura. Autores marxistas, escrevendo sob influência do pensador alemão, explicavam a superestrutura toda pelas mudanças nas relações de produção. E eles explicaram tudo nas relações de produção pelas mudanças nas ferramentas e máquinas. Isso foi uma vulgarização, uma simplificação da doutrina marxista, pela qual Marx e Engels não são completamente responsáveis. Eles criaram muitas besteiras, mas não são responsáveis por todas as besteiras que circulam hoje em dia.

O que influenciou a doutrina marxistas das ideias? O filósofo René Descartes [1596-1650], que viveu na primeira metade do século XVII, acreditava que o homem tinha mente e pensava, mas que os animais eram apenas máquinas. Marx disse, obviamente, que Descartes viveu numa época em que o “*Manufakturperiode*”, as ferramentas e máquinas, estavam em uma fase que o forçou a explicar sua teoria dizendo que os animais eram máquinas. Albrecht von Haller [1708-1777], um suíço, disse a mesma coisa no século XVIII (ele não gostava da igualdade perante a lei dos governos liberais). Entre os dois, viveu de La Mettrie, que também inter-

pretava o homem como uma máquina. Logo, o conceito de Marx de que as ideias são produto das ferramentas e máquinas de determinada época é facilmente derrubada.

John Locke [1632-1704], o conhecido filósofo do empirismo, afirmou que tudo na mente humana vem de experiências sensíveis. Marx disse que Locke era um porta-voz da doutrina da classe burguesa. Isto leva a duas deduções diferentes dos escritos de Karl Marx: (1) a sua interpretação de Descartes é que o filósofo francês estava vivendo numa era em que as máquinas surgiram e por isso ele explicou que o homem era uma máquina; e (2) a interpretação que Marx fez da inspiração de Locke – que ela veio do fato de que ele era um representante dos interesses da classe burguesa. Aí estão duas explicações incompatíveis para a origem das ideias. A primeira explicação – que ideias têm por base as forças produtivas materiais, as ferramentas e máquinas – é irreconciliável com a segunda, que diz que os interesses de classe determinam as ideias.

Segundo Marx, todo homem é forçado – pelas forças produtivas materiais – a pensar de um modo que evidencia seus interesses de classe. Você pensa da maneira que seus “interesses” o forçam a pensar; você pensa de acordo com os “interesses” de sua classe. Seus “interesses” são independentes da sua mente e das suas ideias. Seus “interesses” existem no mundo separados das suas ideias. Consequentemente, o produto de suas ideias não é a verdade. Antes do aparecimento de Karl Marx, a noção de verdade não tinha nenhum significado real por toda a história. O que o pensamento das pessoas produziu no passado foi sempre “ideologia”, não verdade.

“*Les idéologues*” ficaram famosos na França por causa de Napoleão [1769-1821] que disse que tudo estaria bem no país não fosse por esses “*idéologues*”. Em 1812, Napoleão foi derrotado. Ele deixou seu exército na Rússia, voltou sozinho, incógnito, e apareceu em Paris no fim de dezembro de 1812. Jogou a culpa pelos ma-

les ocorridos com a França nos maus “*idéologues*”, que influenciaram o país.

Marx usou a ideologia com outro sentido. Segundo ele, a ideologia era uma doutrina criada pelos membros de uma classe. Todas essas doutrinas não eram verdades, mas meramente expressões dos interesses da classe em questão. Obviamente, um dia haverá uma sociedade sem classes. Uma classe – a classe proletária – prepara o caminho para a sociedade sem classes. A verdade atual são as ideias dos proletários. Os proletários abolirão todas as classes, e então virá a Idade de ouro, a sociedade sem classes.

Marx chamou Joseph Dietzgen [1828-1888] de proletário, mas o teria chamado de burguês mesquinho se o tivesse conhecido melhor. Oficialmente Marx aprovava todas as ideias de Dietzgen, mas em sua correspondência com Ferdinand Lassalle [1825-1864], ele expressava algumas discordâncias. Não há uma lógica universal. Toda classe tem sua própria lógica. Mas, claro, a lógica do proletariado já é a verdadeira lógica do futuro. (Essas pessoas se ofenderam quando os racistas usaram as mesmas ideias, alegando que as diversas raças têm lógicas diferentes, mas a lógica dos arianos é a verdadeira).

A sociologia do conhecimento de Karl Mannheim [1893-1947] nasceu das ideias de Hitler. Todo mundo pensa por ideologias – isto é, doutrinas falsas. Mas existe uma classe de homens que gozam de um privilégio – Marx os chamava de “intelectuais independentes”. Esses “intelectuais independentes” têm o privilégio de descobrir verdades além das ideologias. A influência dessa ideia de “interesses” é enorme. Primeiramente, lembre-se que essa doutrina não diz que os homens agem e pensam de acordo com o que consideram ser seus interesses. Em segundo lugar, é preciso lembrar que ela considera os “interesses” independentes dos pensamentos e ideias dos homens.

Esses interesses independentes forçam os homens a pensar e agir de determinada maneira. Como exemplo da influência que essa ideia tem sobre o pensamento atual, posso mencionar um senador americano um democrata – que disse que as pessoas votam do com seus “interesses”; ele não disse de acordo com o que eles pensam ser seus interesses. Essa ideia é de Marx – caso se considere “interesses” como coisas definidas e separadas das ideias de uma pessoa. A ideia de doutrina de classe foi desenvolvida primeiramente por Karl Marx no *Manifesto Comunista*.

Nem Engels e nem Marx eram do proletariado. Engels era bastante endinheirado. Caçava raposas num casaco vermelho – um passatempo dos ricos. Ele tinha uma namorada que considerava muito inferior a si para pensar em casamento. Ela morreu, e a irmã dela se tornou sua sucessora. Ele finalmente se casou com a irmã, mas apenas quando ela estava morrendo – só dois dias antes de sua morte.

Karl Marx nunca teve muito dinheiro. Ganhava alguma coisa como colaborador regular de *The New York Tribune*. Mas ele se sustentava quase completamente com a ajuda de seu amigo Engels. Marx não era um proletário; era o filho de um advogado bem-nascido. Sua mulher, Mrs. Karl Marx Jenny von Westphalen, [1814-1881], era filha de um importante nobre da Prússia. E o cunhado de Marx era o chefe da polícia prussiana.

Assim esses dois homens, Marx e Engels, que afirmavam que a mente dos proletários era diferente da mente dos burgueses, ficavam numa posição desconfortável. Então eles incluíram uma passagem no *Manifesto Comunista* para se explicar: “quando chega a hora, alguns membros da burguesia se unem às classes ascendentes”. De qualquer maneira, se alguns homens conseguem se libertar da lei dos interesses de classe, a lei não é mais uma lei geral.

Segundo a interpretação de Marx, as forças produtivas materiais levam os homens de um estágio a outro, até que eles atingem

o socialismo, que é o fim, o ápice de todo o processo. Marx disse que o socialismo não pode ser planejado antecipadamente; a história tomará conta de tudo. Na visão de Marx, aqueles que falam como o socialismo vai funcionar são apenas “utópicos”.

O socialismo já estava intelectualmente derrotado no tempo em que Marx escreveu. Ele respondia a seus críticos dizendo que aqueles que se opunham não passavam de “burgueses”. Ele dizia que não havia necessidade de derrotar os argumentos de seus oponentes, bastava desmascarar sua origem burguesa. Como sua doutrina era apenas ideologia burguesa, não era necessário lidar com ela. Isto significa que nenhum burguês poderia escrever a favor do socialismo. De modo que todos esses escritores estavam ansiosos para provar que eram proletários. É apropriado também mencionar a esta altura que o ancestral do socialismo francês, Saint-Simon,²⁴ era um descendente de uma famosa família de duques e condes.

É pura mentira a ideia de que as invenções se desenvolvem porque as pessoas buscam propósitos práticos e não verdades.

Quando Marx publicou suas obras, o pensamento alemão era dominado por George Wilhelm Friedrich Hegel [1770-1831], professor da Universidade de Berlim. Hegel desenvolvera a doutrina da evolução filosófica da história. Sob certos aspectos, suas ideias eram diferentes – e mesmo exatamente o oposto – das de Marx. Hegel foi o homem que destruiu o pensamento e a filosofia alemães por mais de um século ao menos. Ele encontrou um alerta em Immanuel Kant [1724-1804], que disse que a filosofia da história só poderia ser escrita por um homem que tem a coragem de fingir que vê o mundo com os olhos de Deus. Hegel acreditava que tinha os “olhos de Deus”, que ele sabia o fim da história, que ele sabia os planos de Deus. Ele disse que o espírito (*Geist*) se desenvolve e se manifesta no curso da evolução histórica. Portanto, o curso da his-

24 Claude Henri de Rouvry, Conde de Saint-Simon (1760-1825)

tória é um progresso incontornável das condições menos satisfatórias para as mais satisfatórias.

Em 1825, Hegel disse que nós tínhamos alcançado uma situação maravilhosa. Considerava o reino da Prússia de Friedrich Wilhelm III [1770-1840] e a Igreja Unificada da Prússia como os governos secular e espiritual perfeitos. Marx disse, assim como Hegel, que havia história no passado, mas que não haverá mais quando nós atingirmos um estado satisfatório. Assim, Marx adotou o sistema hegeliano, embora ele usasse forças produtivas materiais no lugar da *Geist*. As forças produtivas materiais passam por várias fases. A fase presente é péssima, mas há uma coisa a seu favor – ela é um estágio preliminar necessário para o aparecimento do estado perfeito do socialismo. E estamos a um passo da sociedade socialista.

Hegel era conhecido como o filósofo do absolutismo prussiano. Ele morreu em 1831. Sua escola pensava em termos de esquerda e direita. (A esquerda não gostava do governo prussiano e da Igreja prussiana unificada). Esta distinção entre esquerda e direita existe desde então. No parlamento francês, aqueles que não gostavam do governo do rei se sentavam no lado esquerdo da assembleia. Hoje em dia ninguém quer sentar no lado direito.

Originalmente – ou seja, antes de Karl Marx – o termo “direita” dizia respeito aos apoiadores do governo representativo e das liberdades civis, em oposição à “esquerda”, que era favorável ao absolutismo e contra os direitos civis. O aparecimento das ideias socialistas mudou o significado desses termos. Alguns representantes da “esquerda” foram diretos ao expressar suas opiniões. Por exemplo, Platão [427-347 AC] foi franco ao afirmar que o filósofo deveria comandar. E Augusto Comte [1798-1857] disse que a liberdade era necessária no passado, porque deu-lhe a possibilidade de publicar seus livros, mas depois que essas obras já tinham sido publicadas, não havia mais nenhuma necessidade de liberdade. E da

mesma forma, Étienne Cabet [1788-1856] falou de três classes de livros: os ruins, que deveriam ser queimados; os medianos, que deveriam ser reparados; e os “bons” que restassem. Como consequência, houve grande confusão quando o assunto eram as liberdades civis sob o estado socialista. Isso aconteceu porque as ideias marxistas não se desenvolveram em países que tinham liberdades civis, mas em países que não tinham tais liberdades.

Nikolai Bukharin [1888-1938], um autor comunista que viveu em um país comunista, escreveu um panfleto em 1917,²⁵ em que disse que no passado nós exigimos liberdade de imprensa, pensamento e liberdades civis, porque nós estávamos na oposição e precisávamos de liberdades para conquistar o poder. Agora que nós o conquistamos, não há mais necessidade para estas liberdades. [Bukharin foi julgado e condenado à morte nos Expurgos de março de 1938, em Moscou]. Se o Sr. Bukharin tivesse sido um comunista americano, ele provavelmente ainda estaria vivo e livre para escrever mais panfletos sobre porque a liberdade não é necessária.

Estas peculiaridades da filosofia marxista só podem ser explicadas pelo fato de que Marx, embora vivesse na Grã-Bretanha, não estava lidando com as condições deste país, onde ele achava que as liberdades civis não eram mais necessárias, mas com as condições na Alemanha, França, Itália e assim por diante, países em que as liberdades civis ainda não estavam estabelecidas. Assim vemos que a distinção entre direita e esquerda, que tinha sentido nos dias da revolução francesa, não tem mais nenhum sentido.

25 Bukharin, Nikolai. *The Russian Revolution and its Significance* [A Revolução Russa e seu significado], *The Class Struggle*, Vol. I, No. 1 (maio-junho de 1917).

II. Luta de classes e socialismo revolucionário

Marx supunha que os “interesses” eram independentes das ideias e do pensamento humanos. Ele dizia que o socialismo era o sistema ideal para o proletariado. Ele disse também que os interesses de classe determinam o pensamento dos indivíduos e que essa situação causa conflitos incontornáveis entre as várias classes. Então Marx retornou ao ponto em que havia começado – a saber, que o socialismo é o estado ideal.

Os conceitos fundamentais do *Manifesto Comunista* (1848) eram os de “classe” e “luta de classes”. Mas Marx não disse o que era uma “classe”. Marx morreu em 1883, 35 anos depois da publicação deste livro. Durante este período ele publicou muitas obras, mas em nenhuma delas ele disse o que queria dizer com o termo “classe”. Depois da morte de Marx, Friedrich Engels publicou o manuscrito inacabado do terceiro volume d’*O Capital*. Engels disse que esse manuscrito, em que Marx parou de trabalhar, muitos anos antes de morrer, tinha sido achado na mesa dele depois de sua morte. Em um capítulo de três páginas desse volume, Marx diz o que uma “classe” não era. Mas você pode pesquisar em todos os seus escritos para desvendar o que são as “classes” sem jamais descobrir. É o nosso pensamento – nosso modo de organizar em categorias – que constroem as classes em nossa mente. A questão não é sa-

ber se as classes sociais existem no sentido de Marx; mas sim se nós podemos usar o conceito de classes sociais no sentido em que Marx o entendia. Não, não podemos.

Marx não via que a questão dos “interesses” ou de uma classe não pode ser esclarecida simplesmente dizendo que esse interesse existe e que os homens devem agir de acordo com ele. Duas perguntas devem ser feitas: (1) esses interesses levam as pessoas a quais fins? (2) Quais métodos eles querem utilizar para alcançar esses fins?

A Primeira Internacional foi um pequeno grupo de pessoas, um comitê de poucos homens em Londres, amigos e inimigos de Karl Marx. Já se sugeriu que eles cooperavam com o movimento trabalhista britânico. Em 1865, Marx leu no encontro do Comitê Internacional um texto – *Valor, Preço e Lucro* –, uma das poucas obras escritas em inglês. Nesse artigo, ele afirmou que os métodos do movimento sindical eram muito ruins e deveriam ser mudados. Parafraseando: “Os sindicatos querem melhorar o destino dos trabalhadores dentro da estrutura do sistema capitalista – isso não tem futuro e é inútil. Dentro da estrutura do sistema capitalista não existe possibilidade de melhorar o estado dos trabalhadores. O melhor que o sindicalismo poderia conseguir seria algum sucesso limitado. Os sindicatos devem abandonar essa política “conservadora”; eles devem adotar a política revolucionária. Devem lutar pela abolição da sociedade do assalariado como tal e trabalhar pelo socialismo vindouro”. Marx não teve coragem de publicar esse artigo durante sua vida; o texto só foi impresso depois de sua morte por uma de suas filhas. Ele não queria se desentender com os sindicatos trabalhistas; ele ainda tinha esperança de que eles abandonariam sua teoria.

Aqui existe um claro conflito de opiniões entre os próprios proletários a respeito dos meios corretos a utilizar. Os sindicatos proletários e Marx discordavam sobre o que era do “interesse” dos

proletários. Marx dizia que os “interesses” de uma classe eram óbvios – não poderia haver dúvida sobre eles – todos o saberiam. Então chega um homem que não pertencia de modo algum ao proletariado, um escritor e um advogado que dizem aos sindicatos que eles estavam errados. “Essa política é ruim” ele disse. “Vocês devem mudá-la radicalmente”. É aqui que toda a ideia de classe cai por terra, a ideia de que um indivíduo pode, às vezes se enganar, mas uma classe como um todo nunca se engana.

As críticas às doutrinas marxistas sempre foram superficiais. Elas nunca mostraram como Marx se contradisse e como não conseguiu explicar suas ideias. A crítica de Böhm-Bawerk²⁶ foi boa mas não abarcou todo o sistema. Os críticos sequer descobriram as contradições mais claras de Karl Marx.

Marx acreditava na “lei de ferro dos salários”. Ele a tomava por fundamento de sua doutrina econômica. Ele não gostava do termo alemão para esta lei, a “lei de bronze dos salários”, sobre a qual Ferdinand Lassalle [1825-1864] havia publicado um panfleto. Marx e Lassalle não eram amigos; eram adversários, grandes adversários. Marx dizia que a única contribuição de seu antagonista fora o termo “lei de bronze dos salários”. E além disso, ele havia tomado o termo emprestado do dicionário e de Goethe.²⁷

A “lei de ferro dos salários” ainda sobrevive em muitos manuais, na mente de políticos e consequentemente em muitas de nossas leis. De acordo com essa lei, a faixa salarial é determinada pela quantidade de comida e outras necessidades básicas para a preservação e reprodução vida, para manter os filhos dos trabalhadores até que eles mesmos possam trabalhar nas fábricas. Se a faixa sala-

26 Böhm-Bawerk, Eugen von. *The Unresolved Contradiction in the Economic Marxian System* [As contradições não resolvidas no sistema econômico marxista] [1896], Em: *Shorter Classics of Eugen von Böhm-Bawerk*. South Holland, Illinois: Libertarian Press, 1962, pp. 201-302.

27 Marx também criticava Lassalle por usar o termo “Arbeiterstand” (estado do trabalho); ele dizia que Lassalle estava se confundindo, mas Marx nunca explicou em que sentido exatamente seu adversário estava se confundindo.

rias passasse deste patamar, aumentaria o número de trabalhadores, e esse aumento diminuiria a faixa salarial novamente. As remunerações não podem ficar abaixo disso porque então o desemprego aumentaria. Essa lei vê o trabalhador como algum tipo de micróbio ou roedor sem livre escolha ou livre arbítrio.

Se você acha que é absolutamente impossível os salários saírem dessa faixa sob o sistema capitalista, como ainda pode falar, como Marx, sobre o inevitável empobrecimento progressivo dos trabalhadores? Existe uma contradição incontornável entre a ideia marxista da lei de ferro dos salários, que diz que os salários permanecerão num nível suficiente para sustentar os descendentes dos trabalhadores até que eles mesmos se tornem trabalhadores, e sua filosofia da história, que afirma que os trabalhadores ficarão cada vez mais pobres até que serão levados à rebelião aberta, dando à luz ao socialismo. É claro que ambas as doutrinas são insustentáveis. Até mesmo 50 anos atrás os principais pensadores socialistas se viram forçados a recorrer a outros esquemas elaborados a fim de sustentar suas teorias. O inacreditável é que durante o século que se passou desde que Marx produziu seus escritos, ninguém tenha apontado essa contradição. E ela não é a única na obra marxista.

O que realmente destruiu Marx foi sua ideia de empobrecimento progressivo dos trabalhadores. Ele não viu que a característica mais importante do capitalismo era a produção em larga escala para atender às necessidades das massas; o principal objetivo dos capitalistas é produzir para a grande massa. Marx também não viu que sob o capitalismo, o consumidor sempre tem razão. Na sua posição de assalariado, o trabalhador não pode determinar que se produz. Mas como consumidor, ele é de fato o chefe e diz a seu chefe, o empresário, o que fazer. O seu chefe deve obedecer às ordens do trabalhador, já que ele é um membro do público consumidor. A Sra.

Webb,²⁸ como outros socialistas, era filha de um homem de negócios bem-sucedido. Como outros socialistas, ela pensava que seu pai era um autocrata que dava ordens em todo mundo. Ela não via que ele estava sujeito à soberania das ordens dos consumidores. A “grande” Sra. Webb não era mais inteligente que o mais estúpido garoto de recados que só vê que seu chefe dá ordens.

Marx não tinha dúvidas quanto aos objetivos que os homens buscam. Nem tinha dúvida quanto à melhor maneira para se alcançar esses objetivos. Como pode um homem que lia tanto e só interrompia sua leitura para escrever, não perceber tamanhas contradições em suas ideias?

Para responder a essa pergunta, nós precisamos voltar ao pensamento de sua época. Era o tempo da *Origem das Espécies* [1859], de Charles Darwin. A moda intelectual daquele momento era enxergar o homem simplesmente como um membro da classe zoológica dos mamíferos, que agia com base nos instintos.

Marx não levava em conta a evolução da humanidade além do nível do homem extremamente primitivo. Considerava o trabalho não qualificado como a regra e o trabalho qualificado como a exceção. Ele escreveu em um de seus livros que o progresso no desenvolvimento tecnológico das máquinas acarreta o desaparecimento dos especialistas, porque as máquinas podem ser operadas por qualquer um; não é preciso ter habilidades especiais para operar uma máquina.

Consequentemente, o tipo normal de homem no futuro será o não-especialista. Com relação a muitas de suas ideias, Marx pertencia a um passado muito mais distante, especialmente ao construir sua filosofia da história. Ele substituiu a evolução do espírito (*Geist*) de Hegel pela evolução dos fatores materiais de produção. Ele não percebeu que os fatores materiais de produção, ou seja, as

28 Beatrice Webb (1858-1943), esposa de Sidney Webb (1859-1947), mais tarde Lady e Lord Passfield, foram socialistas fabianos.

ferramentas e máquinas, são, na realidade, produtos da mente humana. Segundo ele, essas ferramentas e máquinas, as forças materiais de produção, abrem caminho para a chegada do socialismo. Sua teoria tem sido chamada de “materialismo dialético”, na abreviação usada pelos socialistas: “*diamet*”.

[Em um parêntese, o Dr. Mises contou que visitou uma escola no México, uma “*escuela socialista*”, uma “escola socialista”. Ele perguntou ao diretor da escola o que significava “escola socialista”. O diretor explicou que a lei do país exigia escolas que ensinassem a doutrina evolucionista de Darwin e o materialismo dialético. Então ele fez um comentário sobre as condições da exigência que a lei fazia e sobre o sistema escolar em si: “Existe uma grande diferença entre a letra da lei e a prática. Noventa por cento dos professores nas nossas escolas são mulheres, e a maioria delas são católicas praticantes”.]

Marx raciocinava partindo da tese, daí para a negação da tese e, por último, para a negação da negação. A propriedade privada dos meios de produção por cada trabalhador individualmente era o início, a tese. Este era o *status quo* numa sociedade em que cada trabalhador ou era um fazendeiro independente ou um artesão que era dono das ferramentas com que trabalhava. Negação da tese – propriedade sob o capitalismo – quando as ferramentas não pertenciam mais aos trabalhadores, mas aos capitalistas. A negação da negação era a propriedade dos meios de produção ser de toda a sociedade. Raciocinando desta forma, Marx dizia ter descoberto a lei da evolução da história. E por isso ele chamava sua teoria de “socialismo científico”.

Marx rotulou todos os socialistas anteriores de “socialistas utópicos”, porque eles tentaram mostrar por que o socialismo era melhor. Os socialistas utópicos queriam convencer seus compatriotas de que estavam certos porque pensavam que as pessoas adotariam o sistema socialista se convencidos de que este era o melhor.

Para Marx, eles eram utópicos porque tentavam descrever o futuro paraíso terrestre. Entre os antecessores de Marx que ele considerava “utópicos” estavam Saint-Simon, um aristocrata francês; Robert Owen [1771-1858], um proprietário de manufatura inglês; e Charles Fourier [1772-1837], um francês que era sem dúvida um lunático. (Fourier era chamado de “*fou [tolo] du Palais-Royal*”. Ele costumava fazer afirmações como “na era socialista, o oceano não será mais salgado, mas terá gosto de limonada”). Marx considerava esses três como grandes antecessores. Mas, segundo Marx, eles não perceberam que o que diziam era apenas “utópico”. Eles achavam que o socialismo viria com a mudança de opinião das pessoas. Mas para Marx, o advento do socialismo era inevitável; ele viria com a inevitabilidade da natureza.

De um lado, Marx falava da inevitabilidade do socialismo. Do outro, ele organizava o movimento socialista, um partido socialista, declarava à exaustão que seu socialismo era revolucionário, e que a derrubada violenta do governo era necessária para a ascensão do socialismo.

Marx pegou suas metáforas emprestadas do campo da ginecologia. O partido socialista era como a obstetrícia, ele dizia; torna possível a chegada do socialismo. Quando perguntados por que não davam preferência a evolução em vez da revolução, uma vez que consideravam o processo inevitável, os marxistas respondiam: “Não existem evoluções na vida. O nascimento mesmo não é uma revolução?”.

De acordo com Marx, o objetivo do partido socialista não era influenciar, mas apenas auxiliar o inevitável. Mas os obstetras influenciam e modificam as condições. Obstetras, na verdade, trouxeram progressos a essa área da medicina, e até salvaram vidas. E ao salvar vidas, pode-se dizer que eles de fato mudaram o curso da história.

O termo “científico” ganhou prestígio durante o século XIX. O *Anti-Dühring* (1878), de Engels, se tornou um dos livros de maior sucesso entre os escritos da filosofia marxista. Um dos capítulos desta obra foi reimpresso como um panfleto sob o título de “*O desenvolvimento do socialismo da utopia à ciência*”, e teve enorme sucesso. Karl Radek [1885-1939], um comunista soviético, escreveu depois um panfleto intitulado “*O desenvolvimento do socialismo, da ciência à ação*”.

Marx formulou sua doutrina da ideologia para fazer os escritos da burguesia cair em descrédito. [Tomáš] Masaryk [1850-1937] nasceu na Tchecoslováquia, filho de pais pobres, camponeses e trabalhadores, e escreveu sobre o marxismo. Mesmo assim os marxistas o chamavam de burguês. Como ele poderia ser considerado um “burguês” se Marx e Engels se referiam a si mesmos como “proletários”?

Se os proletários devem pensar de acordo com os “interesses” de sua classe, como explicar quando existem desentendimentos e divergências entre eles? A confusão torna a situação muito difícil de esclarecer. Quando há divergências entre proletários, eles chamam a pessoa que diverge de “traidor da sociedade”. Depois de Marx e Engels, o grande nome do comunismo era um alemão: Karl Kautsky [1854-1938]. Em 1917, quando Lenin tentou levar a revolução ao mundo todo, Kautsky se opôs à ideia. E por conta dessa discordância, aquele que era o grande nome do partido virou de repente um “traidor da sociedade”, e ele era chamado disso e de muitas outras coisas.

Essa interpretação é como a dos racistas. Os racistas alemães afirmavam que um determinado conjunto de ideias eram alemãs, e todo verdadeiro alemão deveria necessariamente pensar de acordo com este conjunto particular. Esta era a interpretação dos nazistas. De acordo com eles, a melhor situação era ficar em estado de guerra. Mas alguns alemães – Kant, Goethe e Beethoven, por

exemplo – tinham algumas ideias não-alemãs. Se não é necessário que todos os alemães pensem de certo modo, quem decidiria quais ideias são alemãs e quais não são? A resposta só pode ser que uma “voz interior” é o padrão definitivo, a medida definitiva. Esta posição leva necessariamente a conflitos que só podem resultar em guerras civis e até em guerras internacionais.

Havia dois grupos na Rússia, ambos se consideravam proletários: os Bolcheviques e os Mencheviques. O único meio de “resolver” as discordâncias entre os dois era usar a força e liquidar o adversário. Os bolcheviques ganharam. Então surgiram novas diferenças de opinião dentro das fileiras dos bolcheviques – entre Trótski²⁹ e Stalin – e a única maneira de resolver o conflito era o expurgo. Trótski foi exilado à força, levado para o México, e lá foi morto a machadadas em 1940. Stalin não criou coisa alguma; ele retornou ao Marx revolucionário de 1859 – não para o Marx intervencionista de 1848.

Infelizmente, expurgos não acontecem só porque os homens são imperfeitos. Expurgos são a consequência necessária dos fundamentos filosóficos do socialismo marxista. Se você não consegue discutir diferenças de opinião filosóficas do mesmo jeito que discute outros problemas, precisa achar outra solução – por meio da violência e da força. Isso se refere não só a divergências a respeito de políticas, problemas econômicos, sociologia, lei e assim por diante. Refere-se também a problemas das ciências naturais. Os Webb's, Lord e Lady Passfield ficaram chocados ao descobrir que revistas e artigos russos tratavam até de problemas das ciências naturais do ponto de vista da filosofia do marxismo-leninismo-stalinismo. Por exemplo, se existe uma diferença de opinião no campo da ciência ou da genética, ela deve ser resolvida pelo “líder”. Essa é a consequência inevitável do fato de que, segundo a doutrina marxista, você não acredita que exista a possibilidade de duas pessoas hones-

29 Leon Trótski (1879-1940).

tas divergirem; ou você pensa como eu ou é um traidor e deve ser aniquilado.

O *Manifesto Comunista* surgiu em 1848. Nele, Marx pregava a revolução; ele acreditava que a revolução estava a um passo. Por isso, acreditava que o socialismo se estabeleceria por uma série de medidas intervencionistas.

Ele listou dez dessas medidas – entre elas o aumento progressivo do imposto de renda, a abolição do direito de herança, reforma agrária e assim por diante. Essas medidas não se sustentariam por muito tempo, ele disse, mas eram necessárias para a chegada do socialismo.

Desse modo, Karl Marx e Friedrich Engels acreditavam, em 1848, que o socialismo poderia ser alcançado pelo intervencionismo. Em 1859, onze anos depois do Manifesto, os dois haviam abandonado a defesa do intervencionismo, não acreditavam mais que o socialismo viria através de mudanças legislativas. Eles queriam fazer o socialismo se impor através de uma mudança radical repentina. Desse ponto de vista, seguidores de Marx e Engels achavam que medidas posteriores – o *New Deal*, o *Fair Deal* e afins – eram políticas “burguesas mesquinhas”. Na década de 1840, Engels dizia que as leis trabalhistas inglesas eram um sinal de progresso e um sinal de colapso do capitalismo. Mais tarde, ele e Marx passaram a chamar de péssimas medidas e políticas intervencionistas (*Sozialpolitik*) desse tipo.

Em 1888 – 40 anos depois da publicação do Manifesto Comunista –, saiu uma tradução feita por um escritor inglês. Engels adicionou alguns comentários a essa tradução. Referindo-se às dez medidas intervencionistas defendidas no Manifesto, disse que elas eram não só insustentáveis, como necessariamente forçariam cada vez mais o aparecimento de novas medidas do tipo, até que eventualmente estas medidas mais profundas levariam ao socialismo.

III. Individualismo e a Revolução Industrial

Os liberais enfatizavam, a importância do indivíduo. Os liberais do século XIX já consideravam o desenvolvimento do indivíduo como a coisa mais importante. “Indivíduo e individualismo” era o slogan liberal e progressista. Reacionários já tinham atacado esta posição no início do século XIX.

Os racionalistas e liberais do século XIX afirmavam que precisamos, acima de tudo, de boas leis. Costumes antigos que não podiam ser justificados racionalmente deveriam ser abandonados. A única justificativa para uma lei era se ela podia promover o bem-estar social ou não. Em muitos países, liberais e racionalistas demandaram constituições escritas, a codificação das leis e as novas leis que permitiriam o desenvolvimento das faculdades de todo indivíduo.

Uma reação a essa ideia se desenvolveu, especialmente na Alemanha, onde o jurista e historiador do direito Friedrich Karl von Savigny [1779-1861] produzia sua obra. Savigny dizia que as leis não podem ser escritas pelo homem; as leis são desenvolvidas de algum modo místico pelo “espírito popular”. Não é o indivíduo que pensa – é a nação ou alguma entidade social que usam o indivíduo apenas para expressar seus próprios pensamentos. Sob este aspecto, os marxistas não eram seguidores de Hegel, cuja principal ideia so-

bre a evolução histórica falava sobre a evolução do indivíduo rumo à liberdade.

Do ponto de vista de Marx e Engels, o indivíduo era irrelevante aos olhos da nação. Eles negavam que cada um de nós desempenha um papel na evolução da história. De acordo com os dois, a história segue seu próprio caminho. As forças produtivas materiais seguem seu caminho, desenvolvendo-se independentemente da vontade dos indivíduos. E os eventos históricos acontecem com a inevitabilidade das leis da natureza. As forças produtivas materiais fazem o papel do diretor de uma ópera; precisam de um substituto caso tenham problemas, como o diretor de ópera precisa de um substituto se um cantor ficar doente. De acordo com esta lógica, Napoleão e Dante, por exemplo, não foram importantes – se eles não tivessem aparecido para ocupar seu papel especial na história, outras pessoas teriam subido ao palco para tomar seus lugares.

Para entender certas palavras, você precisa entender a língua alemã. Do século XVII em diante, foram feitos esforços consideráveis para lutar contra as palavras de origem latina e em eliminá-las da língua germânica. Em muitos casos, uma palavra estrangeira foi mantida apesar de também haver uma expressão alemã com o mesmo significado. As duas palavras começaram como sinônimos, mas com o passar do tempo, adquiriram significados diferentes. Um exemplo é a palavra *Umwälzung*, tradução alemã literal de “revolução” em latim. A palavra latina não tem o sentido de luta. Logo, se dois sentidos para processos violentos como a revolução francesa ou a para a palavra “revolução” se desenvolveram: um com sentido de violência e outro significando uma revolução gradual como a revolução industrial. De qualquer forma, Marx usa a palavra alemã revolução (*Umwälzung*) não apenas para processos violentos como a revolução francesa ou a russa, mas também para processos graduais como a revolução industrial.

III. Individualismo e a Revolução Industrial

O termo Revolução Industrial foi cunhado incidentalmente por Arnold Toynbee [1852-1883]. Os marxistas dizem: “o que faz a derrubada do capitalismo se aproximar não é a revolução – veja o exemplo da revolução industrial”.

Marx atribuiu um significado especial para escravidão, servidão e outros sistemas opressivos. Era necessário, segundo ele, que os trabalhadores fossem livres para que o explorador os explorasse. Essa ideia veio da interpretação que ele fez da situação dos senhores feudais, que tinham de cuidar de seus empregados mesmo quando não estavam trabalhando. Marx interpretou as mudanças liberais que aconteceram como a libertação do explorador da responsabilidade pela vida dos trabalhadores. Ele não viu que o movimento liberal dirigiu seus esforços para a abolição da desigualdade diante da lei, a desigualdade entre servo e senhor.

Karl Marx acreditava que a acumulação de capital era um obstáculo. Para ele, a única explicação para o acúmulo de riquezas era que uma pessoa roubasse outra. Na sua visão, toda a revolução industrial consistiu simplesmente na exploração dos trabalhadores pelos capitalistas. De acordo com Marx, a situação dos trabalhadores piorou com a chegada do capitalismo. A diferença entre a situação deles e aquela dos servos e escravos era que o capitalista não tinha obrigação de cuidar dos trabalhadores que não eram mais exploráveis, enquanto o senhor feudal era obrigado a dar assistência a escravos e servos. Essa é mais uma das contradições incontornáveis do sistema marxista. Mesmo assim, muitos economistas aceitam essa ideia sem perceber em que consiste a contradição.

Segundo Karl Marx, o capitalismo é um estágio necessário e inevitável na história da humanidade, que levará os homens das condições primitivas para o milênio socialista. Se o capitalismo é um passo necessário e inevitável no caminho para o socialismo, então não se pode afirmar com consistência, do ponto de vista marxis-

ta, que as ações do capitalista são ética e moralmente más. Então, por que Marx ataca os capitalistas?

Ele diz que o capitalista se apropria de parte da produção que é tirada dos trabalhadores. De acordo com Marx isso é ruim. Como consequência, os trabalhadores não podem mais consumir tudo o que foi produzido. Parte do que produziram, então, permanece sem consumo; há um “subconsumo”. Por esta razão, porque existe subconsumo, as depressões econômicas acontecem regularmente. Essa é a teoria marxista do subconsumo e sua relação com as depressões econômicas. Mas Marx, em outro momento, contradiz essa teoria.

Autores marxistas não explicam por que a produção parte de métodos mais simples para outros cada vez mais complexos.

E Marx também não mencionou o seguinte fato: por volta de 1700, a população da Grã-Bretanha estava em torno de 5,5 milhões; na metade do século XVIII, a população era de 6,5 milhões, e por volta de 500 mil eram simplesmente miseráveis. O sistema econômico como um todo tinha criado um “excedente” populacional. O problema da população excedente apareceu mais cedo para os britânicos do que para a Europa continental. Isso aconteceu, em primeiro lugar, porque a Grã-Bretanha é uma ilha e assim não estava sujeita a invasões de exércitos estrangeiros, que tiveram influência na redução das populações europeias. As guerras no país foram civis, e muito ruins, mas pararam. Então esse entrave para o excedente populacional desapareceu, e o número de pessoas cresceu. Na Europa a situação foi diferente; primeiramente, a chance de trabalhar na agricultura era maior que na Inglaterra.

O velho sistema econômico inglês não pôde lidar com o aumento populacional. O excedente era constituído de péssimas pessoas: pedintes, assaltantes, ladrões e prostitutas. Eles eram auxilia-

III. Individualismo e a Revolução Industrial

dos por várias instituições, como as leis dos pobres³⁰ e a caridade das comunidades. Alguns foram inseridos no exército e na marinha para serviços fora do país. Também havia pessoas na agricultura que se tornaram dispensáveis. Existia o sistema de guildas e outros monopólios na indústria de transformação, que tornaram a expansão da indústria impossível. Nessa época pré-capitalista havia uma nítida divisão entre as classes sociais que conseguiam comprar sapatos e roupas novas e aqueles que não conseguiam. As indústrias de transformação produziam em geral para as classes altas. Aqueles que não podiam comprar roupas novas usavam peças usadas. Havia então muitas trocas de roupas de segunda-mão – trocas estas que desapareceram quase completamente quando a indústria moderna começou a produzir também para as classes baixas. Se o capitalismo não tivesse dado meios para esse “excedente”, populacional se sustentar, eles teriam morrido de fome. A varíola matou muitas pessoas na época pré-capitalista; agora ela está praticamente erradicada. Avanços na medicina também são produtos do capitalismo.

O que Marx chamou de grande catástrofe da revolução industrial não foi uma catástrofe de modo algum; ela trouxe melhorias tremendas para a condição de vida das pessoas. Muitos dos que não teriam sobrevivido de outro modo, sobreviveram. Não é verdade, como Marx disse, que os avanços tecnológicos só estão disponíveis para os exploradores, e que as massas estão vivendo num estado muito pior do que viviam às portas da revolução industrial. Tudo que os marxistas dizem sobre a exploração é absolutamente errado! É tudo mentira! Na verdade, o capitalismo deu possibilidade de sobrevivência para muitas pessoas que em outra situação não conseguiriam sobreviver. E hoje em dia muitas pessoas, ou a maioria de-

30 Lei inglesa que dava assistência pública aos pobres, criada na era elisabetana, e reformulada em 1834 com o objetivo de instituir casas de assistência com administração nacional centralizada.

las, têm um padrão de vida muito melhor do que tinham seus antepassados há 100 ou 200 anos atrás.

Durante o século XVIII, apareceram vários autores eminentes – o mais conhecido deles foi Adam Smith [1723-1790] – que defendiam o livre comércio. E eles falavam contra os monopólios, contra as guildas e contra privilégios dados pelo rei e pelo parlamento. Em seguida, alguns indivíduos de gênio, quase sem economias ou capital, começaram a organizar pobres esfomeados a fim de produzir, não em fábricas, mas fora delas, e não apenas para classes altas. Esses novos produtores organizados começaram a fazer coisas simples precisamente para as grandes massas. Essa foi a grande mudança que aconteceu; essa foi a revolução industrial. E essa revolução fez com que mais comidas e outros produtos ficassem disponíveis para que essa população melhorasse de situação. Ninguém viu menos o que estava acontecendo do que Marx. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a população tinha aumentado tanto que havia então 60 milhões de ingleses.

Você não pode comparar os Estados Unidos com a Inglaterra. Os Estados Unidos começaram quase como um país do capitalismo moderno. Mas você pode dizer, em termos gerais, que de cada oito pessoas vivas nos países da civilização ocidental, sete só estão vivas por conta da revolução industrial. Você tem certeza de que é esse um em oito que teria sobrevivido sem a revolução industrial? Se não está, pare e pense nas consequências desse acontecimento.

A interpretação da revolução industrial feita por Marx se aplica também para a ideia de “superestrutura”. Ele dizia que as forças produtivas materiais, as ferramentas e máquinas, produzem as “relações de produção”, a estrutura social, os direitos de propriedade e assim por diante, os quais produzem a “superestrutura” – a filosofia, a arte, e a religião. A “superestrutura”, segundo Marx, depende da classe dos indivíduos, ou seja, se ele é um poeta, pintor

etc. Ele interpretava tudo o que acontecia na vida espiritual da nação deste ponto de vista. Arthur Schopenhauer [1788-1860] foi chamado de filósofo das ações e títulos. Friedrich Nietzsche [1844-1900] foi chamado de filósofo dos grandes negócios. Para cada mudança na ideologia, para cada mudança na música, na arte, nos romances, nas peças, os marxistas tinham uma interpretação imediatamente. Todo livro novo era explicado pela “superestrutura” do momento. Todo livro era acompanhado de um adjetivo – “burguês” ou “proletário”. A burguesia era considerada uma massa reacionária indiferenciada.

Não pense que um homem consegue praticar uma certa ideologia a vida toda sem acreditar nela. O uso do termo “capitalismo maduro” mostra como pessoas que não se consideram de modo algum marxistas, foram totalmente influenciadas por Marx. O Sr. e a Sra. Hammond, e na verdade quase todos os historiadores, aceitaram a interpretação marxista da revolução industrial.³¹ A única exceção foi Ashton.³²

Karl Marx, na segunda fase de sua carreira, não era um intervencionista; ele era favorável ao *laissez faire*. Porque ele esperava que o colapso do capitalismo e sua substituição pelo socialismo viriam da maturidade plena do sistema do capital, ele era a favor de deixar o capitalismo se desenvolver. Nesse aspecto, ele era, em seus escritos e livros, um defensor da liberdade econômica.

Marx acreditava que medidas intervencionistas eram desfavoráveis porque atrasavam a chegada do socialismo. Os sindicatos trabalhistas defendiam o intervencionismo, e consequentemente, Marx se opunha a eles. De qualquer forma os sindicatos não produ-

31 J.L. e Barbara Hammond, autores da trilogia *The Village Labourer* (O trabalhador da vila) (1911), *The Town Labourer* (O trabalhador da cidade) (1917) e *The Skilled Labourer* (O trabalhador qualificado) (1999)

32 T.S. Ashton. *The Industrial Revolution 1760-1830* (A Revolução Industrial 1760-1830) (1948). Londres: Oxford University Press, 1998.

zem nada, e teria sido impossível aumentar os salários se os produtores não tivessem produzido mais.

Marx alegava que o intervencionismo feria o interesse dos trabalhadores. Os socialistas alemães votaram contra as reformas sociais de [Otto von] Bismarck, que ele instituiu por volta de 1881 (Marx morreu em 1883). E nos Estados Unidos, os comunistas eram contra o *New Deal*. Claro, o verdadeiro motivo para a oposição deles ao governo era muito diferente. Nenhum partido de oposição quer dar tanto poder para outro partido. Ao criar programas socialistas, todos pensam tacitamente que eles mesmos serão os planejadores ou os ditadores, ou que o planejador ou ditador será intelectualmente dependente dele e que será seu faz-tudo. Ninguém quer ser um simples membro de um esquema planejado por outra pessoa.

Essas ideias de planejamento remontam ao tratado de Platão sobre a forma da cidade-estado. Platão era muito franco. Ele criou um sistema comandado exclusivamente por filósofos. Queria eliminar todos os direitos e decisões individuais. Ninguém deveria ir a lugar algum, descansar, dormir, comer, beber, lavar-se a menos que fosse orientado a fazê-lo. Platão queria reduzir as pessoas a peões no seu plano. O que precisamos é ter um ditador que indique um filósofo como um tipo de primeiro-ministro ou presidente do quadro de gerenciamento da produção. O programa de socialistas tão sólidos – Platão e Hitler, por exemplo – também visava gerar futuros socialistas, a criação e educação de futuros membros da sociedade.

Durante os 2300 anos passados desde Platão, pouquíssima oposição a suas ideias foi registrada. Nem mesmo Kant. A inclinação psicológica em favor do socialismo deve ser levada em consideração quando se discutem as ideias marxistas. Isso não se limita àqueles que se consideram marxistas.

Os marxistas negam que exista a busca desinteressada pelo conhecimento. Mas eles também não são coerentes nesse caso, pois

eles dizem que um dos propósitos do estado socialista é eliminar esse tipo de busca conhecimento. É um insulto, eles dizem, que as pessoas estudem coisas inúteis.

Agora quero discutir o significado da distorção ideológica de verdade. A consciência de classe não se desenvolve de começo, mas deve necessariamente se desenvolver. Marx desenvolveu sua doutrina da ideologia porque ele percebeu que não podia responder às críticas levantadas contra o socialismo. Sua resposta era: “O que você diz não é verdade. É apenas ideologia. O que um homem pensa, enquanto não tivermos uma sociedade sem classes, é necessariamente uma ideologia de classe – quer dizer, baseia-se numa falsa consciência”. Sem muitas explicações, Marx pensava que esse tipo de ideia era útil para a classe e para o membro da classe que a desenvolveu. Tais ideias serviam para alcançar os objetivos da classe interessada.

Marx e Engels apareceram e desenvolveram as ideias de classe do proletariado. Assim, a partir desse momento a doutrina da burguesia é absolutamente falsa. Pode-se pensar que a burguesia precisava desta explicação para aliviar o peso na consciência. Mas por que eles deveriam ter a consciência pesada se sua existência era necessária? E ela é necessária, segundo a doutrina marxista, pois sem a burguesia, o capitalismo não pode se desenvolver. E até que o capitalismo esteja “maduro”, não pode haver socialismo.

Segundo Marx, a economia burguesa, algumas vezes chamada de “apologia da produção burguesa”, auxiliava os burgueses. Os marxistas podiam ter dito que a interpretação que a burguesia deu a esta teoria da burguesia malvada justificava, do seu ponto de vista, e também do ponto de vista dos explorados, o modo de produção capitalista, assim fazendo com que o sistema pudesse existir. Mas esta seria uma explicação nada marxista. Em primeiro lugar, de acordo com a doutrina de Marx, nenhuma justificativa é necessária para o sistema de produção burguês; a burguesia explora por-

que seu negócio consiste em explorar, assim como o negócio dos micróbios consiste em explorar. A burguesia não precisa de justificativa alguma. Sua consciência de classe lhe mostra que ela tem de fazer isso; explorar é da natureza do capitalista.

Um amigo russo de Marx escreveu para ele dizendo que a obrigação dos socialistas deve ser ajudar a burguesia a explorar melhor, e ele respondeu que isso não era necessário. Marx então escreveu uma pequena nota dizendo que a Rússia poderia alcançar o socialismo sem passar pelo estágio do capitalismo. Na manhã seguinte, ele deve ter percebido que se admitisse que um país poderia pular um dos estágios inevitáveis, toda a sua teoria estaria destruída. Então ele não mandou a nota. Engels, que não era tão brilhante, descobriu esse pedaço de papel na mesa de Marx, copiou-o com sua própria letra e mandou a cópia para Vera Zasulich [1849-1919], que ficou famosa na Rússia por ter tentado assassinar o comissário de polícia de São Petersburgo e ter sido absolvida pelo júri – ela tinha bons advogados de defesa. Essa mulher publicou a nota de Marx e se tornou uma das grandes figuras do partido bolchevique.

No sistema capitalista a promoção existe precisamente de acordo com o mérito. Se as pessoas não alcançam o sucesso, sua mente fica amargurada. Elas relutam em admitir que não progrediram por conta da sua falta de inteligência. Elas culpam a sociedade pelo seu fracasso. Muitos culpam a sociedade e se voltam para o socialismo. Esta tendência é especialmente forte entre os intelectuais. Porque profissionais tratam uns aos outros como iguais, o menos capaz deles considera-se “superior” aos não profissionais e sente que merece um reconhecimento maior do que recebe. A inveja tem um papel importante. Existe entre as pessoas uma predisposição filosófica para a insatisfação com o estado de coisas presente. Há também insatisfação com as condições políticas. Se está insatisfeito, você se pergunta se existem outras possibilidades.

III. Individualismo e a Revolução Industrial

Marx tinha “anti-talento” – ou seja, falta de talento. Ele foi influenciado por Hegel e Feuerbach, especialmente pela crítica deste ao cristianismo. Ele admitia que sua teoria da exploração fora tirada de um panfleto anônimo da década de 1820. Suas teses econômicas eram distorções de ideias tiradas de [David] Ricardo [1772-1823].³³

Marx era ignorante no que se referia à economia; ele não percebia que pode haver dúvidas sobre o melhor meio de produção a ser utilizado.

A grande questão é saber como devemos utilizar os escassos fatores de produção disponíveis. Marx achava que era óbvio o que tinha de ser feito. Ele não percebia que o futuro é sempre incerto, que é o trabalho de todo homem de negócios ser o fornecedor para o futuro incerto. No sistema capitalista, os trabalhadores e aqueles que trabalham com tecnologia obedecem ao empresário. Sob o socialismo, eles obedecerão ao oficial socialista. Marx não levava em consideração que há uma diferença entre dizer o que precisa ser feito e fazer o que outra pessoa diz que tem que ser feito. O estado socialista é necessariamente um estado policial.

O definhamiento do estado foi apenas a tentativa de Marx de evitar responder o que aconteceria sob o socialismo. Sob o socialismo, as pessoas convictas saberão que estão sendo punidas em benefício de toda a sociedade.

O terceiro volume d’*O Capital* está repleto de longas citações das audiências dos comitês do parlamento inglês sobre dinheiro e sistema bancário, e elas não fazem, nenhum sentido.³⁴ Por exemplo: “O sistema monetário é essencialmente católico, o sistema de crédito essencialmente protestante... mas o sistema de crédito não pode se emancipar da base do sistema monetário mais que o

33 Ricardo, David. *On The Principle of Political Economy and Taxation* (Princípios de Economia Política e tributação) (1817). Londres: John Murray, 1821.

34 Marx, Karl. *Capital: A Critique of Political Economy* (O Capital: uma crítica da Economia Política), III. Chicago: Charles. H. Kerr, 1909, pp. 17, 530-667.

protestantismo pode se emancipar dos fundamentos do catolicismo”.³⁵ Completamente sem sentido!

35 Ibid., p. 696.

IV. Nacionalismo, socialismo e revolução violenta

A doutrina marxista não nega a que possa haver uma verdade absoluta, mas sustenta que ela só pode ser alcançada numa sociedade sem classes. Ou em uma sociedade da classe proletária.

O principal livro de Lenin,³⁶ ou ao menos seu livro mais volumoso (agora disponível em *Collected Works of Lenin*), levou algumas pessoas a chamá-lo de filósofo. A maior parte das críticas de Lenin às ideias de seus adversários consiste em chamá-las de “burguesas”. Sua filosofia é meramente uma reafirmação das ideias filosóficas de Marx; sob certos aspectos nem está à altura de outros escritores marxistas russos.

A teoria e a filosofia marxistas não se desenvolveram em países em que havia partidos comunistas. Pessoas que chamamos de marxistas se consideravam apenas intérpretes de Marx; eles nunca tentaram mudar nada no pensamento dele. De todo modo, há contradições em Marx. Então é possível citar passagens de seus escritos sob todas as perspectivas. A influência de Marx em todos os autores e escritores que viveram depois que ele morreu tem sido considerável, mesmo que estes autores geralmente não o admitam.

36 Lenin, V.I. *Materialism and Empirio-criticism: Critical Comments on a Reactionary Philosophy* (Materialismo e empirio-criticismo: comentários críticos sobre uma filosofia reacionária). Moscou: Zveno Publishers, 1909.

Embora os marxistas se considerem somente interpretes de Marx, um deles, um escritor, acrescentou alguma coisa e teve grande influência não somente sobre seu pequeno grupo de seguidores, mas também sobre outros autores. Georges Sorel [1847-1922] – que não deve ser confundido com Albert Sorel [1842-1906] –, um importante historiador, desenvolveu uma filosofia em diversos aspectos diferente da filosofia marxista. E ela influenciou a ação política e o pensamento filosófico. Sorel era um tímido intelectual burguês, um engenheiro. Ele se aposentou para discutir essas coisas com seus amigos na livraria de Charles Péguy [1873-1914], um revolucionário socialista. Com o passar dos anos, Péguy mudou de opinião e no fim da vida era um autor católico fervoroso. Péguy tinha sérios conflitos com sua família. Era famoso por sua relação com Sorel. E era um homem de ação; ele morreu em ação em 1914, nas primeiras semanas da guerra.

Sorel pertencia psicologicamente ao grupo de pessoas que sonham com a ação, mas nunca agem; ele não lutava. Como escritor, de qualquer forma, ele era muito agressivo. Ele louvava a crueldade e lamentava o fato de que ela estava cada vez mais desaparecendo de nossas vidas. Em um de seus livros, *Reflexões sobre a violência*, ele avaliava que era uma manifestação de decadência dos partidos marxistas que, apesar de se considerarem revolucionários, eles tivessem degenerado e se tornado partidos parlamentares. Onde está a revolução se você está no parlamento? Ele também não gostava de sindicatos trabalhistas. Achava que esses sindicatos deviam abandonar a empreitada sem esperanças de buscar maiores salário e adotar, em vez desta postura conservadora, o processo revolucionário.

Sorel enxergou claramente a contradição no sistema de Marx, que por um lado falava de revolução e por outro dizia: “a chegada do socialismo é inevitável, e você não pode acelerar seu estabelecimento por que o socialismo não virá antes que as forças

produtivas materiais atinjam tudo o que é possível dentro estrutura da velha sociedade”. Ele viu que ideia da inevitabilidade era contraditória com a ideia de revolução. Esta é a contradição sobre a qual todo socialista se pergunta – Kautsky, para citar apenas um. Sorel adotou completamente a ideia de revolução.

Ele pediu uma nova tática aos sindicatos: a *action directe* [ação direta] – atacar, destruir, sabotar. Considerava essas políticas agressivas apenas preliminares para o grande dia em que os sindicatos declarariam uma “greve geral”. É nesse dia que os sindicatos vão dizer: “agora nós não trabalhamos mais. Nós queremos destruir completamente a vida da nação”. Greve geral é apenas o sinônimo para revolução em curso. A ideia de *action directe* se chama “sindicalismo”.

Sindicalismo pode significar apropriação da indústria pelos trabalhadores. Com esse termo, os socialistas querem dizer “propriedade do estado e operação por conta das pessoas”. Sorel queria atingir isso através da revolução. Ele não questionava a ideia de que a história leva ao socialismo. Existe um tipo de instinto que empurra o homem para o socialismo, mas Sorel tomava isto como um tipo de superstição, um impulso interno que não pode ser analisado. Por essa razão, sua filosofia tem sido comparada com o “impulso vital” [élan vital] de Henri Bergson (mitos, contos de fadas, fábulas, lendas). De qualquer maneira, no pensamento de Sorel, “mito” significa outra coisa – uma afirmação que não pode ser criticada pela razão.

1. O socialismo é um fim.
2. A greve geral é o melhor meio.

A maior parte dos escritos de Sorel data do período de 1890 a 1910. Eles tiveram uma influência enorme sobre o mundo, não apenas sobre os revolucionários socialistas, mas também sobre os partidários do rei, os defensores da restauração da Casa de Orange, a “*Action française*” e, em outros países, a “*Action nationale*”. Mas

todos esses partidos gradualmente se tornaram um pouco mais “civilizados” que Sorel achava que deveriam.

Foi a ideia francesa de sindicalismo que influenciou os movimentos mais importantes do século XX. Lenin Mussolini e Hitler foram influenciados por Sorel, pela sua ideia de ação, pela ideia de não falar, mas matar. A influência sobre Mussolini e Lenin não foi questionada. Para saber sobre a influência sobre o nazismo, leia o livro de Alfred Rosenberg³⁷ chamado “*O mito do Século XX*”. A ideia fundamental do racismo foi emprestada dos franceses. O único homem que realmente contribuiu com alguma coisa para o pensamento marxista foi Sorel, junto com um grupo de sindicalistas – um grupo relativamente pequeno composto exclusivamente de intelectuais, e até ricos e intelectuais desocupados, como os “*penthouse bolshevists*”³⁸ de Nova York. Eles repetiram à exaustão que só os trabalhadores têm vigor e consciência de classe bastantes para caçar e destruir o sistema burguês.

O centro da atividade marxista mudou da Alemanha para a França. A maior parte dos textos marxistas são escritos em francês. A obra de Sorel foi feita na França. Afora a Rússia, existem mais marxistas na França do que em qualquer outro país; no entanto, há mais discussão sobre o comunismo na França do que na Rússia. A École Normale Supérieure [Escola Normal Superior] em Paris foi um importante centro de ensino marxista. Lucien Herr [1864-1926], o bibliotecário, foi muito influente. Ele foi o pai do marxismo francês. Como antigos estudantes École Normale Supérieure foram se tornando cada vez mais importantes, a instituição espalhou o marxismo por toda a França.

37 Rosenberg (1893-1946) foi um ideólogo nazista condenado à morte por crimes de guerra em Nuremberg, no dia 1 de outubro de 1946. Ele foi executado em 16 de outubro de 1946.

38 O termo jocoso, que poderia ser traduzido literalmente como “bolcheviques da cobertura”, refere-se a comunistas ricos (logo, hipócritas). Para ilustrar com um exemplo brasileiro, podemos citar os frequentadores dos “saraus de grã-finos” de Nelson Rodrigues – NT.

Em geral, a mesma situação se impôs pela maior parte dos países europeus. Quando as universidades pareciam lentas na aceitação do marxismo, investia-se em escolas especiais para educar as novas gerações na ortodoxia socialista. Este era o objetivo da *London School of Economics*, uma instituição fabiana fundada pelos Webb's. Mas ela não poderia evitar de ser invadida por pessoas com outras ideias. Por exemplo, [Friedrich A.] Hayek [1899-1992] ensinou durante alguns anos na *London School of Economics*. Isso aconteceu em todos os países – países europeus tinham universidades públicas. As pessoas a geralmente não sabiam que o Czar não colocava nas universidades imperiais russas os defensores do livre mercado, mas os marxistas. Estes professores eram chamados de marxistas legais, ou melhor “leais”. Quando os bolcheviques chegaram ao poder não foi necessário atirar nos professores.

Marx não viu nenhuma diferença entre as várias partes do mundo. Uma de suas doutrinas dizia que o capitalismo é um estágio no desenvolvimento do socialismo. Nesse aspecto, existem algumas nações que estão mais atrasadas que outras. Mas o capitalismo estava destruindo as barreiras comerciais e migratórias que um dia impediram a unificação do mundo. Consequentemente, as diferenças de maturidade na evolução dos vários países no rumo para o socialismo iriam desaparecer.

No *Manifesto Comunista* de 1848, Marx disse que o capitalismo estava destruindo todas as peculiaridades nacionais e unificando todos os países do mundo num só sistema econômico. Os preços baixos dos produtos eram o meio que o capitalismo usava para destruir o nacionalismo. Mas em 1848, as pessoas comuns não sabiam coisa alguma sobre a Ásia ou a África. Marx estava ainda menos informado do que o empresário inglês médio, que sabia alguma coisa sobre relações comerciais com a China e a Índia. A única atenção que Marx deu a esse problema foi a observação, mais tarde publicado por Vera Vasulich, sobre a possibilidade que um

país teria de pular o estágio capitalista e partir diretamente para o socialismo.

Marx não tinha habilidade para aprender observando os eventos políticos e a literatura política que se publicava ao seu redor. Para ele não existia praticamente nada além dos livros dos economistas clássicos, que ele encontrou na biblioteca do *British Museum*, e as audiências das comissões parlamentares. Ele não via o que estava se passando na sua própria vizinhança. Não via que muitas pessoas estavam lutando, não pelo interesse do proletariado, mas pelos princípios da nacionalidade.

Marx ignorava completamente esse princípio de nacionalidade. O princípio dizia que cada grupo linguístico formasse um estado independente e que todos os membros de tal grupo deveriam ser reconhecidos e unificados. Este foi o princípio que causou os conflitos na Europa, levou à completa destruição do sistema europeu e criou o atual caos no continente. O princípio de nacionalidade não leva em conta que existem vastos territórios em que os grupos linguísticos estão misturados. Então houve conflitos entre esses vários grupos, que finalmente resultaram na situação que temos hoje em dia na Europa. Menciono isso porque é um princípio de governo que era desconhecido até agora.

De acordo com esse princípio, a nação indiana não existe. É possível que o princípio de nacionalidade quebre a Índia em diversos estados independentes, que lutarão uns com os outros. O parlamento indiano usa a língua inglesa. Os membros dos vários estados não podem se comunicar entre si de outra forma que não seja pela língua do governo, uma língua que eles praticamente extirparam de seu país. Mas essa situação não durará para sempre.

Em 1848, quando se encontraram para um congresso pan-eslavista em Moscou, os eslavos da Europa tiveram que falar entre si em alemão. Mas isso não impediu que depois as coisas tomassem outro rumo.

Marx e Engels não gostavam do movimento nacionalista e nunca lhe deram atenção. Ele não se encaixava nos seus planos e esquemas. Se ao levar em conta algumas observações nada amigáveis que os dois fizeram sobre diversos grupos linguísticos do Império Austro-Húngaro e dos Bálcãs, alguns autores, especialmente franceses, acham que Marx foi um precursor do nacional socialismo – nazismo –, eles estão errados. Marx afirmava que desejava criar um estado mundial. E era essa também a vontade de Lenin.

Por volta de 1848 Marx já presumia que estávamos a um passo do socialismo. Partindo disso, não havia razão para se formarem estados linguísticos. Tal estado só poderia ser temporário. Marx simplesmente presumia que a era das nacionalidades chegaria ao fim, e que nós estávamos a beira de uma era em que não haveria mais diferenças entre os vários tipos, classes, nações, grupos linguísticos etc. Ele negava absolutamente qualquer diferença entre os homens. Eles seriam todos do mesmo tipo. Marx nunca respondeu que língua a população do seu estado mundial falaria ou qual seria a nacionalidade do ditador.

Karl Marx ficava furioso quando alguém lhe dizia que havia diferenças entre homens da mesma nação, da mesma cidade, do mesmo ramo de negócio, assim como todos os marxistas ficam furiosos quando alguém lhes diz que há diferenças entre um inglês e um esquimó. De acordo com Marx, a única diferença estava na educação. Se um idiota e Dante fossem educados da mesma maneira, não haveria diferença entre eles. Essa ideia influenciou os seguidores de Marx, e ainda é um dos princípios que guiam a educação americana. Por que todos não são igualmente inteligentes? Muitos marxistas acham que na futura sociedade socialista a pessoa comum terá os mesmos talentos, dons, inteligência conquistas artísticas que os maiores homens do passado, como Trótski, Aristóteles, Marx e Goethe, mas ainda assim existirão pessoas mais talentosas.

Marx nunca pensou que, na melhor das hipóteses, a educação pode apenas transferir para o aluno o que o professor já sabe. No caso dele, não teria sido o bastante para ele ter sido educado em uma escola por professores hegelianos perfeitos, porque então o que ele teria produzido não passaria de uma repetição do hegelianismo. Ao educar as pessoas com o conhecimento da geração que precedeu a criação do automóvel, não teria sido possível produzir automóveis. A educação nunca pode por si mesma trazer o progresso. O fato de algumas pessoas – graças à sua posição, herança, educação e coisas desse tipo – terem o talento para dar um passo a mais que a geração anterior não pode ser explicado simplesmente pela educação.

De forma similar, é impossível explicar grandes feitos e grandes atos de alguns homens simplesmente dizendo a que nacionalidade ele pertence. O problema é: por que essas pessoas eram diferentes de seus irmãos e irmãs? Marx simplesmente presumia, sem razão alguma, que agora nós estamos vivendo na era do internacionalismo e que os traços de todas as nações desapareceriam. Do mesmo modo que ele achava que a especialização desapareceria, porque as máquinas podem ser operadas por trabalhadores não-qualificados, ele presumia que não haveria mais diferença alguma entre as várias partes do mundo e as várias nações. Todo tipo de conflito entre nações era interpretado como consequência das maquinacões da burguesia. Por que franceses e alemães lutam? Por que lutaram em 1870? Porque as classes dominantes da Prússia e da França queriam lutar. Mas isso não tinha nada a ver com os interesses das nações.

No que diz respeito à sua postura diante da guerra, Marx era, obviamente, influenciado pelas ideias dos liberais *laissez-faire* de Manchester. Ao usar o termo “liberalismo de Manchester” sempre como um insulto, nós tendemos a esquecer a principal afirmação da famosa declaração do Congresso de Manchester, no qual o

termo se originou. Ela diz que num mundo de livre comércio não há mais razão para as nações lutarem umas com as outras. Se existe o livre comércio e toda nação pode aproveitar os produtos de todas as outras, a causa mais importante para a guerra desaparece. Os príncipes estão interessados em aumentar o tamanho de seus territórios a fim de recolher mais impostos e ter mais poder, mas as nações não estão interessadas, porque isso não faz a menor diferença sob o livre mercado. E sem as barreiras à imigração, o indivíduo não se importa se o seu país é grande ou pequeno. Logo, de acordo com os liberais de Manchester, a guerra desaparecerá sob o governo das democracias populares. As pessoas, então, não serão favoráveis à guerra, porque não têm nada a ganhar – só arcam com as despesas e morrem na guerra.

Essa era a ideia que o presidente [Woodrow] Wilson [1856-1924] tinha em mente quando foi para a guerra contra a Alemanha. O que ele não percebeu foi que toda essa história de inutilidade da guerra só vale num mundo em que há livre comércio entre as nações. Não vale num mundo de intervencionismo.

Sir Norman Angell [1872-1967] ainda raciocina da mesma forma. O que os indivíduos alemães ganharam em 1870? Isso podia ser verdade então, pois havia comparativamente um mercado mais livre. Mas hoje a situação é diferente. As políticas da Itália impossibilitaram seus cidadãos, neste mundo de intervencionismo, de conseguir a matéria-prima de que precisavam. É mentira que no mundo atual do intervencionismo um indivíduo não ganha nada com a guerra.

A Liga das Nações é um dos maiores erros da história mundial – e é bom lembrar que aconteceram muitos erros nesta história. Durante os 20 anos da Liga, as barreiras comerciais foram cada vez mais intensificadas. As tarifas perderam importância como barreiras comerciais, porque Liga estabeleceu os embargos.

Como os liberais disseram que a guerra não era mais vantajosa economicamente, porque as pessoas não ganhariam mais com ela, então uma nação democrática não ansiaria mais para entrar em guerra. Marx achava que isso era verdade mesmo no mundo intervencionista que estava se desenvolvendo debaixo do seu nariz. Este foi um dos erros fundamentais do marxismo. Marx não era um pacifista. Ele não dizia que a guerra era algo ruim. Dizia apenas – porque os liberais assim afirmavam – que a guerra entre as nações não tinha importância ou significado algum. Ele dizia que a guerra – ou seja, a revolução, que para ele queria dizer guerra civil – era necessária. Engels também não era um pacifista; ele estudava a ciência militar todos os dias a fim de se preparar para a posição que atribuíra a si mesmo: comandante supremo de todas as nações, comandante dos proletários de todos os países unidos. Lembre-se que ele participava de caçadas a raposas com seu casaco vermelho, que ele dizia para Marx que este era o melhor exercício para um futuro general.

Por conta dessa ideia de revolução – a guerra civil, não a guerra internacional – a Internacional marxista começou a discutir a paz. Em 1864, Marx fundou em Londres a Primeira Internacional. Um grupo de pessoas que tinha muito pouco a ver com o povo e com as massas se encontrou. Havia um secretário para cada país. O secretário da Itália era Friedrich Engels, e muitos outros países tinham por secretários homens que só conheciam os países que representavam como turistas. Brigas entre os membros perturbaram a Internacional. Finalmente ela foi transferida para os Estados Unidos e então se desmanchou em 1876.

A Segunda internacional foi formada em Paris no ano de 1869. Mas esta Internacional não sabia do que tratar. Os sindicatos tinham crescido e se opunham ao livre comércio e à imigração sem barreiras. Sob tais condições, como poderiam achar assuntos a discutir num congresso internacional? Então eles decidiram discutir

paz e guerra, mas somente no nível nacional. Eles diziam que eram todos proletários e que concordavam que nunca entrariam nas guerras da burguesia. Entre os alemães estavam Engels e Karl Kautsky. Havia alguns “maus” franceses no grupo que perguntara: “o que vocês querem dizer com não poderemos defender nosso próprio país? Nós não gostamos dos *Hohenzollerns*”. Nesta ocasião, os franceses fizeram um acordo com os russos, e os alemães não gostaram disso. De tempos em tempos acontecia um desses congressos internacionais, e toda vez os jornais diziam que eles anunciavam o fim da guerra. Mas esses “caras bacanas” não discutiam as reais causas do atrito, as barreiras imigratórias etc. A deflagração da Primeira Guerra Mundial abalou os congressos internacionais.

O que Marx planejava era uma revolução. Mas o que realmente aconteceu foi que ele criou uma organização burocrática nos países europeus que era, em linhas gerais, inocente, porque não tinha poder para pôr prática suas teorias. Então desenvolveu-se no oriente uma organização comunista que infelizmente tinha o poder de executar pessoas e de ameaçar o mundo todo. E tudo isso começou na sala de leitura do *British Museum* de Londres por um homem que não era um homem de ação, mas que era capaz de gerar atos violentos. Foram essas duas personalidades burguesas tímidas, Karl Marx e Georges Sorel, que criaram toda essa confusão. A maior parte das ideias violentas do nosso tempo veio de homens que não eram capazes de resistir a qualquer agressão.

Wilson aceitou a doutrina dos liberais de Manchester, que diz que quando o assunto é guerra, as democracias não gostam de entrar em conflito; as democracias entram em guerra somente para se defender, porque o cidadão não espera da guerra nenhuma melhora em sua condição, nem mesmo se o seu país sai vitorioso. Mas Wilson não percebeu que isso só aconteceria de fato num mundo de livre mercado. Não percebeu que a situação era bem diferente já no tempo em que ele vivia, que era uma época de intervencionismo.

Ele não notou que uma mudança enorme nas políticas econômicas havia tirado na prática a razão da teoria dos liberais de Manchester. As barreiras comerciais eram relativamente inofensivas em 1914. Mas elas pioraram muito nos anos da Liga das Nações. Enquanto os partidários do livre mercado se reuniam com a Liga, em Genebra, e falando em reduzir as barreiras comerciais, havia pessoas em seus países aumentando-as. Em 1933, houve um encontro em Londres para desenvolver a cooperação entre as nações. E exatamente nesta reunião o país mais rico, os Estados Unidos, anulou tudo com regulamentações monetárias e financeiras. Depois disso, todo o aparato se tornou absolutamente inútil.

A teoria de Ricardo, da vantagem comparativa diz que é vantajoso para uma nação permitir o livre comércio mesmo se todas as outras nações mantiverem barreiras comerciais. Se somente os Estados Unidos adotassem o livre mercado haveria certas mudanças. Mas se todos os outros países não largassem o protecionismo com suas barreiras para a importação, os Estados Unidos não poderiam comprar mais mercadorias deles.

Existem isolacionistas não apenas neste país; eles existem também em outros países. Importações precisam ser pagas com exportações e exportações não têm outra finalidade senão pagar as importações. Desse modo, o estabelecimento do livre mercado pela nação mais rica e poderosa do mundo só não mudaria a situação para italianos, por exemplo, se eles mantivessem barreiras comerciais. Também não faria diferença para outros países. A adoção do livre comércio é vantajosa para qualquer país mesmo que todos os outros não o adotem, mas o problema é remover as barreiras dos outros países.

O termo “socialismo”, quando ainda era novo na segunda metade da década de 1830, significava exatamente o mesmo que “comunismo” – ou seja, a nacionalização dos meios de produção. O “comunismo” era o termo mais popular no começo. Lentamente ele

caiu no ostracismo e o termo “socialismo” passou a ser utilizado quase exclusivamente.

Partidos socialistas, partidos social-democratas, foram formados e o seu dogma fundamental era o Manifesto Comunista. Em 1918, Lenin precisava de um novo termo para distinguir seu grupo de socialista daqueles grupos que ele chamava de “traidores da sociedade”. Então ele deu ao termo “comunismo” um novo sentido; ele passou a usá-lo não para se referir ao objetivo final do socialismo e do comunismo, mas sim aos meios táticos para atingi-los. Antes de Stalin, comunismo significava simplesmente o melhor método – o método revolucionário – em oposição ao método pacífico, socialista, dos “traidores socialistas”. No fim dos anos 20, Stalin tentou na Terceira Internacional, sem grande sucesso, dar um sentido diferente para a palavra “comunismo”. De qualquer forma, a Rússia ainda é chamada de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Em certa carta, Marx fez uma distinção entre duas fases do socialismo – a fase intermediária e a fase avançada. Mas Marx não deu nomes diferentes para essas duas fases. Na fase mais avançada, ele disse, haverá uma abundância tão grande de tudo que será possível estabelecer o princípio “para todos de acordo com suas necessidades”. Como críticos estrangeiros notaram diferenças no padrão de vida de vários membros dos soviets russos, Stalin fez uma distinção. No final dos anos 20, ele declarou que a fase intermediária era o “socialismo” e a fase avançada, o “comunismo”. A diferença era que primeira etapa socialista existia desigualdade na remuneração dos vários membros dos soviets russos; a igualdade só seria alcançada na fase avançada, a comunista.

V. Marxismo e manipulação do homem

É chocante que uma filosofia como o marxismo, que ataca todo o sistema social, tenha permanecido por muitas décadas mais ou menos livre de ataques ou contestações. Marx não era muito conhecido durante sua vida, e seus escritos eram praticamente desconhecidos pelos seus contemporâneos. Os grandes socialistas de sua época eram outros – por exemplo, Ferdinand Lassalle. As agitações de Lassalle duraram apenas um ano, porque ele foi morto num duelo que teve motivações privadas, mas ele era considerado o grande homem de seu tempo. Marx, por outro lado, era mais ou menos desconhecido. As pessoas não aprovavam e nem criticavam seus ensinamentos. Ele morreu em 1883. Depois de sua morte, foi publicada a primeira parte da crítica de Böhm-Bawerk às doutrinas econômicas de Marx.³⁹ E depois, na década de 1890, quando o último volume de *O Capital* foi publicado, saiu a segunda parte da crítica do economista austríaco que massacrou suas doutrinas econômicas.⁴⁰

39 Böhm-Bawerk, Eugen von. *The Exploitation Theory in Capital and Interest* [A Teoria da Exploração em Capital e Juros], Vol. 1, *History and Critique of Interest Theories* [História e crítica das teorias dos juros], South Holland, Illinois: Libertarian Press, 1959, pp. 241-321.

40 Böhm-Bawerk, Eugen von. *The Unresolved Contradiction in the Economic Marxian System* [As contradições não resolvidas no sistema econômico marxista] [1896], Em: *Shorter Classics of Eugen von Böhm-Bawerk*, South Hol-

Os marxistas mais ortodoxos tentaram reviver e reestabelecer essas doutrinas. Mas não houve praticamente nenhuma crítica sensata das doutrinas filosóficas de Marx.

As doutrinas filosóficas de Marx se tornaram populares para aquelas pessoas que se familiarizaram com termos, slogans e coisas afins, embora elas usassem de modo diferente do que eles apareciam no sistema marxista. Simplificações do tipo acontecem com muitas doutrinas. Por exemplo, o darwinismo ficou conhecido como a teoria baseada na ideia de que o homem é neto do macaco. O que permanece de Nietzsche não passa muito do “super-homem”, que depois ficou popular nos Estados Unidos sem nenhuma conexão com o filósofo alemão. Quanto a Marx, as pessoas conhecem seus termos, mas elas utilizam-nos de maneira muito desleixada. Mas, em geral, as ideias marxistas sofrem pouco ou nenhuma oposição.

Uma das razões para que as doutrinas de Marx sejam tão diluídas na mentalidade pública foi a maneira que Engels tentou explicar a teoria marxista. Veja o que ele escreveu na lápide de Marx: “Marx descobriu a lei da evolução histórica da humanidade, ou seja, o simples fato, até agora escondido sob o manto ideológico, de que os homens precisam primeiro comer, beber, estar abrigados e vestidos antes que possam se preocupar com política, ciência, arte, religião e coisas do tipo”.⁴¹ Ainda ninguém negou isso. Mas agora se alguém diz qualquer coisa contra a doutrina marxista, podem lhe perguntar: “como você pode ser tão estúpido para negar precisa comer antes de se tornar um filósofo”?

Novamente aparece a teoria das forças produtivas materiais. Mas não se apresenta nenhuma explicação para a formação delas.

land, Illinois: Libertarian Press, 1962, pp. 201-302.

41 Engels, Friedrich. “*Speech at the Grave of Karl Marx*” (Discurso no leito de morte de Karl Marx), Highgate Cemetery, Londres, 17 de março de 1883 (uma versão do elogio foi publicada no jornal *La Justice*, 20 de março de 1883).

O materialismo histórico afirma que as forças produtivas materiais surgem no mundo – ninguém sabe como elas surgem, nem de onde elas vêm – e são elas que criam tudo o mais, ou seja, a superestrutura.

As pessoas às vezes acreditam que houve um sério conflito entre as várias igrejas e o marxismo. Elas acham que o marxismo e o socialismo são incompatíveis com os ensinamentos de todas as igrejas e seitas cristãs. As primeiras seitas comunistas e comunidades monásticas se basearam numa interpretação peculiar da Bíblia como um todo, e dos Atos dos Apóstolos em particular. Nós não sabemos muito sobre essas primeiras seitas comunistas, mas elas existiram na Idade Média e também nos primeiros anos da reforma. Todas essas seitas estavam em conflito com as doutrinas estabelecidas nas suas igrejas ou denominações. Então seria completamente errado responsabilizar a igreja cristã por elas. Menciono isso para mostrar que, ao menos para alguns grupos que em sua maioria era considerada herética pela Igreja –, o conflito não impera absoluto na relação entre socialismo e os ensinamentos da Igreja. As tendências anticristãs dos precursores de Karl Marx e as dele mesmo, e depois, de seus próprios seguidores, os marxistas, precisam ser entendidos antes de tudo dentro do quadro que depois deu origem ao socialismo moderno.

Os estados, os governos e os partidos conservadores nem sempre se opuseram ao socialismo. Pelo contrário; os integrantes de um governo têm a tendência ou inclinação de serem favoráveis à expansão do poder do governo; pode-se até mesmo dizer que existe uma “doença ocupacional” que leva integrantes do governo a serem favoráveis a demandar mais e mais atividades para o governo. Foi exatamente isso, essa propensão dos governos a adotar o socialismo – e muitos governos realmente adotaram o socialismo – que levou o marxismo para o conflito com os vários governos.

Eu mostrei que a pior coisa que pode acontecer com um socialista é que seu país seja governado por socialista que não sejam seus amigos. Esse foi o caso que ocorreu com Marx e o governo prussiano. O governo da Prússia não se opunha ao socialismo. Ferdinand Lassalle atacava os partidos liberais prussianos, que naquele momento estavam em uma grande batalha constitucional com os reis Hohenzollern, encabeçados por Bismarck. A maior parte da população da Prússia estava naquele momento contra o governo; o governo não conseguia ter maioria no parlamento. O rei e o primeiro-ministro comandavam o país sem base de apoio, sem a cooperação do parlamento. Esta era a situação no início da década de 1860. Para ilustrar a fraqueza do governo prussiano, Bismarck, nas suas memórias, relatou uma conversa que teve com o rei. Ele disse que derrotaria o parlamento e os liberais. O rei respondeu: “sim, eu sei como isso vai terminar. Aqui na praça em frente ao palácio. Primeiro eles vão executá-lo depois e depois vão me executar”.

A rainha Victória [1819-1901], cuja filha mais velha [Victória, 1840-1901] tinha casado com o príncipe da Prússia, não ficou muito satisfeita com esses acontecimentos; ela foi convencida que os Hohenzollerns seriam derrotados. Nesse momento crítico, Ferdinand Lassalle, que estava no comando de um movimento trabalhista ainda muito modesto, bem pequeno, foi em socorro do governo dos Hohenzollern. Ele fez reuniões com Bismarck, e eles “planejaram” o socialismo. Introduziram o auxílio governamental, cooperativas de produção, nacionalização e sufrágio universal. Mais tarde Bismarck realmente embarcou num programa legislativo voltado para social. O maior dos rivais dos marxistas era o governo prussiano, e eles lutaram com todos os movimentos possíveis.

Agora você deve perceber que na Prússia, a Igreja prussiana, a igreja protestante, era simplesmente um departamento do governo, administrado por um membro do Gabinete – o ministro da educação e assuntos culturais. Um dos parlamentares de um dos ní-

veis mais baixos da administração cuidava dos problemas da igreja. Ela era, sob este aspecto, uma igreja do estado; era uma igreja do estado até mesmo em sua origem. Antes de 1817, havia luteranos e calvinistas na Prússia. Os Hohenzollerns não gostavam dessa situação. Os luteranos eram maioria nos antigos territórios do país, mas nas terras recentemente conquistadas, os dois grupos estavam presentes. Apesar de a maioria da população da Prússia ser luterana, o eleitorado de Brandenburgo havia se convertido do luteranismo para o calvinismo. Os Hohenzollerns eram calvinistas, mas eles eram a cabeça da igreja luterana em seu país. Então em 1817, no governo de Frederick Wilhelm III da Prússia, as duas igrejas se fundiram para estabelecer a Igreja Unificada da Prússia. A igreja era um ramo do governo do país.

Do século XVII em diante, na Rússia, a igreja foi simplesmente um departamento do governo. Ela não era independente. A dependência do poder secular era uma das características da igreja oriental de Constantinopla. O líder do Império do Oriente era de fato o Patriarca. Esse mesmo sistema foi em alguma medida levado para a Rússia, mas naquele país, a igreja era só uma parte do governo. Desse modo, se você atacava a igreja, atacava também o governo.

O terceiro país em que o problema era bastante crítico era a Itália, quando a unificação nacionalista implicou a abolição do poder secular do Papa. Até a segunda metade do século XIX, a parte central da Itália era governada de maneira independente pelo Papa. Em 1860, o rei da Sardenha conquistou esses estados. O papa só reteve Roma, sob proteção de um destacamento do exército francês até 1860, quando a França teve que se retirar para combater a Rússia. Dessa forma, houve uma contenda muito violenta entre a Igreja Católica e o estado secular italiano. A luta da Igreja contra as ideias marxistas sobre religião é algo diferente da luta contra o programa socialista. Atualmente as coisas se complicam ainda mais pelo fato

de a igreja russa, a Igreja Ortodoxa do Oriente, ter chegado ao que parece, a algum tipo de acordo com os bolcheviques. A luta no oriente é, em grande medida, a luta entre a Igreja oriental e a ocidental – uma continuação da batalha que se originou mais de mil anos atrás entre as duas igrejas. Portanto, os conflitos nesses países, entre a Rússia e as fronteiras ocidentais da cortina de ferro, são muito complicadas. Não é só uma luta contra os métodos econômicos totalitários pela liberdade econômica; é também uma batalha de várias nacionalidades de diferentes grupos linguísticos. Pense, por exemplo, nas tentativas do atual governo russo para transformar as várias nações dos Bálcãs em russas – continuação de algo que os Czares começaram –, e a luta de Polônia, Tchecoslováquia, Hungria e assim por diante contras as investidas da igreja de trazê-los, como ela diz, de volta ao credo oriental. Quem quiser entender todos esses conflitos precisa se familiarizar muito bem com essas nações e com a história religiosa dessas partes do mundo.

Nos séculos XVI e XVII aconteceram algumas mudanças que expandiram o tamanho do território em que a supremacia do Papa era reconhecida. Portanto, a Igreja Russa, a Igreja Ortodoxa, as Igrejas Católicas russa e ucraniana reconheciam a supremacia do papado. Tudo isso junto constituiu os grandes conflitos religiosos do oriente. Contudo, não se deve confundir o que acontecia nesses conflitos nacionais e religiosos com a luta contra comunismo. Por exemplo, os políticos que lutam contra os russos hoje em dia não são sempre, ou pelo menos na maior parte dos casos, defensores de um sistema econômico livre. Eles são marxistas, socialistas. Eles provavelmente desejam um estado policial totalitário, mas não querem que ele seja governado pela Rússia.

Desse ponto de vista, não se pode dizer que existia de fato uma oposição aos ensinamentos e programas sociais marxistas. Por outro lado, é importante notar que não há necessariamente uma li-

gação entre antimarxismo uma filosofia ideológica, e liberdade econômica.

Um dos contemporâneos excepcionais de Karl Marx na Alemanha foi um filósofo: Friedrich Albert Lange [1828-1875]. Ele escreveu um livro famoso, *A história do marxismo*, considerado por muitos anos, não apenas em alemão, mas também nos países de língua inglesa, uma das melhores introduções à filosofia de Marx. Lange era socialista; ele escreveu outro livro sobre o socialismo. Em sua obra, ele não criticou Marx, mas sim o materialismo. O materialismo marxista é de um tipo muito imperfeito, porque rastreia as origens de todas as mudanças em algo que já é em si mesmo produto da mente humana.

É importante ressaltar o fato de que as críticas ao marxismo estavam por vezes muito incorretas. Quero indicar apenas um exemplo típico. Existe uma propensão natural de antimarxistas a considerar o materialismo dialético e o marxismo como integrantes do mesmo grupo de ideias que a psicanálise freudiana. Eu não só um psicólogo, mas preciso apontar quão confusas estão essas pessoas que acreditam que o materialismo em geral e o materialismo marxista em particular tenham alguma conexão com a psicanálise freudiana.

Antes de Sigmund Freud [1856-1939] e Josef Breuer [1842-1925], que inauguraram todo esse método de pensamento, começaram a desenvolver suas doutrinas, era uma pressuposição incontestada entre os médicos que os problemas mentais eram causados por mudanças de origem patológica no corpo. Se um homem tivesse algo que se chamava de doença nervosa ou mental, eles procuravam no corpo por algum fator que tivesse colocado a pessoa nesse estado. Do ponto de vista do médico que lida com o corpo humano, é a única explicação possível. Contudo, às vezes eles estavam absolutamente certos quando afirmavam: “nós não sabemos a causa”. Seu único método era a procura por uma causa física. Podem-se dar

muitos exemplos. Eu gostaria de citar apenas um. Aconteceu em 1889, apenas alguns anos antes da publicação do primeiro livro de Freud e Breuer. Um homem eminente na França cometeu suicídio. Por razões políticas e por conta de sua religião, levantou-se um questionamento sobre sua sanidade. Sua família queria provar que ele tinha uma doença mental. Afim de provar a doença para a Igreja, eles tiveram que descobrir alguma causa física. “Nós descobrimos certas coisas no cérebro”, eles disseram; “tem alguma coisa que não é comum”. Naquele tempo, as pessoas achavam que se um homem não se comporta como as outras pessoas, não tem nenhum sinal físico de anormalidade no corpo, ele estava fingindo. Às vezes as consequências são ruins, porque só descobrir se uma pessoa estava fingindo ou não depois que ela morre. Neste aspecto, a psicanálise operou uma grande mudança. O caso de Rodolfo, príncipe herdeiro da Áustria [1858-1889], que se suicidou em Mayerling, levantou uma discussão semelhante.⁴²

O famoso primeiro caso foi de uma mulher que estava paralisada. Ainda não se descobrira nada no seu corpo que pudesse explicar a situação. O caso foi relatado por um homem que seguiu o conselho de um poeta latino: espere nove anos com seu manuscrito antes de publicá-lo. Breuer pensou que a origem dessa deficiência no corpo não era física, mas que ela estava na mente. Esta foi uma mudança radical no campo das ciências naturais; uma coisa dessas nunca tinha acontecido antes – uma descoberta de que fatores mentais, ideias, superstições, fábulas, ideias erradas, o que um homem pensa, o que ele acredita, pode gerar mudanças no corpo. Isso era algo que as ciências naturais tinham negado e contestado antes.

Freud era um homem muito consciencioso e cuidadoso. Ele não dizia: “Eu fiz as doutrinas antigas caírem em completo des-

42 Carl Menger, fundador da Escola Austríaca de Economia, foi um dos tutores de Rudolf. Ver Erich W. Streissler e Monika Streissler (eds.). *Carl Menger's Lectures to Crown Prince Rudolf of Austria* (Aulas de Carl Menger para Rudolf, o Príncipe Herdeiro da Áustria). Brookfield: Edward Elgar, 1994.

crédito”. Ele dizia: “Talvez um dia, daqui muito tempo, os médicos descubram que as ideias já são o produto de algum fator físico externo ao corpo então a psicanálise não será mais necessária ou útil. Mas por enquanto, você precisa ao menos admitir que existe valor na descoberta que Breuer e eu fizemos e que, do ponto de vista da ciência atual, não há nada que prove a tese materialista de que toda ideia ou todo pensamento é produto de algum fator externo, assim como a urina é um produto do corpo. A psicanálise é o oposto do materialismo; e a única contribuição para o problema do ‘materialismo versus idealismo’ que veio das pesquisas empíricas com o corpo humano”.

Nós temos que lidar com a maneira com que as pessoas abusam da psicanálise. Eu não defendo aqueles psicanalistas que tentam explicar tudo do ponto de vista de certos impulsos, sendo o impulso sexual considerado o mais importante. Existe um livro de um francês que tratava de [Charles] Baudelaire [1821-1867]. Baudelaire gostava de gastar dinheiro, mas não ganhava muito, porque seus editores não pagavam por seus poemas enquanto ele era vivo. Mas sua mãe tinha dinheiro; ela tinha se casado, e seu marido morreu, deixando o dinheiro para ela. Baudelaire escrevia muitas cartas para sua mãe. O autor francês encontrou todo tipo de explicações subconscientes para as cartas. Não defendo esta tentativa. Mas as cartas de Baudelaire não precisam de outra explicação além de que ele precisava de dinheiro.

Freud dizia que não entendia nada de socialismo. Nesse aspecto, ele era muito diferente de Einstein [1879-1955], que dizia: “Eu não entendo nada de economia, mas o socialismo é muito bom”.

Se nós, pesquisarmos como o marxismo se tornou a principal filosofia do nosso tempo, devemos mencionar o positivismo e a escola de Augusto Comte. Ele era um socialista semelhante a Marx. Na sua juventude, Comte foi secretário de Saint-Simon. Saint-

Simom era um totalitarista que queria governar o mundo todo através de um conselho mundial e, claro, acreditava que seria ele o presidente do conselho. De acordo com a interpretação do mundo de Comte, era necessário procurar a verdade no passado. “Mas agora, eu, Augusto Comte, descobri a verdade. Portanto, não há mais necessidade de liberdade de pensamento ou de imprensa. Eu quero governar e organizar todo o país”.

É muito interessante buscar a origem de determinados termos que são hoje tão familiares que nós pensamos que devem fazer parte da língua desde tempos imemoriais. Em francês, as palavras “organizar” e “organizador” eram desconhecidas até o fim do século XVIII ou começo do XIX. Com relação a esse termo, “organizar”, [Honoré de] Balzac [1799-1850] observou: “Esse é um novo termo cunhado por Napoleão. Ele significa que você sozinho é o ditador e trata os indivíduos como os pedreiros tratam as pedras”.

Outro termo novo, “engenharia social”, se relaciona à estrutura social. O engenheiro social trata com a estrutura social ou com seus compatriotas como o mestre de obras trata os tijolos. Raciocinando desta forma, os bolcheviques eliminaram aqueles indivíduos que eram inúteis. Dentro do termo “engenharia social”, você encontra a ideia de planejamento, a ideia de socialismo. Hoje nós temos muitos nomes para socialismo. Se uma coisa é popular, então a linguagem tem muitas expressões para ela. Esses planejadores dizem em defesa de seu pensamento que você precisa planejar as coisas; não pode deixar as coisas acontecerem “automaticamente”.

Algumas vezes “automaticamente” é usado metaforicamente para tratar de acontecimentos do mercado. Se o fornecimento de um produto cai, então se diz que, os preços sobem “automaticamente”. Mas não quer dizer que isso aconteça sem a interferência de uma consciência humana, sem pessoas comprando e vendendo. Os preços sobem exatamente porque as pessoas desejam comprar essas coisas. Nada no sistema econômico acontece “automatica-

mente”. Tudo acontece porque algumas pessoas se comportam de determinada maneira.

Os planejadores também dizem: “como você pode ser tão estúpido a ponto de defender que não haja planejamento”? Mas ninguém defende que não haja planos. A questão não é “plano ou nada”. A questão é “plano de quem? Somente o plano de um ditador? Ou o plano de muitos indivíduos”? Todo mundo planeja. Ele planeja ir ao trabalho; aquele, ir para casa; o outro, ler um livro; ela planeja outras mil coisas. Um “grande” plano elimina os planos de todos os outros; então só um plano pode ser supremo. Se o “grande” plano e os planos dos indivíduos entram em conflito, qual plano será supremo? Quem decide? A polícia decide! E eles decidem a favor do “grande” plano.

No começo do socialismo, alguns críticos costumavam culpar os socialistas por sua ignorância da natureza humana. Um homem que precisa executar o plano de outra pessoa apenas não seria mais um homem do tipo que chamamos humano. Os socialistas responderam a essa objeção dizendo: “Se a natureza humana está contra o socialismo, a natureza humana precisa ser mudada”. Karl Kautsky disse isso muitos anos atrás, mas não deu muitos detalhes.

Os detalhes foram apresentados pelo behaviorismo e por [Ivan] Pavlov [1849-1936], o psicólogo citado em todo livro escrito por um marxista. A explicação foi dada pelo reflexo condicionado de Pavlov. Pavlov era um czarista; ele fez seus experimentos no tempo do Czar. Em vez de direitos humanos, o cão de Pavlov tinha direitos caninos. Esse é o futuro da educação.

A filosofia behaviorista quer tratar os indivíduos como se não houvesse nenhuma ideia ou falha nos homens. O behaviorismo considera toda ação humana como uma reação a um estímulo. Tudo na natureza física ou psicológica atende a certos reflexos. Eles dizem: “O homem pertencem ao mesmo reino dos animais. Por que ele deveria ser diferente? Existem certo reflexos e certos instintos

que levam o homem a certos fins. Certos estímulos levam a certas reações”. O que os behavioristas e marxistas não perceberam é que não se pode nem descreditar esta teoria do estímulo sem tratar do significado que o indivíduo dá aos estímulos. A dona de casa, quando ouve o preço de um objeto que estava pensando em comprar, reage de maneira diferente a \$5 e a \$6. Você não pode determinar o estímulo sem pensar no significado. E o significado em si mesmo é uma ideia.

A abordagem behaviorista diz: “Nós condicionaremos as outras pessoas”. Mas quem são os “nós”. E quem são as “outras pessoas”? “Hoje”, eles dizem, “as pessoas são condicionadas ao capitalismo por muitas coisas, pela história, pelas pessoas boas, pelas pessoas más, pela igreja etc., etc.”.

Essa filosofia não nos dá respostas alguma além daquela que já vimos. Toda a ideia dessa filosofia é que temos que aceitar tudo o que Karl Marx nos disse, porque ele tinha um grande dom – ele foi encarregado pela providência, pelas forças produtivas materiais, de descobrir a lei da evolução histórica. Ele sabe a que fim a história guia o homem. Isso leva eventualmente ao ponto em que nós devemos aceitar a ideia de que o partido, o grupo, a facção, que derrotou os outros pelo poder das armas, é o governante certo, e que este foi chamado pelas forças produtivas materiais para “condicionar” as outras pessoas. O que é fantástico é que a escola que desenvolve essa filosofia chama a si mesma de “liberal” e chama o sistema de “democracia popular”, “democracia verdadeira” e assim por diante. Também é fantástico que o vice-presidente dos Estados Unidos [Henry Wallace – 1888-1965] tenha um dia declarado: “Nós aqui nos Estados Unidos só temos uma democracia de direitos civis – mas na Rússia, existe uma democracia econômica”.

Existiu um autor socialista, muito valorizado pelos Bolcheviques no começo, que disse que o homem mais poderoso do mundo é aquele que fala as maiores mentiras e não cai em descrédito.

[Algo similar foi dito por Adolf Hitler]. Aqui está a força de sua filosofia. Os russos têm o poder de dizer: “Nós somos uma democracia e nosso povo é feliz e tem uma vida plena sob nosso sistema”. E as outras nações parecem incapazes de achar a resposta certa a essa ideia. Se eles tivessem encontrado a resposta certa, essa filosofia não seria tão popular.

Há pessoas que vivem aqui nos Estados Unidos, com o padrão de vida americano, que pensam ser infelizes porque não vivem na Rússia Soviética, onde, segundo eles, existe uma sociedade sem classes e tudo é melhor que naquele país. Mas parece que não é muito divertido viver na Rússia, não apenas do ponto de vista material, mas do ponto de vista da liberdade individual. Se você perguntar: “Como é possível que as pessoas digam que tudo é maravilhoso num país, a Rússia, em que tudo provavelmente não é tão maravilhoso”; então devemos responder: “Porque as nossas três últimas gerações foram incapazes de explorar as contradições e as falhas da filosofia do materialismo dialético”.

A maior filosofia do mundo atualmente é a dialética materialista – a ideia de que é inevitável que estejamos sendo levados ao socialismo. Os livros que vêm sendo escritos até agora não foram bem sucedidos em rebater essa tese. Precisamos escrever novos livros. Precisamos pensar nestes problemas. São as ideias que distinguem os homens dos animais. Esta é a característica humana do homem. Mas de acordo com o pensamento dos socialistas, a oportunidade de ter ideias deveria ser reservada somente para o *Politburo*; todas as outras pessoas deveriam apenas acatar o que *Politburo* diga que façam.

É impossível derrotar uma filosofia se você não luta no campo filosófico. Uma das grandes deficiências do pensamento americano – e os Estados Unidos é o país mais importante do mundo, porque é aqui, não em Moscou, que esse problema será resolvido – o maior defeito, é que as pessoas pensam que essas filosofias e

tudo é escrito são de menor importância, que isso não conta. Portanto eles subestimam a importância e o poder das ideias. Mesmo assim não há nada mais importante no mundo que as ideias. As ideias e nada mais vão determinar o resultado dessa luta. É um grande erro pensar que o resultado da batalha será determinado por outra coisa que não as ideias.

Os marxistas russos, como todos os outros marxistas pensaram em nacionalizar a agricultura. Isso é, os teóricos queriam – os indivíduos trabalhadores não queriam nacionalizar as fazendas; eles queriam pegar as grandes fazendas, dividi-las, e distribuir a terra entre os pequenos agricultores. Isso tem sido chamado de “reforma agrária”. Os socialistas revolucionários queriam distribuir as fazendas entre os camponeses pobres. Em 1917, Lenin criou um novo slogan: “Você faz a revolução com o slogan do dia”. Portanto, eles aceitaram uma coisa que ia contra o marxismo. Depois eles começaram a nacionalizar as terras das fazendas. Então eles adotaram essa ideia nos novos países que passavam a controlar; diziam a todos os homens que eles receberiam sua própria fazenda.

Eles começaram esse programa na China. Lá eles pegaram as grandes fazendas e aboliram os direitos hipotecários dos bancos e os direitos dos donos de terra, e livraram os inquilinos do pagamento aos donos das terras. Portanto, não foi a filosofia que fez os camponeses chineses se tornarem comunistas, mas a promessa de uma vida melhor; as pessoas pensaram que melhorariam suas condições se pudessem ser donos de alguma fazenda que até aquele momento pertencesse a pessoas ricas. Mas essa não é solução para os problemas chineses. Os defensores desse plano eram chamados de reformadores da agricultura; eles não eram marxistas. A ideia da distribuição de terras é totalmente não marxista.

Comentários adicionais de Mises durante a parte de perguntas e respostas

As maiorias também não são divinas. “A voz do povo é a voz de Deus” é um velho ditado alemão, mas não é verdadeiro. A base da ideia de falar em agradar a maioria é que em longo prazo a maioria não tolerará o comando da minoria; se a maioria não está contente, haverá uma revolução violenta para mudar o governo. O sistema de governo representativo não é radical; ele é precisamente um jeito de tornar possível a mudança de um governo sem violência; muitos pensam que, com a aprovação das pessoas, podem mudar o governo na próxima eleição. O governo da maioria não é um bom sistema, mas é um sistema que assegura condições pacíficas dentro do país. Os jornais, periódicos, livros etc., são os formadores de opinião.

O grande progresso da era moderna é ter chegado ao governo representativo. O grande pioneiro dessa ideia foi o filósofo britânico David Hume [1711-1776],⁴³ que mostrou que a longo prazo o governo não é, como as pessoas acreditavam, fundamentado no poder militar, mas na opinião, na opinião da maioria. O que é preciso é convencer a maioria. Não é porque a maioria esteja sempre certa. Pelo contrário, eu diria que a maioria muitas vezes está errada. Mas se você não quer recorrer a uma derrubada violenta do governo – e isso é impossível se você é uma minoria, porque se você é a minoria, eles o derrubarão – você só tem um método: falar com as pessoas, escrever e falar de novo.

43 Hume, David. “*Of the First Principles of Government*” (Dos primeiros princípios de governo), Cap. 4, Em: Miller, Eugene F. (ed.). *Essays, Moral, Political, and Literary* (Ensaio morais, políticos e literários). Indianapolis: Liberty Fund, 1987.

VI. A construção da civilização moderna: poupança, investimento e cálculo econômico

O Institucionalismo⁴⁴ costumava ridicularizar os economistas clássicos por eles começarem com a “economia Crusoé”. No começo um pescador pensou que poderia pegar mais peixes do que precisava no dia e então ele teria um tempo livre para fabricar redes de pesca. Essas redes e peixes guardados são “bens de capital”; eu não os chamo de “capital”.

Os bens de capital são os fatores intermediários entre os fatores de produção naturais e os bens de consumo. A natureza – recursos naturais e força de trabalho humana são os fatores naturais. Mas se eles forem produzir, precisam ser direcionados. O que é produzido, os fatores intermediários de produção – bens de capital – não são apenas ferramentas; eles são também todos os bens intermediários, produtos semi-acabados e suprimentos de bens de consumo, que são usados para o sustento daqueles produzem com apoio de bens de capital. O processo de produção que nós estamos organizando e operando hoje em dia começou nos primórdios da história, na mais remota era histórica. Se as crianças usassem as re-

44 Escola de pensamento que dá mais importância aos fatores sociais, históricos e institucionais para economia do que a ação humana individual.

des e peixes produzidos pelos seus pais, a acumulação de capital precisaria ter começado de novo. Existe um progresso contínuo de condições mais simples para condições complexas. É importante perceber isso porque nós precisamos saber que desde o começo, o primeiro passo rumo ao sistema de produção com apoio dos bens de capital foi poupar, e sempre foi poupar.

O conceito de “capital” deve ser distinguido do conceito de “bens de capital”. É impossível pensar e lidar com os problemas dos bens de capital sem usar ou fazer menção aos conceitos que nós desenvolvemos no complicado sistema moderno de cálculo de capital. Os bens de capital são uma coisa material – algo que poderia ser descrito em termos da física e da química. O conceito de “capital” se refere valoração de uma provisão desses bens de capital em termos de dinheiro. Essa determinação de valor é o que marca o início do que se pode chamar de um período novo e superior no esforço humano para melhorar as condições do seu ambiente. O problema é como manter ou preservar o montante de capital disponível e como evitar consumir os bens de capital disponíveis sem repô-los. O problema é como evitar consumir mais, ou se possível como consumir menos, que o montante de produtos novos. É o problema da preservação de capital, de sua manutenção e, claro, do aumento do capital disponível.

Sob certas circunstâncias, é possível lidar com esse problema sem nenhum cálculo ou computação especiais. Se um fazendeiro continua a produzir da mesma forma, e os seus métodos de construção e seu modo de vida não mudaram, ele pode fazer estimativas sobre suas condições, porque pode estabelecer comparações em termos físicos e biológicos – um celeiro é mais que dois celeiros, uma dúzia de cabeças de gado são mais que duas vacas e assim por diante. Mas tais métodos simples de computação são insuficientes num sistema econômico em que há mudança e progresso. Os fatores repostos podem não ter a mesma forma daqueles que foram usa-

dos. As máquinas a diesel podem ser substituídas por máquinas a vapor e assim por diante. Reposições e manutenção de capital sob circunstâncias como essas exigem um método de computação e cálculo que só pode ser realizado em termos de dinheiro. Os vários fatores de produção físicos e externos não podem ser comparados de outra forma que não pelo ponto de vista dos serviços que prestam aos homens, calculados em termos de dinheiro.

Foi um dos erros fundamentais de Aristóteles ter acreditado que só se pode trocar coisas que tenham o mesmo valor. Desde o tempo dele, por dois ou três mil anos, o mesmo erro prevaleceu com insistência, levando grandes pensadores, bem como homens simples, a se perder. O mesmo erro aparece nas primeiras páginas d'*O Capital* de Marx, fazendo com que tudo que ele disse sobre esse problema seja inútil. Esse erro se repetiu até muito mais tarde nos escritos de Henri Bergson [1859-1941] o célebre filósofo francês.

Não há nenhuma equivalência na troca. Pelo contrário, são as diferenças que levam à troca. Você não pode reduzir os termos de troca e comércio à equivalência; você só pode reduzi-los a diferenças de avaliação. O comprador valoriza mais o que ele recebe do que aquilo que dispensa; o vendedor valoriza menos o que ele dispensa do que aquilo que ele recebe. Portanto, a equivalência que nós usamos ao determinar a importância que vários bens de capital têm em nossas vidas só pode ser expressa em termos de preços. Ao calcular em termos de dinheiro, você pode estabelecer um sistema de preços e determinar se um preço aumentou ou não – quer dizer, em termos de dinheiro. Sem um sistema de preços nenhum cálculo pode existir. No sistema socialista, que não pode ter um sistema de preços como nós temos num sistema de mercado, não se podem estabelecer cálculos e computação.

No sistema do cálculo econômico, nós usamos os termos “capital” e “renda” – termos e noções em que não podemos pensar fora deste sistema. O “capital” é a soma dos preços que podem ser obtidos no mercado com determinado conjunto de bens de capital. O empresário emprega o cálculo econômico de um modo específico; ele não poderia operar sem esse sistema de cálculo. Quando começa o seu negócio ele estabelece o valor total dos bens de capital a seu dispor e o chama de “capital”, ou o “capital” de sua firma ou corporação. Periodicamente, ele compara o valor dos preços de todos os bens de capital disponíveis com os preços deles no começo da empresa. Se há um aumento no valor, ele o chama de “lucro”. Se há diminuição, ele a chama de “prejuízo”. Nenhum outro sistema possibilitaria descobrir com certeza se o que foi feito aumentou o capital disponível, levou-o ao desenvolvimento ou à piora. De outro ponto de vista, o excedente total que ele chama de “lucro” também pode ser chamado de “renda”, uma vez que ele possibilita que o dono – corporativo ou individual – consuma esse montante sem reduzir o capital disponível e, portanto, sem viver das despesas do futuro. Eis os conceitos de “capital” e “renda” desenvolvidos somente dentro do sistema de cálculo econômico.

Se o montante da “renda” é consumido, o capital disponível para a empresa não muda. Se uma parte é economizada, ou seja, não consumida, mas reinvestida – quer dizer, se ela é utilizada para expandir o estoque de bens de capital a serviço da empresa –, nós devemos dizer que o capital adicional foi consumido; a empresa ganhou alguma “renda”. Se acontecer o contrário, se o dono do empreendimento gastar além da renda então há um consumo de capital, ou *desacumulação* de capital e haverá menos capital disponível para a futura produção de bens de consumo.

Eu não quero discutir quanto conhecimento os antigos gregos e romanos tinham sobre essas ideias. Eles tinham ao menos algum conhecimento, mas na Idade Média ele já tinha desaparecido

VI. A construção da civilização moderna: poupança, investimento e cálculo econômico

completamente. Sob as condições da Idade Média não havia necessidade de tais cálculos. Estes cálculos se desenvolveram lentamente um passo de cada vez, no período final da Idade Média em que o progresso econômico e nos países em que o progresso econômico era muito maior em do que em outros, na Itália, por exemplo. Como consequência alguns termos fundamentais de contabilidade preservam sua origem italiana, por exemplo, a própria “capital”.

No começo, os termos contábeis não eram muito claros. As pessoas não eram muito boas em aritmética, e nós achamos erros graves em simples problemas aritméticos até mesmo em livros de grandes negócios os do século XV. Gradualmente essas ideias foram se desenvolvendo cada vez mais até que o sistema de contabilidade de dupla entrada foi criado. Todo nosso pensamento de hoje tem influência dessas ideias, mesmo o pensamento daqueles que não sabem nada sobre problemas de contabilidade e não estão no papel de quem lê e interpreta a folha de pagamento de uma corporação. Contadores e escriturários são só operários nesse modo fundamental de lidar com todo tipo de questão material e externa. De todo modo, esses problemas dizem respeito a outras pessoas que não os contadores e escriturários. Goethe, que foi um grande poeta, cientista e um precursor da ciência da evolução, chamou o sistema de contabilidade de dupla entrada de um comerciante de “uma das mais maravilhosas invenções do espírito humano”. Goethe percebeu que essas ideias eram fundamentais para o sistema moderno de produção e ação, e que esses conceitos eram um tipo prático de matemática e de lógica em consonância com o jeito que as pessoas lidam com problemas desse tipo.

Na nossa época, a opinião pública e a legislação não entendem mais nada sobre esses problemas. Isso se deve às leis modernas do imposto de renda. Em primeiro lugar, no que se refere ao imposto sobre renda, o legislador chama os salários e pagamentos

de “renda” e “renda ganha”. De qualquer forma, a principal característica da “renda” no sentido econômico é que ela é aquele excedente sobre os custos do empresário que podem ser consumidos sem reduzir o capital, ou seja, sem viver às custas do futuro. Você não pode consumir a “renda” sem deteriorar suas oportunidades de produção futura. Os conceitos de “capital” e “renda” só se desenvolveram dentro do sistema de cálculo econômico.

Essas leis de imposto de renda também lidam com os “lucros” como se eles fossem salários. Os autores que tratam do imposto de renda ficam estupefatos se uma empresa não gera lucro todo ano. Eles não percebem que existem bons e maus anos para um negócio. Uma das consequências foi que durante a depressão no começo dos anos 30, as pessoas costumavam dizer: “como é injusto que o dono de uma grande fábrica não tenha que pagar imposto de renda este ano, enquanto um homem que ganha apenas \$300 por mês tenha”. Isso não era injusto do ponto de vista da lei; naquele ano, o proprietário da grande fábrica não teve “renda”.

Os responsáveis pela promulgação dessas leis não tinham a mínima ideia do que significava “capital” ou “renda” dentro do sistema econômico. O que eles não viam é que a maior parte dos grandes lucros e da grande renda não eram gastos pelos empresários, mas reinvestidos nos bens de capital e revertidos para o negócio, a fim de melhorar a produção. Foi exatamente assim que o progresso econômico e a melhora das condições materiais aconteceram. Felizmente, eu não tenho que lidar com as leis de imposto de renda, nem com a mentalidade que levou a essas leis. Basta dizer que, do ponto de vista do indivíduo empregado, seria muito mais razoável tributar somente a renda gasta, *não* o imposto economizado e reinvestido.

Em muitos casos, é difícil para um homem nos últimos anos de sua vida ganhar o suficiente, ou pelo menos ganhar tanto quanto ganhava no seu auge. Para simplificar, basta pensar na situação dos

cantores, cujos anos de grandes ganhos são absolutamente limitados.

O que desejo é enfrentar a ideia de que em geral, ou que a poupança em geral, ou que a poupança em determinadas circunstâncias, é supostamente ruim do ponto de vista do bem-estar da comunidade e que, portanto, algo deve feito para restringi-la ou direcioná-la para canais especiais. Na verdade, nós podemos dizer, e ninguém pode negá-lo, que todo progresso material, tudo o que distingue nossa condição daquela de épocas passadas, é que mais riqueza foi poupada e acumulada como bens de capital. Isso também distingue os Estados Unidos, digamos, da Índia ou da China. A diferença mais importante é apenas uma diferença temporal. Não é tarde demais para eles. Nós apenas começamos antes a poupar uma parte do excedente da produção depois do consumo.

O fator institucional mais importante para o desenvolvimento das nações foi o estabelecimento de um sistema governamental e legislativo que possibilitou a poupança em larga escala. Ela era impossível, e ainda é atualmente, em todos os países em que o governo acredita que quando um homem tem mais, ele necessariamente causa o infortúnio de outras pessoas. Foi isso o que um dia todas as pessoas pensaram. E é hoje em dia o que pensam pessoas em muitos países que não pertencem à civilização ocidental. É a ideia que agora vem comprometendo o Ocidente ao introduzir modos alternativos de governar nas constituições que possibilitaram o desenvolvimento da civilização ocidental. Foi também a ideia predominante na maior parte dos países europeus até o surgimento do capitalismo moderno, isto é, até a era (muito inapropriadamente) chamada de “Revolução Industrial”.

Para mostrar quão forte era essa ideia, cito uma passagem de Immanuel Kant [1724-1804], um dos filósofos mais importantes – mas que viveu no oriente, em Kaliningrado, então chamada de

Königsberg: “se um homem tem mais do que o necessário, outro homem tem menos”. Isso é perfeitamente verdadeiro do ponto de vista matemático, claro, mas matemática e economia são duas coisas diferentes. O fato é que em que todos aqueles países em que o governo acreditava nessa frase e onde os governos achavam que a maneira mais eficaz de melhorar as condições materiais era confiscar a riqueza empresários de sucesso – não era necessário fazer o mesmo com os malsucedidos – em todos esses países, não era possível poupar e investir.

Se alguém me perguntasse por que os gregos antigos não tinham ferrovias, eu responderia: “Porque havia naquela época uma tendência a confiscar a riqueza. Por que as pessoas deveriam investir?”. O filósofo grego Isócrates [436-338 a.C.] fez alguns discursos que chegaram até nós. Ele disse que se um cidadão rico fosse a julgamento em Atenas, ele não teria chance alguma de ganhar, porque os juízes queriam confiscar sua riqueza, pensando que isto melhoraria a situação deles. Sob tais condições, não poderiam existir poupanças em larga escala.

Elas se desenvolveram somente a partir do século XVIII. E desse momento em diante desenvolveram-se também aquelas instituições que possibilitaram a poupança e o investimento, não apenas para pessoas bem de vida, mas mesmo de pequenas quantias para homens pobres. Antigamente um homem pobre só poderia guardar dinheiro juntando moedas. Mas as moedas não rendem coisa alguma, e as vantagens alcançadas poupando-as não eram muito grandes. Além disso, era perigoso guardar essas quantias pequenas na própria casa; eles poderiam ser facilmente roubados e não ganhavam nada com isso. A partir do início do século XIX, nós tivemos um desenvolvimento em larga escala que possibilitou que as grandes massas poupassem.

Uma das diferenças características entre um sistema capitalista e um pré-capitalista é que no primeiro até aqueles que não têm

VI. A construção da civilização moderna: poupança, investimento e cálculo econômico

uma situação muito boa têm poupanças e fazem pequenos investimentos. Muitas pessoas não reconhecem essa diferença. Ainda hoje, ao lidar com o problema dos juros, estadistas e políticos, assim como a opinião pública, acreditam os credores são ricos e os devedores, os pobres. Portanto, eles acham que a política do dinheiro fácil, a política de baixar artificialmente a taxa de juros através da interferência governamental favorece os pobres e é contra os ricos. Na verdade, os pobres e as pessoas não tão bem-sucedidas guardam o dinheiro em poupanças no banco, têm financiamentos, fazem seguros e têm direito a pensões. De acordo com um jornal, existem 6,5 milhões de pessoas com financiamentos (títulos a serem pagos) neste país. Eu não sei se esse retrato é preciso ou não. Mas mesmo assim, esses financiamentos são amplamente distribuídos, e isso significa que a maioria não é devedora, mas credora. Todas essas pessoas são credoras. Por outro lado, os acionistas de uma empresa que possui financiamentos ou tem dívidas com bancos, não são credores, mas devedores. Da mesma forma, o grande operador imobiliário que tem uma grande hipoteca também é um devedor. Portanto, não se pode mais dizer que os ricos são credores e os pobres, devedores. Nesse aspecto, a situação sofreu uma mudança considerável.

Uma das grandes palavras de ordem de Hitler era: “Abaixo a escravidão dos juros. Vida longa ao devedor; morte ao credor”. Mas um jornal alemão reconheceu o erro nisto e publicou um artigo com o título: “Você sabia que você mesmo é um credor?”. Eu não posso dizer que Hitler tenha gostado do texto.

Desenvolveu-se há alguns anos uma hostilidade, à poupança e à acumulação de capital. Essa oposição à poupança não pode ser atribuída a Marx, porque ele não entendia como o capital era acumulado. Karl Marx não previu o desenvolvimento de grandes corporações e propriedades pelas mãos de vários pequenos poupado-

res. Um economista russo influenciado por Marx afirmou há alguns anos que todo o desenvolvimento do sistema capitalista era contraditório. Em vez de consumir tudo que se produzia, uma grande parte da produção é poupada e acumulada como capital adicional. Haverá cada vez mais gerações seguintes. Qual é o sentido disso? Para que eles acumulam tudo isso? Como numa aposta eles acumulam, mas quem aproveitará o que o poupador ganha? Isso é ridículo; é ruim; precisamos fazer alguma coisa.

John Maynard Keynes [1883-1946] foi bem-sucedido com seu programa antipoupança. De acordo com ele, existe um risco em poupar demais. Ele acreditava, e muitas pessoas concordavam com ele, que oportunidades de investir eram limitadas. Não deve haver oportunidades suficientes de investimentos para absorver toda a renda que é separada como poupança. Os negócios ficarão ruins porque existem poupanças demais. Portanto, era impossível poupar demais.

A mesma doutrina, porém, de outro ponto de vista, vem prevalecendo há muito tempo. As pessoas acreditavam que uma nova invenção – um dispositivo de poupar trabalho – produziria o que se chamava “desemprego tecnológico”. Essa ideia levou os primeiros sindicatos a destruir máquinas. Os sindicatos atuais ainda têm a mesma ideia, mas eles não são assim tão rústicos a ponto destruir máquinas – eles têm métodos mais sofisticados.

Até onde sabemos, os desejos humanos são praticamente ilimitados. O que precisamos para alcançar satisfações é mais acúmulo de bens de capital. A única razão para não termos um padrão de vida mais alto neste país é que não temos bens de capital suficientes para produzir todas as coisas que as pessoas gostariam de ter. Não quero dizer que as pessoas sempre aproveitam as melhorias econômicas da melhor maneira. Mas seja lá o que você queira, isso exige mais investimentos e mais força de trabalho humano para satisfazer sua vontade. Nós poderíamos melhorar nossas condições,

poderíamos pensar em outras formas de empregar o capital, até nas partes mais ricas dos Estados Unidos, mesmo na Califórnia. Sempre existira muito espaço para investimentos desde que haja escassez dos fatores materiais de produção. Não podemos imaginar um estado de coisas em que não haja escassez. Não podemos imaginar a vida em uma “Terra de Cocanha”, onde as pessoas só precisam abrir a boca e esperar a comida entrar e onde tudo o que as pessoas quisessem estivesse disponível.

Escassez dos fatores de produção significa escassez de bens de capital. Portanto, essa ideia de que temos que parar de poupar e começar a gastar é fantasiosa. Em 1931 e 1932, Lord Keynes e vários de seus amigos publicaram uma declaração em que afirmavam só haver uma maneira de impedir a catástrofe e melhorar imediatamente a economia – era gastar, gastar e depois gastar ainda mais um pouco. Nós precisamos perceber que, pensando economicamente, gastar dessa maneira não cria mais empregos que o investimento teria criado. Não importa se você usa seu dinheiro para comprar uma máquina nova ou o gasta numa casa noturna. De acordo com a teoria de Keynes, o homem que gastar dinheiro na busca de uma vida melhor cria empregos, enquanto o homem que compra máquinas e melhora a produção está sonegando algo do público.

Não é verdade que quando Keynes escreveu seu livro as condições na Grã-Bretanha justificavam sua teoria de que o gasto governamental cria o pleno emprego. O que criou a situação desfavorável na Inglaterra foi que a indústria britânica depois da Primeira Guerra não tinha os meios necessários para melhorar os equipamentos das fábricas. Portanto, as máquinas britânicas eram ineficientes quando comparadas com as máquinas de outros países, especialmente as dos Estados Unidos. Como consequência, a produtividade marginal do trabalho era menor na Inglaterra. Mas como os sindicatos não toleraram nenhuma redução salarial significativa

para tornar a indústria britânica mais competitiva, o resultado foi o desemprego. O que o país precisava era de mais investimentos para melhorar a produtividade dos fatores de produção, assim como atualmente necessitam da mesma coisa.

Lord Keynes tinha uma posição muito peculiar sobre essa ideia. Um amigo americano de Keynes publicou um artigo sobre sua amizade com ele. Ele conta uma história ocorrida numa visita que fizera a Keynes num hotel de Washington. Ao lavar as mãos, o amigo tomava muito cuidado para não molhar mais do que uma toalha. Keynes então amassou todas as toalhas e disse que desse modo estava criando mais empregos para os camareiros americanos. Desse ponto de vista, a melhor forma de aumentar o número de postos de trabalho seria destruir tanto quanto possível. Eu teria pensado que essa ideia tinha sido demolida de uma vez por todas por Frédéric Bastiat [1801-1850] e sua história da janela quebrada.⁴⁵ Mas evidentemente Keynes não entendeu essa história de Bastiat.

A falácia de que as máquinas que substituem o trabalho humano criam desemprego tecnológico não somente foi desmentida pelo exame teórico, mas também pelo fato de que toda a história da humanidade consiste exatamente na introdução progressiva dessas máquinas. Hoje em dia nós produzimos uma variedade muito maior de supérfluos com uma quantidade menor de trabalho humano. Mesmo assim, existem mais pessoas e mais empregos. Portanto, não é verdade que as pessoas perdem seus empregos quando alguma máquina nova é inventada.

45 Ver “*What Is Seen and What Is Not Seen*” [O que se vê e o que não se vê], um trecho do primeiro capítulo de *Selected Essays on Political Economy* [Ensaaios escolhidos sobre Economia Política], traduzido para o inglês por Seymour Cain e editado por George B. de Huszar. Irvington-on-Hudson, NY: Foundation for Economic Education, 1995. Reimpresso em *The Freeman: Ideas on Liberty*, junho de 2001.

Não é menos fantasioso, e é também uma péssima obra de fantasia, que a acumulação de capital lesa os trabalhadores. Quanto mais bens de capital disponíveis, maior é a produtividade marginal do trabalho – mantendo-se outros fatores estáveis. Quando um empregador pensa na contratação de um funcionário a mais ou a demissão de outro, ele se pergunta o que o trabalho desse homem soma ao valor dos seus produtos. Se empregar um trabalhador a mais acrescenta algo aos produtos, o problema do empregador é: “O emprego dele gera mais custos do que traz receita através da venda dos produtos?”. O mesmo problema aparece quando se pensa no investimento em bens de capital adicionais. Quanto maior a quantidade de capital disponível por trabalhador, maior a produtividade marginal do trabalhador e, conseqüentemente, maior o salário que o empresário pode pagar. Quanto maior for o acúmulo de capital – com outros fatores estáveis –, mais trabalhadores podem ser contratados com os mesmos salários, ou até com salários mais altos.

Dois homens de negócios – J. Howard Pew [1882-1971] da Sunoco, e Irving Olds [1887-1963] da U.S. Steel – tentaram, sem muito sucesso, explicar para outros empresários o efeito da inflação sobre seu capital acumulado, inventários, depreciação etc. A inflação aumenta os preços de venda da empresa, criando a ilusão de que eles estão lucrando. O governo então tributa, e utiliza em despesas fixas, esses aparentes “lucros”, que teriam sido usados para investir ou separados para cobrir depreciações e reposições.

Se um indivíduo faz um seguro com uma companhia privada de seguros, ela investe o dinheiro. Depois, obviamente, quando a seguradora tem que fazer um pagamento, ela desinveste o dinheiro. Os indivíduos chegam ao ponto em que têm que desinvestir, mas as seguradoras crescem ano após ano, e como existe acumulação de

capital no país todo, estas empresas como um todo não têm que desinvestir.

O que acontece com sistema de previdência social é diferente. O governo fala de estatísticas atuariais, mas não com o mesmo sentido que usa uma companhia de seguros. O que o indivíduo paga, o governo gasta com despesas fixas. O governo então dá ao fundo previdência social [*Social Security Fund*] uma promissória [*IOU*], que ele chama de título. Assim o governo “investe” em títulos governamentais. Quando o governo recolhe impostos para a previdência, ele diz: “Dê-me seu dinheiro para que eu o gaste, e em troca eu prometo que em 30 ou 40 anos os contribuintes estarão dispostos a pagar as dívidas que nós fizemos hoje”. Portanto, o sistema de previdência social é muito diferente de um seguro privado. Esse sistema não significa que algo foi poupado. Pelo contrário, as economias dos indivíduos são recolhidas pelo governo para a previdência social, mas elas são utilizadas para despesas fixas. Estou totalmente convencido de que o governo pagará, mas a questão é: em que tipo de dólares? Todo o negócio depende da prontidão do futuro congresso e o público futuro para pagar com um dinheiro bom. Se as pessoas não gostam de dinheiro de papel, elas não o utilizam. Por exemplo, a Califórnia ficou com a moeda forte durante a época da Guerra Civil com as *greenbacks*.⁴⁶

Em sua interpretação da previdência social, Bismarck queria que todo mundo recebesse alguma coisa do governo. Ele comparava a situação comados franceses, entre os quais havia muitos que tinham investimentos no governo e recebiam os rendimentos. Ele achava que era por isso que os franceses eram tão patrióticos; eles estavam recebendo algo do governo. Bismarck queria que o cidadão alemão também dependesse do governo. Então ele implantou um bônus adicional de 50 marcos para todo pensionista idoso. Isso

46 *Greenback* foi o papel-moeda que o governo americano imprimiu sem lastro na década de 1860.

VI. A construção da civilização moderna: poupança, investimento e cálculo econômico

foi chamado de abono governamental suplementar [*Reichszuschuss*].

Os problemas do capital são problemas de cálculo econômico. Você não pode fazer os “bens de capital” crescerem através de inflação, embora possa *aparentemente* aumentar o “capital”. O resultado é uma discrepância entre os bens de capital e o capital, como indicado pelo cálculo econômico.

VII. Dinheiro, juros e ciclo econômico

Existem dois problemas puramente teóricos que tiveram uma grande influência e sérias consequências que não podem ser exageradas.

O primeiro deles diz respeito à cobrança de juros. Isso nos leva de volta a Aristóteles e sua famosa máxima: “dinheiro não pode gerar dinheiro”. O filósofo grego achava a questão do juro muito difícil. Ele foi responsável pelo erro de que os juros eram pagos pelo uso do dinheiro. Por muitos séculos, por dois mil anos, essa foi a base teórica para a proibição legal do empréstimo a juros. As pessoas viam apenas os juros nos empréstimos; não viam que os juros provinham de uma categoria geral da conduta humana, que ele surgiu do fato de que todas as pessoas, sem exceção, necessariamente valorizavam mais os bens presentes do que os futuros. Portanto, os valores e preços descontados dos bens futuros com relação aos bens presentes não poderiam ser eliminados simplesmente por decreto, regra ou ordem governamental. Quando o “capitalismo” do Império Romano quebrou, e o altamente desenvolvido sistema econômico romano foi suplantado pela economia das tribos invasoras – uma economia que era puramente agrícola e baseada na autossuficiência de cada plantação – a proibição geral à cobrança de juros progressivamente ganhou força.

Em muitas partes da Europa houve uma luta contra a cobrança de juros. Na liderança dessa luta estava a Igreja. Durante um

milênio, os concílios da Igreja repetiram a proibição incondicional da usura. Mas a fim de encontrar uma base teórica para essa proibição, eles não podiam usar os Evangelhos ou o Novo Testamento – tinham que voltar à lei de Moisés. Eles encontraram nela a passagem que se refere à cobrança de juros em empréstimos para judeus e não para gentis. Mais tarde, no começo do século XII, os teólogos encontraram um trecho nos Evangelhos⁴⁷ que também podia ser interpretado como uma proibição à cobrança de juros. Isso, de qualquer modo, não se referia especificamente à usura; ele dizia: “emprestai sem esperar coisa alguma em troca”. Eu acho que essa tradução está correta. Isso levantou um problema que não precisamos tratar agora, mas que foi contestado por teólogos e historiadores do direito.

Havia por um lado a proibição da Igreja – a lei canônica, que a Igreja estava ansiosa para fazer cumprir –, mas por outro, havia a realidade, a conduta das pessoas. Os empréstimos eram necessários. Nos países dominados pela Igreja, tanto religioso quanto secular, o sistema bancário moderno foi lentamente se desenvolvendo. Os teólogos começaram a estudar a questão da usura, para determinar se havia razões para justificar a cobrança de juros. Esses estudos foram o início do conflito entre lei econômica e doutrina canônica. Eles discutiram muitos assuntos, e pelo menos eliminaram a crença errada de que o usurário tira algo injusto daquele que pega o empréstimo quando recebe os juros sobre o dinheiro emprestado. Mesmo assim, essa ideia ainda pode ser encontrada em muitos livros americanos.

Havia, de todo modo, outra questão: se você a aumentar a oferta de dinheiro disponível para empréstimos, você cria no mercado monetário (o mercado para empréstimos de curto prazo) uma tendência de queda na taxa de juros. Se o juro não é uma compen-

47 Lc 6, 35: “Muito pelo contrário, amai vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar coisa alguma em troca”.

sação por dar a alguém o uso de uma certa soma de dinheiro, mas sim depende da diferença entre os bens presentes e os futuros (independentemente se a quantidade de dinheiro é maior ou menor), como e por que, então, a queda inicial na taxa de juros, causada pelo aumento da oferta de dinheiro, é revertida? Em outras palavras, não obstante esse aumento na oferta de dinheiro, qual é o processo que restabelece uma taxa de juros que reflete a avaliação das pessoas a respeito da diferença dos bens futuros e dos presentes? Algumas pessoas negavam a existência desse fenômeno. Outras simplesmente diziam que se você aumentar a quantidade de dinheiro ou substitutos do dinheiro, você pode criar uma tendência progressiva à queda na taxa de juro, até que ela desapareça completamente. Na verdade, existem autores socialistas que acreditam que essa é a forma correta de produzir abundância, de gerar fartura para todos e fazer todo mundo ficar rico.

Devemos fazer uma distinção clara entre dois tipos de transações bancárias. A clássica definição de banqueiro a definição dos empresários e dos economistas – era de um homem que emprestava o dinheiro dos outros. (Um homem que empresta somente seu próprio dinheiro é um credor). O banqueiro é uma pessoa que pega o depósito das pessoas, que pega o dinheiro de outras pessoas, e o empresta para terceiros. Os ganhos do seu negócio derivam da diferença entre a taxa de juros que ele paga para a pessoa que deposita e a taxa que ele cobra daqueles para quem ele empresta dinheiro. Esse é o genuíno negócio bancário, o negócio de um banqueiro.

A situação que surgiu no século XIX com o desenvolvimento dos métodos bancários modernos, com a emissão de títulos bancários e os depósitos sujeitos a análise, levou a dois problemas sérios: meios fiduciários e expansão do crédito.

Foi uma evolução histórica que aconteceu primeiro da Grã-Bretanha, e depois também em outros países. As pessoas depositavam dinheiro para guardá-lo com outras pessoas que depois foram

chamadas de banqueiros – que antes eram os ourives de Londres. As pessoas que realizavam depósitos ganhavam recibos do ourives, e os utilizavam para fazer pagamentos. Nós poderíamos chamá-los hoje de títulos bancários. Quando o ourives em questão gozava de boa fama, não havia razão para outra pessoa não aceitar o recibo como pagamento de uma quantia que lhe era devida. Os ourives e os primeiros banqueiros logo descobriram que não era necessário manter como reserva no cofre fundos que somassem o montante do total de recibos que emitiam – eles poderiam emitir mais recibos, mais títulos, do que aquilo que tinham em caixa. Eles descobriram que poderiam emprestar uma parte de suas reservas, que era possível dar mais crédito por meio de operações bancárias do que o montante de dinheiro de fato depositado com eles teria permitido. Assim eles descobriram o que chamamos de “meio fiduciário”.

O segundo negócio muito questionável é a instituição da expansão do crédito, que pode ser chamado de o maior problema econômico do nosso tempo. Ela quer dizer que o banco empresta mais dinheiro às pessoas do que recebe de seus depositantes. Esse excedente de títulos emitidos pelo banqueiro, ou de depósitos sujeitos a verificação que ele abre para seus clientes, é expansão de crédito. A questão é: “Quais são as consequências dessa operação?”. No começo, esse tipo de expansão de crédito não era muito preocupante ou muito perigosa, porque era feita por banqueiros individuais, que tinham uma boa posição cidade, e suas notas podiam ser aceitas ou recusadas pelas pessoas. Você podia ir ao banqueiro e receber dele um empréstimo completamente feito de títulos bancários adicionais, meio fiduciário, totalmente feito de crédito expandido. *Mas* então a questão era: seus clientes e credores estariam realmente dispostos a aceitar como pagamento os títulos de crédito emitidos por esse banqueiro? Devemos pressupor que um credor que tem acordos questionáveis responderia: “é melhor pegar esses títulos do que esperar mais pelo pagamento”. Mas, então, ele teria ido imediata-

mente até o banqueiro que emitira os títulos, e as teria resgatado, reduzindo assim o número de títulos bancários excedentes em circulação. Portanto, os perigos da expansão do crédito não seriam muito grandes desde que ele se limitasse aos bancos privados, e as empresas privadas fossem sujeitas às leis comerciais. Enquanto os títulos bancários excedentes pudessem ser resgatados no banco emissor, haveria um freio para a expansão do crédito, e não poderia haver uma expansão assim tão considerável.

Mas logo os governos invadiram esse novo campo de ação. Eles o invadiram com a ideia incorreta de que ao emitir crédito de circulação, crédito adicional, meio fiduciário, ao imprimir mais papel-moeda do que havia recebido da população, os bancos tinham a possibilidade, exatamente por conta desta expansão de crédito, de reduzir o peso da taxa de juros.

Eu disse, anteriormente, que herdamos de épocas passadas um grande erro que diz respeito aos juros. No passado, dizer que os ricos eram os credores e os pobres, os devedores, era uma descrição correta da situação. E como resultado disso, prevaleceu a ideia de que taxas de juros altas eram ruins. As pessoas não estavam preparadas, para aceitar a taxa de juros como um fenômeno do mercado que não poderia ser influenciado pelos governos. Eles viam as taxas como mero obstáculo para o desenvolvimento econômico e ao progresso. Muitos acreditavam até que a taxa de juros era produzida pela ganância de egoístas que emprestavam dinheiro e que era dever do governo lutar contra ela. O desenvolvimento do capitalismo moderno aconteceu porque os governos, depois de séculos e séculos cometendo erros, finalmente abandonaram a ideia de que deveriam interferir nos preços de mercado, faixas salariais e coisas do tipo. O capitalismo não teria se desenvolvido se a interferência dos governos nos preços e salários não fosse abandonada no século XVIII. Esse desenvolvimento preparou o caminho para o desenvol-

vimento econômico de nossa época. De qualquer forma, ele não alcançou o sucesso completo no que diz respeito às taxas de juros.

É verdade que os decretos de antigos governos fixando um teto para as taxas de juros foram abolidos na era do liberalismo e do capitalismo. Mas eles só foram abolidos porque os governos achavam que tinham encontrado um novo modo de tornar o crédito mais barato, isso é, através da expansão de crédito pelos bancos. Os governos deram privilégios aos bancos públicos, que tinham monopólio sobre a emissão de meio fiduciário. Isso não foi fácil para eles, pois houve certa resistência. Por duas vezes nos Estados Unidos, os esforços para estabelecer um banco americano emissor de títulos foram frustrados pela vontade da maioria da população.

O que os governos fizeram foi criar um “caminho do meio” bem fraquinho para lidar com o problema. Um defensor mais firme desse sistema de expansão de crédito teria dito: “se vocês podem reduzir a taxa de juros pela expansão de crédito, por que não abolir totalmente e fazer a taxa de juros desaparecer e conceder empréstimos a todos sem cobrar juros algum? Esta seria uma solução ao problema da pobreza – vocês poderiam dar dinheiro para todo mundo. Porque não?”. Mas os governos não acreditaram que poderiam abolir completamente as taxas de juros.

Existe uma famosa troca de cartas entre o socialista francês Pierre-Joseph Proudhon [1809-1865] e Frédéric Bastiat. Proudhon era um oponente de Bastiat. Ele defendia que se estabelecêssemos bancos de emissão de crédito, poderíamos fazer a taxa de juros desaparecer completamente. Bastiat discordava, mas não encontrou exatamente a posição correta; ele sugeriu solução pelo “caminho do meio”, que consistia em permitir que as taxas de juros fossem até certo ponto, mas que elas não deveriam ser “altas demais”. Essa posição se tornou mais tarde a doutrina mundialmente aceita. Aqueles que ainda continuaram acreditando que era possível criar riquezas para todos por meio de medidas de crédito buscadas pela dimi-

nuição ou eliminação completa das taxas de juros eram chamados de “manipuladores monetários” [*monetary cranks*]. Não havia motivos para chamá-los de “manipuladores monetários”; eles eram apenas mais coerentes que aqueles que defendiam a política oficial do caminho do meio. Alguns dos defensores da baixa drástica dos juros eram homens ilustres, ainda que em outros campos. Um deles era Ernest Solvay [1838-1922], um belga de sucesso como empresário e como químico, mas que acreditava que era possível deixar todas as pessoas felizes estabelecendo o compatibilismo social (“*comptabilisme social*”). No Canadá, havia o *Alberta Experiment*, o programa de um inglês, o Major Clifford H. Douglas [1879-1952]. Douglas chamava isso de “crédito social”.

Como as pessoas puderam se enganar ao ponto de acreditar que não haveria consequências para a expansão do crédito? Uma doutrina especial se desenvolveu para este propósito. Segundo ela, existe dentro do sistema econômico um limite natural para a expansão de crédito. A quantidade de dinheiro necessária para transações comerciais, dizia a doutrina, era determinada pelas “necessidades comerciais”, e se os bancos não expandissem os créditos mais do que era preciso para as “necessidades comerciais”, nada de ruim aconteceria. Os defensores dessa doutrina diziam o seguinte: o produtor da matéria-prima vende-a para um fabricante e emite uma letra de câmbio para ele; o empresário que compra a matéria-prima leva a letra de câmbio para o banco; o banco a desconta e dá o crédito a ele, para que pague pela matéria-prima; depois de três meses, o fabricante terá produzido o produto final a partir da matéria-prima; ele vende o produto e paga o empréstimo que pegou. Dessa forma, os defensores desse sistema dizem que não existe perigo se o banco só conceder crédito, permitindo que o empresário compre a matéria-prima. Se o banco se limitar a dar crédito para negócios selados como esses, diziam, a quantidade de crédito solicitada ao banco para tais propósitos é limitada pelas “necessidades comerciais”

– pela quantidade real e exata dos negócios feitos no país. Portanto, isso não significa um aumento no fornecimento de crédito, porque o aumento de crédito disponível corresponde exatamente ao aumento da demanda por transações de crédito baseadas em transações reais das empresas.

Mas o que essa doutrina não viu é que as “necessidades comerciais” dependem da quantidade de crédito concedida pelos bancos. E a quantidade de crédito que o banco disponibiliza depende da taxa de juros que ele pede aos clientes. Quanto maior a taxa de juros, menor é o número de pessoas que pedem empréstimos; quanto menor a taxa de juros, maior o número de pessoas que pedem empréstimo.

Todo empresário calcula as despesas e a renda esperadas com seus projetos. Se os seus cálculos mostram que a transação, por conta dos custos – *obviamente incluindo os juros* –, não valerá a pena, então o projeto não é posto em prática. Mas se o banco entra em cena com um crédito circulante adicional para lhe conceder, levando assim a taxa de juros para um nível mais baixo do que seria sem esse novo crédito, mesmo que por apenas um quarto ou metade de 1%, projetos que não teriam saído do papel com os juros mais altos seriam então realizados. A expansão do crédito do banco cria sua própria demanda; ela dá a impressão de que há mais dinheiro poupado, mais bens de capital disponíveis do que de fato há. Na realidade, o que aumentou foi só a quantidade de crédito.

Se o banco não aumenta o crédito, se ele não distribui novo crédito de circulação para esse propósito, ou seja, se empresta somente o dinheiro da poupança de alguém, a consequência seria que o banco teria que estabelecer uma taxa de juros maior do que se não criasse crédito novo. Então muitas transações não se concretizariam, precisamente pelo fato de que a taxa de juros estava um pouco mais alta. Contudo, se o banco abre novos créditos um dinheiro adicional, ele deve reduzir os juros para atrair novos clien-

tes, já que todos os fundos disponíveis haviam sido alocados para empréstimos à taxa do mercado.

Os bancos frequentemente expandem o crédito por razões políticas. Existe um velho ditado que diz que se os preços estão subindo, se os negócios estão prosperando, o partido no poder tem mais chance de vencer uma campanha eleitoral do que teria em situação diversa. De modo que a decisão de aumentar o crédito é frequentemente influenciada pelo governo que busca a “prosperidade”. Portanto, os governos de todo o mundo são favoráveis a essa política de expansão de crédito.

No mercado, a expansão do crédito cria a impressão de que mais capital e economias estão disponíveis do que realmente estão, e que projetos que ontem não eram viáveis por conta de taxas de juros mais altas, são hoje factíveis porque as condições mudaram. Empresários supõem que juros mais baixos indicam a disponibilidade de bens de capital suficientes. Isso significa que a expansão de crédito falsifica os cálculos econômicos dos homens de negócios; ela dá a impressão a ele, à nação e ao mundo, de que existem mais bens de capital do que realmente existem. Através da expansão de crédito, você pode aumentar o conceito contábil de “capital”; o que você não pode é criar mais bens de capitais reais. Como a produção é sempre necessariamente limitada pela quantidade de bens de capital disponíveis, o resultado da expansão de crédito é fazer o empresário acreditar que certos projetos são realizáveis, quando na verdade não podem ser executados por conta da efetiva escassez de bens de capital. Portanto, a expansão de crédito engana o homem de negócio, resulta em uma produção distorcida e gera um “mau-investimento” econômico. Quando a expansão de crédito leva os empresários a apostar nesses projetos, o resultado é chamado de “boom”.

Nós não devemos ignorar o fato de que durante os séculos XIX e XX inteiros imperou uma obsessão, infelizmente não contra

a expansão de crédito, mas pelo menos contra dar ao governo poder demais em matéria de expansão de crédito. O principal objetivo era limitar a influência do governo sobre os bancos centrais.

Ao longo da história, os governos têm insistido em usar os bancos centrais para pegar empréstimos. O governo pode pegar empréstimos dos cidadãos. Por exemplo, uma pessoa que tenha economizado cem dólares poderia guardar o dinheiro ou investi-lo. Mas em vez de fazer uma ou outra coisa, ele pode comprar um título do governo; esta compra não muda a quantidade de dinheiro existente no mundo; o dinheiro que ele paga pelo título passa das suas mãos para as mãos do governo. Mas se o governo recorre amanhã ao banco central para emprestar dinheiro, o banco pode comprar títulos do governo e emprestar dinheiro para o governo simplesmente expandindo o crédito, na verdade criando dinheiro novo. Os governos têm muitas ideias de como gerar esses empréstimos.

Sempre houve uma disputa entre parlamentos e governos com relação à influência governamental sobre os bancos centrais. A maioria das legislações europeias diziam claramente que os bancos centrais deveriam ser separados do governo, que eles devem ser independentes. E neste país, você sabe que existe um conflito permanente entre o *Federal Reserve Board* e o Tesouro Americano. Esta é uma situação natural, causada por leis econômicas e legislação governamental. Alguns governos acharam muito fácil violar a legislação sem violar a letra da lei. O governo alemão, por exemplo, pegou dinheiro emprestado da população durante a Primeira Guerra Mundial, porque o *Reichsbank* tinha prometido conceder empréstimos. As pessoas que compraram esses títulos tiveram que pagar apenas 17% do valor total, e esses 17% renderam 6% ou 7%. Logo, 83% do valor dos títulos foi subsidiado pelo Banco. Isso significa que quando o governo pegou um empréstimo da população, ele estava na verdade pegando indiretamente dinheiro do *Reichsbank* alemão. O resultado foi que na Alemanha, o dólar americano foi de

4,20 marcos antes da Primeira Guerra para 4,2 bilhões de marcos no fim de 1923.⁴⁸

A resistência a dar poder aos bancos centrais sempre existiu, mas nas últimas décadas essa resistência no geral tem sido completamente derrotada em todos os países do mundo. O governo dos Estados Unidos usou o poder do banco central, o *Federal Reserve*, para pegar dinheiro a fim de obter uma parte considerável do dinheiro de que precisa para financiar seus gastos. As consequências têm sido a inflação e a tendência ao aumento de preços e salários.

Não há dúvida de que a expansão de crédito gera queda dos juros. Por que então isso não significa que a taxa de juros sempre permanece baixa e que ela realmente poderia desaparecer por completo? Se é verdade que as taxas de juros não são um fenômeno monetário, mas um fenômeno geral do mercado, que reflete o fato que bens futuros são trocados com uma diferença de valor com relação aos bens presentes, nós devemos nos perguntar: “Qual é a natureza do processo que, depois da queda inicial dos juros por conta da expansão de crédito, no fim retorno da taxa de juros para o nível que reflete as condições do mercado e o estado de coisas geral?”. Ou seja, se a taxa de juros é uma categoria geral da ação humana, e se ainda assim uma quantidade maior de dinheiro e crédito bancário pode gerar uma queda temporária nos juros, como eles voltam mais uma vez para a taxa que reflete o desconto dos bens futuros sobre os bens presentes?

Ao responder essa pergunta, também estamos respondendo à questão que tem ocupado as pessoas por décadas, até mesmo por séculos em alguns países que tiveram um banco central e um sistema de expansão de crédito. Esse é o problema do ciclo econômico – o retorno regular de períodos de depressão econômica. Na Grã-Bretanha do fim do século XVIII em diante, e depois em países que

48 Ver Mises, Ludwig Von. “*Business Under German Inflation*” [Empresas sob a inflação alemã], *The Freeman*, Novembro de 2003.

entraram aos poucos no sistema do capitalismo moderno e nos métodos bancários modernos, nós poderíamos observar de tempos em tempos uma ocorrência quase regular desses eventos, ou seja, a emergência de períodos de depressão econômica, de crise econômica. Não estamos falando de crises econômicas geradas por eventos que obviamente explicam a emergência da crise. Por exemplo, no início dos anos de 1860, a Guerra Civil Americana impossibilitou o transporte de algodão dos Estados Unidos para a Europa; e na época os estados sulistas eram os únicos fornecedores do material para a Europa. Havia uma grave crise econômica, começando nas indústrias de produtos à base de algodão, e como consequência outras indústrias também sofreram. Mas todo mundo percebeu o que estava causando a crise – era a Guerra Civil Americana e a interrupção das remessas de algodão para a Europa. Não encaramos tais crises por conta de uma determinada situação identificável. Encaramos uma crise genuína em todos os ramos de negócio – embora às vezes seja pior em alguns ramos que em outros – uma crise que tem razões que as pessoas não conseguem entender.

A partir do século XIX as pessoas começaram a considerar essas crises problemas periódicas como um dos problemas mais importantes dos estudos econômicos. Nas décadas de 1830 e 1840, os economistas britânicos econômicos responderam a esta questão dizendo: “o que nós temos que estudar não é a depressão econômica. Essa depressão é sempre a consequência de um boom anterior. Não devemos nos perguntar ‘qual é a causa da crise?’ – mas sim ‘qual é a causa do boom que a precedeu?’. E nós devemos nos questionar qual e a razão para o inegável desenvolvimento das condições econômicas, que acontece em todos países capitalistas, não seguir um caminho estável de franca ascensão, mas fazer o movimento de uma onda, um movimento em que há vários momentos de alta que sempre são seguidos de períodos de depressão”. Desse modo, o problema da crise foi transformado num problema de ciclo

econômico. E para os problemas do ciclo econômico foram oferecidas muitas explicações mais ou menos incorretas.

Quero mencionar apenas uma: a doutrina econômica de um famoso economista, William Stanley Jevons [1835-1882]. Sua doutrina adquiriu alguma fama. Ele atribuiu as crises econômicas às manchas solares. Ele explicou que as manchas do sol causam colheitas ruins, o que significa negócios ruins. Se fosse assim, por que então os negócios não se ajustaram a esse fenômeno natural assim como aprenderam a se ajustar aos outros fenômenos naturais?

Se há expansão de crédito, a taxa de juros deve necessariamente cair. Se os bancos estão à procura de clientes para créditos adicionais, devem baixar a taxa de juros ou fazer análises de crédito menos severas de possíveis clientes. Já que todas aquelas pessoas que queriam um empréstimo com a taxa de juros antiga o conseguiram, os bancos devem oferecer empréstimos a uma taxa mais baixa ou incluir os clientes menos promissores, pessoas mal avaliadas na análise de crédito, na classe de clientes para quem empréstimos à taxa normal de juros são concedidos.

Quando os indivíduos consomem menos do que produzem, a produção excedente é separada na poupança. Logo, quando o dinheiro distribuído em empréstimos vem de poupadores, ele representa bens reais que estão disponíveis para que se produza mais. Mas quando os empréstimos têm origem no crédito expandido, os empresários são enganados; não há nenhum bem por trás deles, só crédito recém-criado. Isso leva a uma falsificação do cálculo econômico. A expansão do crédito causa uma falsificação sistemática – ele dá ao empresário individual a impressão de que o projeto que não podia ser executado ontem porque não havia bens de capital suficientes, agora pode ser por conta da expansão de crédito. Isso resulta numa intensificação da atividade econômica, o que significa que preços mais altos são oferecidos pelos fatores de produção. Mas não houve nenhum aumento na quantidade de bens de capital.

Portanto, a intensificação da atividade econômica é na verdade um boom artificial. Os produtores de fatores de produto ficam felizes quando veem que os preços que estão pagando são maiores que estavam ontem. Mas isso não pode continuar para sempre, porque mais nenhum fator material de produção foi produzido. O preço desses fatores de produção está subindo cada vez mais enquanto clientes do novo crédito competem e aumentam seus preços. Então duas alternativas são possíveis.

As empresas demandam cada vez mais crédito. Ou (1) os bancos atendem a essa demanda criando mais e mais crédito (isso aconteceu na Alemanha em 1923 o que levou ao completo colapso da moeda). Ou (2) um dia porque eles percebem, por um motivo ou outro, que devem parar com a expansão de crédito os bancos *param* de criar crédito para empréstimos. Então as empresas que tiverem se expandido não podem pegar empréstimos pelos fatores de produção necessários para a conclusão dos projetos de investimento com que eles se comprometeram. Por não conseguirem pagar suas contas, elas vendem os seus pertences por um preço baixo. Logo chega o pânico, o colapso. E a depressão começa.

Por conta da expansão de crédito, todo o sistema econômico do país e do mundo fica na situação de um homem que tem uma quantidade limitada de material disponível e quer construir uma casa. Mas por ser fraco em cálculo econômicos, ele comete alguns erros. Ele acha que pode construir uma casa maior do que realmente pode com seu material limitado. Com isso, começa fazendo uma fundação grande demais. Só depois ele descobre que cometeu um erro e que não consegue finalizar a casa do jeito que pretendia. Então ele precisa abandonar o projeto todo ou usar o material ainda disponível para construir uma casa menor, deixando parte da fundação sem uso. Esta é a situação em que se encontra um país ou o mundo ao fim de uma crise causada pela expansão de crédito. Por conta do crédito fácil, os empresários fazem cálculos econômicos

incorretos e se encontram com planos demasiadamente ambiciosos que não podem ser realizados porque os fatores de produção são insuficientes.

Em todo período de alta que precede uma crise, na Grã-Bretanha e depois em outras partes do mundo – na verdade, em todo país do mundo que experimentou a expansão de crédito –, você sempre encontrará pessoas que dizem: “Isto não é um boom que será seguido por uma crise; só gente que não sabe o que está acontecendo diz uma coisa dessas. Isto é a prosperidade final – uma prosperidade perpétua”. Quanto mais as pessoas acreditam no slogan da prosperidade perpétua, mais desesperadas elas ficam quando descobrem que a prosperidade “perpétua” não dura para sempre.

O que tornou as coisas ainda piores depois de 1929 do que em períodos de depressão anteriores foi que os sindicatos americanos eram realmente muito fortes e não queriam aceitar que a crise levaria às mesmas consequências a que levaram crises passadas neste e em outros países – ou seja, eles não aceitavam uma queda considerável na faixa salarial. Mas em geral, os sindicatos conseguiram manter os salários que se tinham elevado artificialmente durante o período do boom econômico. Por essa razão, o número de desempregados permaneceu considerável, e o desemprego durou muito tempo. Por outro lado, aqueles trabalhadores que não perderam seus empregos gozaram de uma situação em que seus salários não caíram tanto quanto o preço dos produtos. A condição de vida de alguns tipo de trabalhadores até melhorou.⁴⁹

Essa foi a mesma situação que levou às condições na Inglaterra no fim dos anos 20, que foram muito importantes no desenvolvimento da doutrina de Lord Keynes e suas ideias de expansão

49 Ver Mises, Ludwig Von. “*The Causes of the Economic Crises*” [As Causas das crises econômicas] (1931), Em: Greaves, Percy L. (ed.). *On The Manipulation of Money and Credit: Essays of Ludwig Von Mises* [Sobre a manipulação do dinheiro e do crédito: ensaios de Ludwig von Mises]. Dobbs Ferry, NY: Free Market Books, 1978, pp. 173-203, esp. pp. 186-192.

de crédito que foram praticadas nos últimos anos. O governo britânico cometeu um erro grave na década de 20. Foi necessário estabilizar a moeda. Mas eles não apenas a estabilizaram. Em 1925, eles voltaram a adotar o padrão-ouro para a libra. Isso significava que a libra a partir de então era uma moeda mais valiosa e tinha um poder de compra maior do que a libra, digamos, de 1920. Um país como a Inglaterra, que importa matéria-prima e alimentos e exporta produtos manufaturados, não devia ter feito a libra ficar mais cara. Como Hitler disse: “Eles devem exportar ou passar fome”. Em países assim, em que os sindicatos não aceitam quedas salariais, isso significava que os custos em libras de produtos ingleses manufaturados tinham ficado mais altos do que os custos em países que não tinham feito a mesma opção pelo padrão-ouro. Com custos mais altos, você precisa cobrar preços mais altos para se manter. Então você venderá menos produtos e terá que diminuir a produção. Assim o desemprego aumentou, e houve um permanente desemprego massivo.

Como era impossível tratar desse problema com os sindicatos, em 1931, o governo decidiu desvalorizar a libra muito mais do que ela tinha sido valorizada em 1925, com o objetivo, ele dizia, de incentivar a exportação. Outros países fizeram o mesmo. A Tchecoslováquia fez isso duas vezes. Os Estados Unidos seguiram o mesmo caminho em 1933. Os países de que usavam moeda francesa (França e Suíça) foram os próximos em 1936. Menciono isso porque é preciso perceber o motivo para a crise de 1929 – ela foi simplesmente uma crise de expansão de crédito — ter durado muito mais e ter levado a consequências mais sérias do que as crises precedentes. Claro, os marxistas dizem que as crises ficam cada vez piores; e segundo eles, os russos não têm ciclo econômico. É óbvio que os russos não têm; eles vivem o tempo todo na depressão.

Nós precisamos entender a tremenda importância “psicológica”, a enorme importância do fato de que na história dos séculos

XIX e XX a expansão de crédito foi limitada. Mesmo assim, era a opinião dominante entre os empresários, economistas, estatistas e o povo, que a expansão de crédito dos bancos era necessária, que a taxa de juros era um obstáculo à prosperidade, e que uma política do “dinheiro fácil” era uma boa política para se adotar. Todo mundo, tanto empresários quanto economistas, achavam que a expansão de crédito era necessária e ficavam irados se alguém tentasse dizer que ela sofreria alguns retrocessos. No fim do século XIX, era considerado praticamente indecente apoiar a *British Currency School* (“Escola Monetária Britânica”), que se opunha à expansão de crédito.

Quando eu comecei a estudar a teoria do dinheiro e do crédito, encontrei em todo o universo da literatura sobre o assunto apenas um autor vivo, o economista sueco Knut Wicksell [1851-1926], que realmente enxergava os problemas da expansão de crédito.”⁵⁰ Mesmo nos dias de hoje, a ideia de que não podemos viver sem expansão de crédito prevalece. Sem uma luta muito séria que precisa ser lutada, vai ser impossível derrotar todas as forças ideológicas que operam em favor da expansão de crédito. É claro que a maioria das pessoas sequer pensam sobre a expansão de crédito. Mas os governos têm uma ideia bem clara sobre isso – eles dizem: “Não podemos viver sem ela”.

A expansão do crédito é na verdade basicamente um problema de direitos civis. O governo representativo se baseia no princípio de que os cidadãos precisam pagar ao governo somente aqueles impostos que tiverem sido legalmente promulgadas por via constitucional: “sem representação não há taxação”. Mesmo assim, os governos acham que não podem pedir que seus cidadãos paguem tantas taxas quanto forem necessárias para cobrir todos os gastos do governo. Quando governos não podem cobrir suas despesas através

50 Wicksell, Knut. *Interest and Prices* [Juros e preços] [1898]. New York: Macmillan, 1936.

de impostos legalmente estabelecidos, eles pegam empréstimos de bancos privados e assim expandem o crédito. Portanto, o governo representativo realmente pode ser o instigador da expansão de crédito e da inflação.

Se a instituição da expansão de crédito e outros tipos de inflação pelo governo tivessem sido inventadas no século XVII, a história da luta entre os Stuarts e o parlamento britânico teria sido bem diferente. Carlos I [1600-1649] não teria enfrentado problemas para pegar o dinheiro de que precisava se pudesse simplesmente mandar o Banco da Inglaterra – que não existia na época – lhe dar um crédito. Então ele poderia organizar um exército do Rei e derrotar o parlamento. Isso é apenas um dos aspectos.

O segundo aspecto: não acredito que os Estados Unidos poderiam aguentar psicologicamente a recorrência de uma crise como aquela de 1929. E a única maneira de evitar uma crise assim é impedindo o boom. Nós estamos há muito tempo vivendo neste boom, mas não pudemos pará-lo a tempo. De qualquer modo, existe um perigo maior. Enquanto os bens de capital são limitados e escassos, e por isso diminuem número de projetos que podem ser executados e fazem muitos projetos parecerem por ora impossíveis, a expansão de crédito pode esconder esses limites atrás da ilusão de um aumento de capital contabilizado em dólares. A expansão de crédito cria a ilusão de que há capital disponível, quando na verdade não há.

O problema fundamental do século XIX foi que as pessoas não perceberam essas coisas. Consequentemente o capitalismo caiu em profundo descrédito, pois as pessoas achavam que a ocorrência quase periódica de depressões era um fenômeno do capitalismo. Marx e seus discípulos esperavam que as depressões ficassem progressivamente piores, e Stalin ainda diz abertamente todos os dias: “Só precisamos esperar. Haverá uma crise muito grave nos países capitalistas”. Se quisermos frustrar esses planos, nós devemos en-

tender que políticas de crédito sólidas respeitam o fato de que há escassez de bens de capital, que o capital não pode aumentar simplesmente pela expansão de crédito. Isso deve ser reconhecido por nossos empresários e políticos.

Comentários adicionais de Mises durante a parte de perguntas e respostas

O que aconteceu no passado por conta da expansão de crédito foi, em geral, absorvido e ajustado pelo mercado. Eu diria, considerando “dadas” as condições como elas aconteceram no passado, e diria somente que no futuro *não deveria mais haver expansão de crédito*. No futuro, mais nenhum título bancário deveria ser emitido, mais nenhum crédito adicional deveria entrar numa conta bancária sujeita a avaliação a menos que exista *100% de lastro*. Com relação à situação atual, nós precisamos deixar de lado tudo o que aconteceu no passado – não devemos reverter o passado porque entraríamos em deflação. A deflação não é tão perigosa e tão ruim, quanto a inflação. A deflação é custosa para o governo, enquanto a inflação é lucrativa para ele. Mas a deflação também deve ser evitada.

Se os bancos não tivessem sido privilegiados e se os governos não tivessem forçado os cidadãos a pegar títulos bancários, ao torná-los “moeda de curso legal”, esses títulos nunca teriam se tornado populares.

Atualmente, o cidadão comum de todos os países do mundo, com exceção dos países mais atrasados, considera dinheiro todo pedaço de papel sobre o qual o governo ou uma instituição privilegiada pelo governo imprimiu com as palavras mágicas “moeda de curso legal”. Mas isso foi diferente no passado. Não foi fácil as pessoas aceitarem os títulos bancários. Elas aceitaram-nos porque os títulos eram melhores que nada. Se uma pessoa não queria um tí-

tulo bancário, poderia levá-lo de volta ao banco que o emitiu; e se não pudesse pagá-lo, o banco falia. O que é “maravilhoso” nos títulos do governo, do ponto de vista do governo e dos bancos, é que o banco não é obrigado a honrar os títulos, exceto talvez em moedas de curso legal, que são novos títulos bancários.

Se o governo não tivesse interferido nos assuntos monetários e bancários, seria possível deixar os cidadãos livres para imprimir seus próprios títulos bancários. O problema então seria fazer com que as outras pessoas aceitassem esses títulos. Eu não sou contra os títulos bancários em si; sou contra apenas os títulos bancários protegidos por algum privilégio governamental. Quero que os títulos bancários impressos no passado mantenham seu privilégio, *mas que chega de títulos de curso legal e chega de expansão de crédito!*

Se eu digo que o retorno ao padrão-ouro é necessário, é porque ele impossibilita a inflação. Sob o padrão-ouro, a quantidade de dinheiro depende de fatores geológicos que não podem ser controlados pelo governo. Não é um padrão absurdo, porque é a única alternativa para não deixar o dinheiro completamente dependente do governo. Se o Rei Carlos I tivesse o poder de imprimir papel moeda, provavelmente teria ficado em condições muito melhores de enfrentar o governo.

Com o padrão-ouro, a oferta de dinheiro não depende dos caprichos e programas de governos e partidos políticos. Durante séculos, os antecessores de nossos parlamentares lutaram contra os príncipes que queriam rebaixar a moeda. Os príncipes diziam: “o que conta é o nome que eu dou ao dinheiro”. Mas a moeda de prata ganhava uma “cara vermelha” quando os príncipes a adulteravam com cobre, enquanto afirmavam que sua nova moeda adulterada, que continha menos prata do que a moeda antiga, ainda tinha o mesmo poder de compra e o mesmo curso legal que a antiga. Se o governo consegue levantar fundos para pagar suas despesas criando

dinheiro, ele não precisa mais depender, digamos, do congresso. Histórica e politicamente o padrão-ouro é um reforço no sistema legislativo, que limita o poder do governo e torna-o dependente da vontade do povo.

VIII. Lucro e prejuízo, propriedade privada e as conquistas do capitalismo

Quando estamos tratando de qualquer assunto relacionado ao capitalismo, é fundamental que nunca esqueçamos a diferença entre “bens de capital” e “capital”. Os “bens de capital” são coisas materiais. O conceito de “capital” é puramente teórico dentro da estrutura de um determinado método de cálculo e contabilidade. A evolução desse conceito resultou na inclusão do conceito dos auditores, e também daquelas coisas que não são bens de capital, no conceito contábil de capital.

O sistema de contabilidade começou, obviamente, com os empresários. Ansiosos para saber quais eram os resultados de suas atividades, eles desenvolveram esse método contábil – a contabilidade de dupla entrada e assim por diante. O conceito de capital que eles utilizavam se referia somente àqueles fundos que eles haviam separado para o desenvolvimento do negócio. Não incluía imóveis ou as propriedades privadas do dono do empreendimento, da sua família etc. Você ainda pode encontrar tratados legais e ensaios debatendo se o capital privado do dono deve ser incluído no balanço de uma empresa. De acordo com os métodos utilizados na área contábil, o conceito de capital como se usa atualmente inclui o imóvel e tudo que é de propriedade da empresa.

Os agricultores também começaram a prestar atenção a esses problemas, mas só muito mais tarde. No começo eles desenvolveram métodos contábeis que se limitavam à operação das fazendas, sem incluir a propriedade toda do dono. Menciono esses fatos porque se você olhar no balanço de uma empresa, existe o espaço do prédio, do imóvel de propriedade da empresa. O conceito de capital utilizado hoje em dia inclui mais do que os bens de capital, inclui tudo que é de propriedade da empresa.

Desse ponto de vista, nós também devemos questionar se existem outras distinções que podem ter grande importância para os problemas práticos do capital. Quando nós falamos de capital, descobrimos que temos em mente a totalidade dos fatores materiais de produção, desde que eles possam ser utilizados para fins de produção.

Quando falamos de decisões sobre o emprego do capital, precisamos levar em conta que a maior parte do capital disponível está materializado em bens não-conversíveis ou ao menos não perfeitamente conversíveis. Os bens de capital são fatores intermediários entre os bens naturais e os bens de consumo prontos. Num mundo em mudança, em que os processos produtivos e outras coisas constantemente se alteram, a questão é se podemos usar esses bens intermediários, que foram originalmente projetados para uma finalidade específica, para outros fins. É possível usar, mesmo depois de uma mudança de planos e intenções, para outro propósito o capital acumulado ou produzido no passado com diferentes finalidades em mente? É esse o problema da conversibilidade dos bens de capital.

Por mais de um século, um movimento popular no mundo todo, hoje especialmente na Califórnia, é representado por um grupo de reformadores que chama a si mesmos de “tecnocratas”. Os tecnocratas criticam o fato de ainda termos lado a lado com os métodos mais modernos de produção, processos produtivos obsoletos. E

eles não são os únicos a criticar esse fato. Eles salientam como seria maravilhoso se tudo o que eles chamam de “atraso econômico” fosse eliminado, se tivéssemos todas as fábricas localizadas nos melhores lugares, e se todas as fábricas fossem equipadas com as máquinas mais modernas. Então não haveria nenhum atraso, nem máquinas e métodos de produção em uso que não fossem atualizados. Havia um socialista alemão, ou russo – seria melhor dizer um báltico – que apontou, por exemplo, quão atrasada estava a agricultura alemã. Ele abandonaria as fazendas e máquinas existentes – ou diminuiria o número delas –, substituindo-as pelo que havia de mais moderna agricultura, e então seria possível produzir tudo mais barato.

O ponto fraco desse plano é que o capital acumulado no passado estava na forma de bens de capital que representavam a sabedoria tecnológica das épocas em que foram acumulados. Embora as fábricas estejam desatualizadas, isso não significa necessariamente que as máquinas antigas têm que ser vendidas como ferro-velho e substituídas por máquinas novas. Depende da superioridade das máquinas novas. A menos que seja impossível para a fábrica antiga produzir algum excedente sobre as despesas atuais, seria um desperdício, não apenas do ponto de vista da propriedade individual da fábrica, mas também do ponto de vista do sistema socialista que tenha que lidar com a mesma coisa. O problema é parecido com o do homem que precisa decidir entre comprar uma máquina de escrever nova ou uma televisão nova, porque versões melhores destes equipamentos foram inventados, ou comprar outra coisa que ele não tem. Assim como não são todas as pessoas que jogariam fora sua velha máquina de escrever ou seu carro quando um novo modelo aparece, um empresário precisa tomar decisões similares nos negócios. Enquanto no ambiente doméstico os cálculos precisos não são necessários, nos negócios essas decisões são feitas com base nos mais cuidadosos dos cálculos. O equipamento do capitalista,

que compõe a riqueza do nosso tempo e que também faz um país mais rico em comparação a outros, se materializa nos bens de capital criados no passado por nossos antepassados ou criados por nós mesmos sob condições tecnológicas diferentes e para propósitos diversos. Se nós queremos utilizar esse equipamento antigo também no futuro, apesar de ele não ter o mesmo desempenho do equipamento novo, não o fazemos porque achamos que o serviço que ele presta vale mais do que ganhamos ao jogá-lo fora e substituí-lo por máquinas mais atuais.

Em outros tempos o mundo se formatava sobre outros pressupostos e condições, com outro conhecimento tecnológico. Se nós chegássemos à Terra vindos de outro planeta com o atual conhecimento perfeito das condições geográficas, nós modificaríamos o mundo utilizando aquele outro conhecimento, um conhecimento muito diferente do que foi responsável por nossos equipamentos atuais. No passado, nossa riqueza consistia em larga medida em bens de capital, ajustados a condições que são diferentes das nossas. As decisões do passado se basearam nas condições do seu tempo. O fato de nossos antepassados terem tomado as decisões que tomaram ajuda a nos influenciar a manter as coisas como estão; não valeria a pena abandonar os investimentos do passado. Em cada caso específico nós temos que tomar a decisão entre continuar do jeito antigo, apesar de hoje nós sabermos mais, ou renunciar ao passado em favor de outro modo de empregar os bens de capital adicionais, que hoje consideramos mais importantes.

Em resposta aos tecnocratas, nós podemos dizer que não somos ricos o suficiente para jogar fora tudo que construímos no passado. Talvez fosse melhor que os centros industriais estivessem em lugares diferentes de onde foram construídos. Mas essa transferência, essa mudança, é um processo muito lento. Depende da superioridade nos novos locais. Essa é uma refutação ao famoso argumento da indústria nascente, que diz que as novas indústrias devem ser

protegidas contra as velhas. Também nesse caso – o de indústrias que se mudam de espaços menos favoráveis para outros melhores – a decisão precisa depender do grau de superioridade do novo local. Se o novo espaço for suficientemente superior, as indústrias se mudarão sem nenhuma assistência de fora. Se não for, é um desperdício auxiliar indústrias a fazer a mudança. (Por exemplo, as fábricas têxteis instaladas na Nova Inglaterra, apesar de as plantações de algodão serem do sul. Mais tarde, mudaram os moinhos têxteis para o sul, novamente sem nenhuma assistência.) Se a vantagem que se tem ao abandonar bens de capital for grande o bastante, a mudança será feita.

Atraso tecnológico não é o mesmo que atraso econômico. Se o capital necessário para eliminar o atraso tecnológico, do nosso ponto de vista e do ponto de vista do consumidor, é demandado com mais urgência para outra finalidade, então economicamente seria um erro grave empregá-lo na troca por novos equipamentos simplesmente porque já existem máquinas melhores.

Os bens de capital são escassos. O problema econômico consiste exatamente no fato de os consumidores procurarem empregá-los na satisfação de suas necessidades mais urgentes. O problema econômico não é o emprego de bens de capital para produzir algo que é menos importante que outro produto, que não se pode começar a fazer precisamente porque esses bens de capital estão alocados na fabricação do produto menos importante. Isso se chama falta de rentabilidade. Um empresário diz: “Isso não é rentável. Poderíamos pôr o projeto em prática, mas ele não daria lucro. Portanto, nós não queremos tirá-lo do papel”. O que o socialista diz é: “Mas os empresários são gananciosos; eles só querem produzir aquilo que é lucrativo, e não o que não é”. De qualquer modo, o que faz uma empresa não ser rentável é ela – levando-se em conta os preços dos fatores de produção e a taxa de juros – ela ficar com as receitas previstas abaixo dos gastos.

O que pode significar o preço do cobre estar maior do que costumava ser? Significa que os consumidores estão prontos para pagar mais caro pelo cobre que é usado na fabricação de outros produtos; eles não estão preparados para pagar mais pelo cobre como é usado atualmente. Eles fazem alguns preços mais altos para fazer o preço de outros produtos mais lucrativo. Por outro lado, se há um aumento na oferta de cobre, ou se alguns ramos de negócio que costumavam utilizar cobre mudaram de material na produção, esse metal fica disponível com mais facilidade, o preço dele cai, e então fica mais vantajoso utilizar cobre para produzir algumas coisas que antes não seriam rentáveis desse modo. Em última instância são os consumidores, ao escolher o que comprem, que determinam o que deveria ou não ser produzido.

Quando o alumínio foi criado, muitas coisas não podiam ser produzidas utilizando-o porque ele era muito caro. Napoleão III [1808-1873] imediatamente teve a ideia de oferecer armaduras de alumínio para seu exército, mas ficou tão caro na época que teria sido mais barato fazer armaduras de prata. Quando eu era criança, o alumínio era usado para fazer brinquedos, mas a utilização industrial mais séria do alumínio estava então mais ou menos fora de questão. A produção de alumínio lentamente melhorou, e o uso deste metal para diversos artigos se tornou viável. Alguns anos atrás, utilizar alumínio não era rentável, como hoje usar alguns metais de alta qualidade para certos fins comerciais também não é.

O slogan “produzir pela utilidade e não pelo lucro” não tem sentido. Um empresário produz pelo lucro. Mas ele só pode lucrar porque os consumidores querem usar as coisas que ele fabrica, porque têm mais vontade de usar essas coisas do que outras.

Se não existisse o lucro e o prejuízo não haveria nenhuma orientação para a produção. São os ganhos e perdas que mostram ao empresário o que os consumidores estão precisando com mais urgência, em que qualidade e quantidade. Num sistema em que não

houvesse lucro e prejuízo, o empresário não saberia quais os desejos dos consumidores, e não conseguiria ajustar seus processos de produção à vontade do público consumidor.

Além desta função, lucro e prejuízo ainda têm um papel na mudança da propriedade dos meios de produção para as mãos daqueles que souberam – no passado, claro; ou seja, até ontem – a melhor maneira de empregá-los a fim de atender às necessidades dos consumidores. Isso não é garantia de que amanhã os meios de produção serão utilizados da melhor maneira. Mas se eles não forem, os donos terão prejuízo. E se eles não mudarem seus métodos de produção, perderão suas propriedades e serão tirados de suas posições eminentes de donos de fatores de produção. Mas as coisas são assim mesmo, não podem ser mudadas. Todo julgamento de pessoas se refere ao passado. Um candidato numa eleição só pode ser julgado pelo que fez no passado. O mesmo também acontece com a escolha de um médico, uma loja e assim por diante, e também com fabricantes. É sempre bom nos voltarmos para o passado.

Lucros passados transferem a propriedade dos meios de produção das mãos daqueles que foram, aos olhos do público, menos eficientes ao utilizá-los para as mãos daqueles que parecem mais eficientes. Logo, o significado de propriedade dos meios de produção num sistema baseado na divisão de trabalho é muito diferente do significado num sistema feudal. Neste sistema, a propriedade privada era adquirida pela conquista ou pela apropriação arbitrária de pedaços de terra. O proprietário era o conquistador; o conquistador supremo era o líder do exército, o rei, o “Führer”. Outras pessoas adquiriam propriedades quando presenteadas pelo *lord* supremo. Havia uma hierarquia completa – reis, duques, cavaleiros etc., e na base estavam as pessoas sem propriedade alguma. Os duques e cavaleiros podiam perder sua propriedade se fossem privadas do “presente” pela autoridade maior – o rei –, que pegava de volta o presente que tinha dado; ou então eles podiam ser derrota-

dos por um conquistador poderoso. Este sistema prevaleceu até que o capitalismo o substituiu, em graus diferentes, em muitos países.

Ao estudar a história da propriedade privada da terra, é claro que você pode voltar à conquista ou à apropriação de terras sem dono. Deste ponto de vista, os antigos críticos da propriedade diziam que a propriedade não tem uma origem legal; ela foi conseguida à força, pela conquista, sem nenhuma base legal. Portanto, dizem eles, queremos tirar as propriedades dos donos atuais e distribuí-las a todos. Se a origem relatada aqui está certa ou errada é uma coisa. Outra coisa é o que fazer agora que a propriedade tem um dono.

Os socialistas apropriaram-se dessa crítica a origem da propriedade na Idade Média sem notar a diferença enorme que existia entre aquele tempo e o presente. Se você diz que nos velhos tempos os donos da terra não dependiam do mercado, está certo; não existia um mercado; existia somente um comércio insignificante. Só existia uma coisa no mundo em que o senhor feudal conseguia gastar a sua enorme fortuna – manter um grande contingente de homens armados a fim de ir para a guerra. A sua corte era formada por um palácio gigante em que viviam muitas pessoas (pensionistas, eu diria), mantidos por um grande patrimônio. Em Brandenburgo, Berlim, por exemplo, houve o caso de um conselheiro no século XVI que viveu no palácio do rei. Isso é muito diferente das condições na sociedade de mercado.

Na sociedade de mercado, a propriedade privada tem, assim como tinha anteriormente, uma função social, porque ela só pode ser mantida ou aumentada quando serve os consumidores da melhor e mais barata maneira possível. Aqueles que não sabem servir o público consumidor dessa maneira sofrem perdas. Se eles não mudam seus métodos de produção a tempo, eles perdem sua posição de donos, empresários, capitalistas, e são colocados em posições em que não tem mais as funções destacáveis de outrora. Por-

tanto, o significado de propriedade privada no sistema capitalista é totalmente diferente do significado que tinha na sociedade feudal.

Os críticos da propriedade privada ainda têm uma mentalidade medieval (assim como os críticos de juros e credores). Eles não percebem que o mercado determina todos os dias quem deveria ter o que e quanto deveria ter. O mercado dá a posse dos meios de produção para as pessoas mais bem preparadas para utilizá-los com o objetivo de satisfazer da melhor forma as necessidades dos consumidores. Desse modo, não é correto criticar a instituição da propriedade privada fazendo referência às condições que existiram antigamente sob o regime feudal, sob os reis absolutos.

Como disse o presidente Franklin Roosevelt [1882-1945]: o capitalismo nunca foi de fato posto em prática.⁵¹ Sempre resta alguma coisa do passado. Mas é absolutamente inútil nos dizerem hoje em dia: “veja como a riqueza de muitas famílias aristocráticas se originou no século XVII”. Algumas pessoas que hoje são ricas podem ser descendentes de famílias aristocráticas ricas, mas o que isso tem a ver com a situação atual? Os *Junkers* prussianos ainda eram privilegiados no século XIX e no início do século XX; eles podiam manter sua propriedade só porque todo o aparato do governo imperial estava contente por preservá-los, protegê-los, e impedir que os consumidores ponham em seus lugares pessoas mais bem preparadas para servir o público consumidor.

Nós precisamos entender que cada medida governamental que diminui a quantidade de lucro que uma empresa de sucesso pode obter, ou que tira seus lucros por meio de impostos, é uma medida que enfraquece a influência do consumidor sobre aqueles que produzem. Por exemplo, as grandes fortunas industriais do século XIX foram conquistadas por inovadores bem-sucedidos em

51 “A tese básica deste programa não é a de que o sistema de livre iniciativa fracassou em nossa época, mas a de que tal sistema ainda não foi posto em prática”. F.D. Roosevelt, citada do cap. 1 de Hayek, Friedrich A. *O caminho da servidão*. Campinas: VIDE Editorial, 2013, p. 41.

seus ramos. Henry Ford [1863-1947] começou com quase nada; ele conseguiu lucros gigantes que foram reinvestidos na sua empresa; desta maneira, em um período relativamente curto de tempo, ele criou uma das maiores fortunas dos Estados Unidos. O resultado foi que alguma coisa bem nova aconteceu: produção de automóveis em massa. No começo do século XX, alguns carros fizeram sucesso. O Renault francês custava em torno de \$10.000 em ouro; era um carro de luxo para poucos homens muito ricos. As atividades de Ford e algumas outras pessoas fez do carro uma coisa para todos. Assim fizeram-se grandes fortunas. Mas agora isso não pode acontecer. Se um homem começa um pequeno negócio e consegue lucrar muito, a maior parte deste dinheiro é sugada pelos impostos. De todo modo, ainda existem algumas lacunas. Se você tiver um bom contador, pode evitar de ter 90% do seu dinheiro expropriado – e ter apenas 70%. Mas a maior parte dos lucros que teriam sido reinvestidos são tirados pelo governo e gastos em despesas fixas.

No caso de lojas de departamento, em outros tempos uma loja antiga tinha que competir com outras mais novas por clientes novos. Hoje em dia as coisas mudaram. O pequeno empreendedor nunca se tornará dono de uma grande loja, porque seus lucros são tomados pelo governo. É verdade que as lojas antigas e novas operam sob a mesma lei; a antiga loja grande também tem que pagar impostos altos. Mas ela já acumulou o capital necessário para um grande negócio, enquanto um novo empreendedor é impedido de acumular o capital necessário para expandir o negócio numa empresa grande. A consequência, então, é que o espírito competitivo pode facilmente desaparecer da administração das grandes lojas. Sem correr nenhum risco na condução de seus negócios, as grandes lojas podem por vezes ficar “preguiçosas”.

Há pessoas que dizem que o capitalismo está morrendo porque o espírito de competição não existe mais e as grandes empresas tornam-se burocráticas. Mas o capitalismo não está morrendo; as

pessoas o estão assassinando. Existe uma diferença entre morrer de uma doença que no fim resulta na morte e morrer por conta de uma agressão e um assassinato. É fantasioso usar contra o capitalismo o argumento de que o espírito competitivo nos negócios está enfraquecendo e que as empresas às vezes se tornam burocráticas. Isso acontece exatamente porque as pessoas estão lutando contra o sistema capitalista e não querem tolerar as instituições que são essenciais para a existência dele. Portanto, devo dizer umas palavras sobre a diferença entre ter lucro ou prejuízo sob administração comercial de um lado, e sob administração burocrática de outro.

A administração de “lucro-e-prejuízo” é uma prova de que uma empresa – de um mecanismo – está sujeita à supremacia do mercado, ou seja, à supremacia dos consumidores. Num mecanismo como esse, o fator determinante é: “isso é lucrativo ou não?”. Essa divisa se aplica não apenas para toda empresa, mas também para cada pedaço de uma empresa. Este é o método da contabilidade de dupla entrada, que Goethe descreveu de um jeito maravilhoso ao dizer que ele possibilita que o líder de uma organização controle cada aspecto do negócio sem ser enredado por detalhes excessivos.

Sob um sistema contábil desse você pode determinar se algum departamento ou filial em especial vale a pena. Por exemplo, uma empresa em Nova York tem uma filial em São Francisco. Só existe um parâmetro que o chefe da companhia em Nova York precisa aplicar: ela é lucrativa? Ele faz um balanço especial para a loja de São Francisco. Ele destina o capital necessário a esta filial, compara os preços e os custos da filial e com essa base julga se ela é útil ou não, se ela é lucrativa ou não, para o negócio como um todo continuar com essa filial em São Francisco. Ele pode deixar todos os detalhes para o gerente do escritório da filial, porque esse homem sempre sabe que é o responsável. Não é necessário que o gerente da filial receba uma parte dos lucros. Ele sabe muito bem que se a filial não for rentável, ela será fechada e ele perderá seu empre-

go; seu futuro depende dessa filial. Portanto, o homem em Nova York não precisa dizer a esse gerente de filial nada mais que: “lucro!”. O chefe de Nova York não interfere porque ele sabe que se ele o fizer e a filial tiver prejuízo, o gerente da filial poderá dizer que isso aconteceu porque “você mandou que eu fizesse”.

Os consumidores são soberanos. Os consumidores não são sempre inteligentes – não mesmo – mas eles são soberanos. Eles podem ser estúpidos e mudar de ideia, mas nós devemos aceitar o fato de que eles são soberanos. Os empresários são sujeitos à supremacia do consumidor. O mesmo vale, obviamente, para todo o sistema empresarial; a voz decisiva é a do público consumidor. Não é papel dos produtores ou fabricantes criticar os consumidores dizendo: “Essas pessoas têm mau gosto – eu sugiro que eles comprem outra coisa”. Esse é o papel dos filósofos e artistas. Um grande pintor, um grande líder, um homem que quer ter um lugar na história não deve produzir para o mau gosto do público. Os consumidores são soberanos; eles compram os produtos, e essa é a justificativa para o fabricante. Se ele não é enfraquecido pela interferência do governo, essa é a administração do “lucro-e-prejuízo”, a produção para o consumidor.

Agora, o que é administração burocrática? As pessoas frequentemente confundem grandeza com burocracia. Até mesmo um homem ilustre como Max Weber [1864-1920] achava que a principal característica de uma burocracia era ter pessoas sentadas nas suas mesas lidando com muita papelada. Mas essa não é a principal característica de uma burocracia. O que é característico de uma burocracia é que ela lida com coisas que são necessárias, mas não têm um preço no mercado e não podem ser vendidas. Assim acontece, por exemplo com a proteção de indivíduos contra traficantes e outros criminosos. Este é o trabalho da polícia. É muito importante, indispensável. Mas os serviços da polícia não podem ser vendidos no mercado. Consequentemente, você não pode julgar os resultados

dessas operações policiais do mesmo modo que julga a operação de uma fábrica de sapatos. A fábrica pode dizer: “O público aprova nossa operação porque ela dá lucro”. A polícia só pode dizer que o público a aprova através de ações em assembleias, congresso, parlamento etc. Portanto, o sistema que precisa ser usado para administrar o funcionamento da polícia é o sistema burocrático.

A nação, ou os cidadãos, elegem os órgãos parlamentares, e estes decidem quanto deve ser gasto nas várias atividades do governo, incluindo a segurança pública. Você não pode avaliar em dólares e centavos os resultados de um departamento policial. E, portanto, você não pode fazer a contabilidade e a auditoria de um departamento policial da mesma forma que faz com uma empresa privada. No setor privado, os gastos são medidos, em termos monetários, na sua relação com os rendimentos. A polícia só tem gastos. Os rendimentos de um departamento policial são, por exemplo, o fato de você poder andar em segurança pela cidade, mesmo depois da meia-noite. Tais rendimentos não podem ser avaliados em termos monetários.

Os parlamentos definem o orçamento da polícia; eles definem a quantidade de dinheiro a ser gasto. Eles também dizem à polícia que tipo de serviço ela deve prestar. O FBI poderia sem dúvida melhorar apenas melhorando apenas aumentando seu orçamento, mas é a vontade das pessoas que ele não avance do ponto em que está; o chefe do departamento de justiça diz o que FBI deve fazer e o que não deve; o chefe do departamento não pode deixar as decisões com o “gerente da filial”. Portanto, o gerente de uma operação burocrática dá instruções sobre muitos assuntos que parecem desnecessárias para o empresário – com que frequência se devem limpar os escritórios, de quantos telefones necessitam, quantos homens precisam vigiar determinado prédio e assim por diante. Essas instruções detalhadas são necessárias porque o que precisa ser feito e o que *não* precisa ser feito em uma burocracia deve ser determina-

do por tais regras. Senão o homem que tem certo cargo gastaria o dinheiro sem dar atenção ao orçamento total. Se existe um orçamento limitado, você precisa dizer aos seus funcionários o que eles podem e o que não podem fazer. Isso vale para todos os ramos da administração estatal.

Isso é burocracia, e nessas áreas ela é indispensável. Você não pode deixar isso a cargo do funcionário; não pode dizer a um deles: “Este é um grande hospital. Faça o que você quiser com ele”. Um limite é imposto pelo parlamento, pelo estado, pelos sindicatos e, portanto, é necessário limitar o gasto em cada departamento. Esse método burocrático de administrar não vale para um negócio que busca o lucro. Mas, obviamente, se você enfraquece a motivação para o lucro nas empresas privadas, as ideias burocráticas e a administração burocrática ganham espaço.

Tendo em vista os atuais impostos excessivos sobre os lucros, sobre as empresas e sobre os acionistas de empresas, muitos negócios dizem ao calcular novas despesas: “Claro, isso significa um gasto de \$100 a mais. Mas levando em consideração o imposto de 82% que devo pagar sobre os ganhos da firma, custará muito menos. Se eu não gastar esses \$100 em negócios, ainda vou ter que pagar \$82 de impostos. Portanto, gastar esses \$100 vai custar apenas \$18 para a empresa”. Fazendo cálculos dessa forma, as pessoas não comparam mais o total de gastos com as vantagens que teriam na atuação no mercado; elas só comparam aquela parte das despesas que afetam seu próprio lucro. Em outras palavras, ao gastar \$100 no negócio, a empresa poderia ser perdulária, gastadora e extravagante; não pensaria mais em primeiro lugar nos desejos dos consumidores.

Se esse sistema tributário continuar a existir, poderia nos levar, no fim das contas, ao completo controle governamental. Por exemplo, se o governo recolhe 100% dos impostos de uma empresa, as despesas dela poderiam ser todas deduzidas e cobradas pelo

VIII. Lucro e prejuízo, propriedade privada e as conquistas do capitalismo

governo. A empresa não teria que se preocupar com a soberania do consumidor, se o público estaria disposto a pagar por seus produtos o bastante para cobrir os custos; ela não precisaria se preocupar em controlar as despesas. Mas então o governo não poderia permitir que empresários levassem seus negócios para o rumo que quisessem; ele teria que controlar todos os aspectos do funcionamento das empresas. Portanto, se você ouvir que as empresas estão ficando burocráticas e gastadoras, não pense que isso é uma simples consequência dos grandes negócios, do capitalismo, de um sistema de mercado sem regulamentação; isso se deve à tributação e da interferência do governo nesses assuntos.

IX. Investimentos estrangeiros e o espírito do capitalismo

Há trezentos anos, as condições econômicas do mundo eram mais uniformes do que hoje. Claro que havia algumas tribos selvagens, mas com exceção delas grande parte do mundo em geral tinha atingido o mesmo nível de desenvolvimento tecnológico e civilizacional. Então uma mudança radical se deu em alguns países. O capitalismo se desenvolveu no Ocidente; houve acumulação e investimento de capital; ferramentas foram aperfeiçoadas; a civilização ocidental se desenvolveu. Atualmente existe uma diferença imensa entre a civilização ocidental nos países “avançados” do mundo e as condições nos países “atrasados”.

A distinção era ainda mais nítida na primeira metade do século XIX. Um homem que visitasse a Inglaterra e a Romênia em 1700 não veria nenhuma diferença notável nos métodos de produção. Em torno de 1850, essas diferenças eram enormes. Elas eram tão consideráveis que se poderia dizer, e as pessoas acreditariam, que as disparidades jamais desapareceriam, que elas durariam para sempre.

As diferenças vinham do grande investimento de capital, um investimento de capital muito maior, no ocidente. Mas esse investimento, esses bens de capital não são mais que produtos intermediários. A vantagem que esses países tinham conseguido sobre

os mais “atrasados” consistia basicamente na questão do tempo. As nações ocidentais tinham tomado antes o caminho da melhoria das condições econômicas. Os países “atrasados” ainda precisavam começar. Mas tinham tempo. Teria sido um processo lento. De qualquer maneira, as nações mais atrasadas teriam achado a empreitada muito mais fácil, pois elas não precisavam experimentar métodos de produção malsucedidos. Elas não tinham que criar as invenções todas de novo; elas podiam simplesmente aproveitar as dos países ocidentais. Com o tempo, isso teria reduzido a discrepância nos níveis econômicos, apesar de alguma diferença ter subsistido.

Não existia segredo algum sobre tecnologias da civilização ocidental. Os jovens mais inteligentes dos países “atrasados” estudavam nas escolas do ocidente para aprender tudo o que podiam sobre métodos de produção. Então eles podiam levar a tecnologia para seus próprios países. Mas a tecnologia não era tudo. O que faltava às nações “atrasadas” era a mentalidade que tinha produzido o capitalismo no ocidente e as instituições criadas por esta mentalidade.

O capitalismo não pôde se desenvolver nas nações atrasadas porque as pessoas não gostavam do capitalismo, e porque lá os empresários estavam expostos a perigos que não existiam no ocidente, onde havia o estado de direito. O principal para esses países atrasados, que eram em sua maioria orientais, era mudar radicalmente sua mentalidade, o que pensavam sobre economia. Eles tinham que reconhecer que quanto maior o número de ricos, melhor para os pobres, e que a presença de pessoas ricas é necessária para a abolição da pobreza das massas. Mas essa ideia não entrava na cabeça das pessoas. Quanto mais longe eles ficavam da Europa, menos percebiam que a essência do desenvolvimento capitalista não era o conhecimento tecnológico e os bens de capital, mas a mentalidade que possibilitou a acumulação em larga escala de capital e de bens de capital.

As pessoas dos países “atrasados”, especialmente os da Ásia, só viam seu atraso tecnológico. Se esses países tivessem governos poderosos, poderosos o bastante para dominar seus próprios países, o que eles desejariam antes de tudo, o que eles mais invejavam, era o armamento produzido no ocidente. Esses reis orientais estavam interessados acima de tudo em ter armas melhores; eles se importavam pouco com outras coisas. Mas os patriotas que não achavam que a guerra era a manifestação mais importante da mente humana estavam interessados na tecnologia. Então mandaram seus filhos para universidades de tecnologia no ocidente e convidaram professores e industriais ocidentais para ir a seus países. Mas eles não captaram a verdadeira diferença entre o oriente e o ocidente: a diferença no campo das ideias.

Se as pessoas nas nações “atrasadas” tivessem permanecido sem contato, provavelmente elas jamais teriam melhorado as condições em seus próprios países; possivelmente não teriam adotado as ideologias necessárias para transformar suas nações em países “modernos”. Mesmo se elas tivessem feito isso, o processo teria sido lento. Teria sido necessário começar do zero. Primeiro, eles precisariam acumular o capital para construir, digamos, equipamentos para as minas, a fim de produzir minério, dele produzir metal, e só então ferrovias. Teria sido um processo muito longo e lento.

Mas o que aconteceu foi um fenômeno que ninguém tinha imaginado no século XIX. O investimento estrangeiro se desenvolveu. Do ponto de vista da história mundial, ele foi um fenômeno da mais alta importância. O investimento estrangeiro se resumia ao seguinte: Os capitalistas ocidentais forneciam o capital necessário para a transformação de uma parte do sistema econômico dos países “atrasados” no de uma sociedade moderna. Isso era uma coisa totalmente nova, algo desconhecido de épocas passadas. Em 1817, quando [David] Ricardo escreveu o livro *Princípios de economia*

política e tributação, ele simplesmente pressupôs que não existia investimento de capital no exterior.

O investimento de capital que começou no século XIX era muito diferente do que acontecera sob o sistema colonial que se desenvolveu a partir do século XV, o que se buscava neste período eram materiais para agricultura, recursos naturais e produtos que não se conseguiam na Europa. Uma explicação tola para o que desejavam com o empreendimento é dizer que as potências coloniais estavam interessadas em estabelecer mercados no exterior para sua produção. Na verdade, os países colonizadores exploravam suas colônias com o objetivo de conseguir matéria-prima; eles ficavam muito contentes quando não tinham que dar nada em troca dos recursos que queriam, quando podiam levar os produtos estrangeiros de graça. Esses primeiros colonizadores eram na maioria das vezes mais piratas e ladrões do que comerciantes. Eles achavam que vender produtos em outras terras era um tipo de medida emergencial para quando não conseguiam levar o que queriam sem pagar por isso. Eles realmente tinham pouquíssimo interesse em investir – eles só desejavam a matéria-prima.

Claro, eles não conseguiam impedir que alguns cidadãos de seus próprios países se estabelecessem nas colônias e comessem uma produção agrícola. Como um subproduto dessas empreitadas coloniais do período que vai do século XV ao XIX, algumas colônias importantes se desenvolveram do outro lado do oceano. O mais importante obviamente são os Estados Unidos, e em segundo lugar os países latino-americanos. Mas do ponto de vista dos mercados e comerciantes europeus, não era muito interessante que alguns membros das classes baixas imigrassem e se estabelecessem nos Estados Unidos. Durante muito tempo, é provável que eles tenham considerado as ilhas do Caribe mais importantes, porque lá podiam produzir uma coisa que queriam – açúcar. O povoamento

da América não fazia parte da política colonial; ele desenvolveu-se apesar das ideias do governo; pelo menos não por causa delas.

No século XVIII já havia alguns investimentos nas colônias da América do Norte, mas ainda não era um fenômeno de grande importância histórica. O investimento estrangeiro realmente significativo começou no início do século XIX. Ele era diferente dos antigos investimentos coloniais, uma vez que estes foram feitos em territórios cujos donos e governantes eram outras nações.

Esse investimento estrangeiro se efetivou de duas maneiras diferentes. Uma delas foi o investimento nas colônias dominadas por várias potências coloniais, ou seja, em países dependentes das nações europeias, por exemplo, os investimentos britânicos na Índia. Porém ainda mais importantes foram os investimentos em países politicamente independentes e que, em alguns casos, eram bastante desenvolvidos, como os Estados Unidos. As ferrovias americanas foram construídas em grande parte com o auxílio de capital europeu. Investimentos nos Estados Unidos, Canada e Austrália foram diferentes de investimentos em outros países, porque essas três nações não eram “atrasadas” no sentido de não ter mentalidade empresarial. Esses investimentos tiveram uma história muito diferente, porque eles realmente foram utilizados da melhor forma possível, e também porque mais tarde eles foram completamente pagos. Nas décadas de 1860 e 1870, uma das oportunidades de negócio mais importantes para os europeus era investir nos Estados Unidos.

Investimento de capital em outro país significa, obviamente, ter o que se chama de “balança comercial negativa”. Os Estados Unidos importavam capital no século XIX. Portanto, nesse século havia, em termos gerais, excesso de importações em relação às exportações no país. Mas então, da última década do século XIX para frente, os Estados Unidos começaram a pagar os investimentos que os europeus tinham concedido. Consequentemente, as exportações excederam as importações; desse modo, a balança comercial ficou

“positiva”. A diferença foi paga quando os cidadãos americanos compraram de volta as apólices e títulos que o governo dos Estados Unidos tinha vendido para os europeus. Isso continuou até depois da Primeira Guerra Mundial. Os Estados Unidos então viraram a maior fonte de empréstimos e os maiores investidores do mundo.

O capital europeu, e depois o da América do Norte, que chegou a esses países possibilitou que nações europeias e norte-americanas expandissem seus sistemas econômicos. Um dos resultados desse investimento estrangeiro foi que certos ramos da produção se desenvolveram em países onde não teriam se desenvolvido, ou só teriam se desenvolvido muito depois e certamente não do mesmo modo. As consequências desse processo sem dúvida beneficiaram tanto os países que investiram quanto os países em que o investimento foi feito.

Logo em seguida, uma postura hostil aos investimentos e credores estrangeiros se desenvolveu em muitos dos países que tinham se beneficiado com os investimentos estrangeiros. Isso aconteceu em certa medida até mesmo nos Estados Unidos. Uma das razões para os estados confederados não pegarem mais que um pequeno empréstimo da Europa durante a Guerra Civil foi que o nome de Jefferson Davis [1808-1889] estava com uma marca negra em seus registros. Antes de se tornar presidente da Confederação, Davis tinha se empenhado em repudiar um empréstimo do estado do Mississippi, e os banqueiros europeus naquele tempo tinham boa memória. De qualquer forma, essas coisas aconteceram com mais frequência em outros países do que nos Estados Unidos.

Por um lado, alguns países tinham uma determinada opinião sobre como os investidores e credores estrangeiros deveriam ser tratados. Por outro lado, havia os governos estrangeiros esperando para intervir quando os conflitos se tornassem agudos, para proteger os “direitos”, como eles diziam, dos seus cidadãos. Na realidade esses governos europeus não estavam muito preocupados com

os “direitos” dos cidadãos. O que eles queriam era um pretexto para a conquista colonial. Depois do Congresso de Viena [1814-1815], era muito desconfortável ser um oficial do exército na Europa que estava, no geral, em paz. Os governos, e especialmente seus exércitos e marinhas, estavam ansiosos para ter sucesso no exterior. Eles queriam vitórias, e alguns governos acreditavam que a opinião pública as desejava. Se eles fossem para a guerra, podiam ser derrotados, e seu prestígio sofreria. Isso levou alguns deles a buscar a exploração colonial. Por exemplo, o governo de Napoleão III, que sofreu o péssimo tratamento que os investidores franceses receberam na República do México, embarcou na década de 1860 para uma grande aventura no México. No começo o exército francês teve algum sucesso, mas as coisas não terminaram como os franceses desejavam.

Os países que se beneficiaram com investimentos estrangeiros não entenderam seu significado e suas vantagens. Movimentos populares se levantaram contra esses investimentos. O mundo todo passou a aceitar o princípio da soberania nacional; argumentava-se que uma nação não tem o direito de interferir em outros países se os direitos de seus cidadãos estão sendo violados neles. Isso era chamado de doutrina da soberania. Nós não estamos interessados nas justificativas legais para colocar obstáculos no caminho de investidores estrangeiros. Mas o resultado de todo o movimento foi que os investimentos e empréstimos estrangeiros ficaram completamente à mercê de cada nação soberana. Esses países declararam os estrangeiros exploradores e tentavam mostrar a presença da exploração através de várias teorias que não vale a pena mencionar.

Os marxistas forneceram várias doutrinas que relacionavam investimentos estrangeiros ao imperialismo. Eles diziam que o imperialismo é ruim e deve ser abolido a todo custo. Essas ideias marxistas, especialmente as de Rosa Luxemburgo [1871-1919], não podem ser explicadas sem entender toda a teoria do valor de Karl

Marx. Essas interpretações marxistas do imperialismo defende que o investimento estrangeiro é prejudicial tanto para o país que exporta o capital quanto para o país que o recebe. Investimento estrangeiro é imperialismo – imperialismo quer dizer guerra – e, portanto, países estrangeiros são conquistadores. O leitor ingênuo de um jornal fica estarelecido ao aprender que os Estados Unidos, que é hoje praticamente o único país que pode fazer investimentos no exterior, é uma potência imperialista, e que um empréstimo dos americanos para outro país significa uma agressão contra ele. Mas isso tudo é verdade? Os capitalistas de uma nação entram em outros países, como afirma essa doutrina, com o objetivo de impedir que seus compatriotas tenham acesso ao capital e às vantagens do investimento adicional de capital?

Vejamos as motivações de um empreendedor capitalista. Porque ele não investiu na sua própria terra? Porque ele acreditava que investir no exterior seria mais lucrativo do que no seu país. Por que isso aconteceu? Porque os consumidores do mercado interno estavam demandando mais alguns produtos que só podiam ser fabricados após uma expansão das indústrias nacionais. Por exemplo, até bem pouco tempo atrás a Europa praticamente não tinha produção de petróleo. Exceto por uma quantidade de petróleo muito pequena e de qualidade inferior na Romênia e em parte do Império Austro-Húngaro que depois passou a fazer parte da Polônia, não se produzia nada na Europa. Consequentemente, em vez de expandir as indústrias europeias quando os consumidores começaram a buscar mais produtos que usam petróleo como matéria-prima, era mais lucrativo ir a países estrangeiros e lá investir na produção de petróleo. O mesmo aconteceu com muitos outros artigos. Por exemplo, a maior parte das gorduras de cozinha e sabões produzidos na Europa foram produzidos a partir de plantas que não podiam ser cultivadas no continente europeu. Uma boa parte do consumo europeu consistia em produtos fabricadas com matéria-prima que não podia ser

conseguida na Europa, ou que só podiam ser produzidos no continente a um custo muito mais alto.

No início do século XIX, quando a questão do momento era a disputa entre protecionismo e livre mercado, a campanha dos defensores do mercado na Grã-Bretanha se baseava na simples mesa de café-da-manhã do inglês, cujos produtos eram todos direta ou indiretamente importados. Mesmo se um deles fosse produzido no país, tinha sido com o auxílio de fertilizante ou ração estrangeira. Para desenvolver os produtos do café-da-manhã inglês, os investidores europeus foram para o exterior e no processo criaram uma demanda por produtos de fabricantes ingleses. Eles também tiveram que construir um sistema de transporte, portos e coisas do tipo. Portanto, é completamente falsa a afirmação de que os consumidores europeus, e depois os consumidores americanos, tenham sido prejudicados pela exportação de capitais; o capital era exportado para investir na produção de coisas que europeus e americanos queriam. Infelizmente os recursos internos das nações europeias eram insuficientes; seria impossível eles alimentarem e vestirem suas populações com esses recursos. Apesar de hoje em dia haver sete vezes mais pessoas na Inglaterra do que no começo da Revolução Industrial,⁵² o padrão de vida é incomparavelmente mais alto. Isso só foi possível porque o capital foi investido e a produção de larga escala começou na Inglaterra e no exterior – ferrovias, minas etc.

Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a estrutura econômica da vida inglesa se caracterizava pelo fato de que o país importava em torno de 400 milhões de libras a mais do que exportava. Metade dessa diferença era paga pelos dividendos e lucros de empresas britânicas no exterior e pelos juros dos títulos de outros países que os britânicos possuíam. O padrão de vida da Grã-Bretanha era determinado por esse fato. Durante a guerra, uma parte desses

52 A população da Inglaterra era de 41.147.938 (*World Almanac* de 1952), frente ao número estimado de 6 milhões em 1750.

investimentos britânicos no exterior foram vendidos, em sua, maioria para os Estados Unidos, a fim de pagar pela guerra e pelo excedente de importações de que os britânicos precisavam antes de o *Lend-Lease* ser promulgado.⁵³ Então, depois da guerra, quando o *Lend-Lease* acabou, o governo inglês declarou que não era mais possível alimentar seu povo sem a ajuda de um empréstimo americano que era, na verdade, um presente dos Estados Unidos. Mas até isso não foi o bastante. O governo argentino expropriou as ações de uma ferrovia britânica e pagou pelas expropriações em dinheiro inglês. O governo da Grã-Bretanha então pegou o dinheiro das pessoas que tinham recebido essa indenização da Argentina através de tributação, e usou o dinheiro para pagar trigo, carne e outros alimentos comprados dos argentinos. Esse é um caso típico de consumo de capital. A poupança do passado, que tinha sido acumulada na forma de ferrovias, era vendida para comprar comida (consumo corrente). Isso é muito característico; mostra como os investimentos estrangeiros foram gastos.

Mas a maior parte dos investimentos estrangeiros dos europeus, incluindo os investimentos britânicos, foram simplesmente expropriados. Essas expropriações e retaliações não significavam tanto para os Estados Unidos, porque os americanos eram relativamente muito ricos e esses investimentos não tinham um papel de grande importância na economia. Além disso, na minha opinião, os Estados Unidos ainda estão acumulando capital adicional. Mas para Grã-Bretanha, Alemanha Suíça França e outros países isso significava uma redução considerável de riqueza; eles tinham investido

53 A lei americana do *Lend-Lease*, de 11 de março de 1941, permitiu ao presidente dos Estados Unidos “vender, transferir o título, trocar, alugar, emprestar ou de alguma outra forma deixar à disposição, para outro governo [cuja proteção o presidente julgue vital para a defesa dos Estados Unidos] qualquer artigo de defesa”, e certos produtos agrícolas. Os Estados Unidos assim poderiam dar apoio às nações aliadas na guerra enquanto permaneciam neutros.

no exterior, não por desejar doar suas riquezas, mas porque queriam lucrar com os investimentos.

Existem muitos métodos diferentes de expropriação:

1. O método comunista: Se o país se torna comunista, o governo simplesmente declara que não existe mais propriedade privada; ele toma e não paga pelo que tomou. Algumas vezes eles dizem que pagarão, mas no fim arranjam alguma desculpa para não pagar a indenização.

2. Tributação confiscatória: Claro, existem cláusulas em alguns acordos comerciais que proíbem qualquer discriminação contra estrangeiros, e isso inclui discriminação tributária. Mas as leis podem ser redigidas de tal modo que não pareçam ser contra estrangeiros.

3. Controle de câmbio: Este é o método mais popular. A empresa estrangeira obtém lucro com seus negócios num país, mas as leis de controle de câmbio a impede de transferir esse lucro para outro país. Tomemos como exemplo a Hungria. Lá havia alguns estrangeiros que possuíam quantidades variáveis de títulos e ações comuns do governo. O governo húngaro disse: “Claro, você é totalmente livre. Você tem o direito de receber seus rendimentos e dividendos. Mas nós temos uma lei, não apenas para estrangeiros, mas também para húngaros. A lei diz que a transferência de fundos para fora do país é proibida. Venha para nosso país e viva aqui, e você pode ficar com seu dinheiro”. Com frequência, países que controlam o câmbio nem sequer deixam as pessoas gastar todo o dinheiro que ganharam num curto período de tempo – dividem o dinheiro em parcelas mensais. Na realidade, isso é expropriação. O que eles querem mesmo é que o empresário, se ele for investir em seus países, não gaste apenas o dinheiro que lá ganhou, mas também o dinheiro que ele levou consigo quando saiu de seu próprio país. Na prática, isso significa o fim do investimento estrangeiro. No passado, se as pessoas queriam investir capital em países estrangeiros,

elas esperavam condições melhores. Mas agora isso não acontece mais.

Na Idade Média, reis e governantes ricos viajavam pelos seus impérios. Eles diziam que eram juizes e precisavam ficar de olho no país. Mas a verdadeira motivação econômica para suas viagens era que o monarca, o Kaiser alemão, por exemplo, possuía grandes propriedades em várias partes do país. Eles viajavam com suas comitivas para consumir o que tinha sido produzido. Era mais fácil levar os homens aos produtos do que levar os produtos ao palácio real. Esse é o mesmo direito dado pelo controle de câmbio – consumir as coisas na região de origem delas.

Os governos chineses eram muito espertos. Eles não expropriavam os ingleses. Primeiro, eles os proibiram de exportar os lucros. Então eles forçaram esses investidores estrangeiros a trabalhar de tal forma que não lucrassem mais. Em seguida eles também começaram a cobrar impostos, para que os ingleses ainda tivessem que mandar dinheiro para a China. Finalmente, eles fizeram os súditos da rainha perceberem que não se pode fazer negócios com os comunistas, especialmente se for investindo.

A expropriação dos campos de petróleo mexicanos foi uma retaliação, pela falta de pagamento de acordo.

A história dos investimentos estrangeiros pode ser contada em poucas palavras. Os investimentos acabaram, mas só a glória, ou a fama desta glória, permaneceu. O resultado é que hoje em dia as pessoas estão muito pouco preparadas para investir no exterior.

É incrível que no intervalo entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial ainda se tenha investido em países que haviam direta ou indiretamente repudiado investidores estrangeiros. Investidores americanos perderam muito dinheiro quando o marco entrou em colapso, porque os títulos do governo alemão eram em marcos, não em ouro. Mesmo assim, durante esse período muitos municípios alemães conseguiram pegar empréstimos de investidores ame-

ricanos. Algumas vezes esses investidores eram simplesmente vítimas inocentes; eles não sabiam o que estavam fazendo.

O governo sueco emitiu títulos em dólares no padrão ouro. Eles pegaram a quantia em dólares no padrão ouro e prometeram pagar o empréstimo na mesma moeda, denominada de dólar americano padrão ouro de Mckinley. Então em 1933, os Estados Unidos abandonaram o padrão ouro. A cláusula no empréstimo sueco tinha sido formulada exatamente por conta da possibilidade remota de mudança da moeda americana. Mas então o governo sueco declarou: “Nós pagaremos o empréstimo no novo dólar americano, no dólar de Roosevelt, não na moeda de Mckinley como determina o contrato”. Com uma situação dessas é muito difícil atrair investimentos estrangeiros.

Em alguns países latino-americanos não existe mercado para títulos dos governos. Esses países pegavam empréstimos com a iniciativa privada dos Estados Unidos. Mas eles não conseguirão mais pegar empréstimos desse tipo. Esses empréstimos privados foram substituídos primeiramente pelo *Lend-Lease*, e agora por ajuda estrangeira. Isso significa que o americano que paga seus impostos está dando presentes, e não oferecendo empréstimos, a esses países.

Instituições se formaram, especialmente Banco Internacional Mundial [*International World Bank*], com o objetivo de dar empréstimos, porém com garantias. A longo prazo, esse sistema é insustentável. Se os Estados Unidos emitem títulos a uma taxa definida, digamos, em 3%, então o cofre do país está por trás dos títulos. Se outro país emite um título como esse, com os americanos como fiadores, os cofres americanos novamente estão por trás dos títulos. Se os Estados Unidos não pagarem, então esse outro país certamente também não pagará. O governo americano não poderá vender seus próprios títulos a 3% se o empréstimo estrangeiro tiver uma vantagem sobre eles – não apenas uma taxa de juros maior, mas além disso a garantia do governo americano. Portanto, um sistema

assim não pode prevalecer a longo prazo. O resultado disso tudo é que não existe mais investimento privado.

Investimento público no exterior é muito diferente do investimento privado. Quando investidores privados ingleses eram proprietários das ferrovias argentinas, não se infringia a soberania do governo da Argentina. Mas se as ferrovias e portos, por exemplo, são de propriedade de governos estrangeiros, isso significa uma coisa totalmente diferente. E isso quer dizer que os problemas políticos se tornam mais importantes que os econômicos.

O ponto quatro é a tentativa capenga de escapar das consequências desastrosas da falta de investimentos estrangeiros.⁵⁴ Por trás deles está a ideia de passar “*know-how*” a essas nações atrasadas. Mas os Estados Unidos têm muitos engenheiros talentosos com “*know-how*” que poderiam ser contratados para cargos no exterior, onde usariam o conhecimento e a experiência que adquiriram no seu país. Portanto, o ponto quatro não é necessário por essa razão. Também existem centenas ou até milhares de cidadãos estrangeiros nos Estados Unidos e nas universidades ocidentais que aprendem todas essas coisas. A arte da impressão foi inventada há 500 anos, e hoje temos livros impressos. Para aqueles que não sabem ler em inglês, existem traduções desses livros. Há muitos chineses inteligentes. Se há uma fábrica atrasada na China, não é por conta da falta de capacidade de adquirir “*know-how*”, mas porque ela não tem o capital necessário.

Em 1948, houve um encontro do *World Council of Churches* [“Conselho Mundial de Igrejas”] em Amsterdã. Eles fizeram uma declaração dizendo que era incorreto e injusto que somente os países ocidentais aproveitassem as vantagens das máquinas, en-

54 Um programa de auxílio a estrangeiros do governo americano, que o presidente Harry Truman anunciou no dia 20 de janeiro de 1949, “para a melhoria e desenvolvimento de áreas subdesenvolvidas”. Ver Hazlit, Henry. *Illusions of Point Four* [Ilusões do Ponto Quatro], Irvington-on-Hudson, NY: Foundation for Economic Education, 1950.

quanto na Ásia e na África os métodos de produção eram atrasados. Se no oitavo dia da Criação, o Senhor tivesse feito um número limitado de máquinas e hospitais para distribuir igualmente, e o ocidente pegasse mais do que a sua parte, poderíamos dizer que a situação era injusta. Mas os países capitalistas na verdade deram equipamentos e máquinas muito valiosos de presente para esses países “atrasados”, e estes países simplesmente os expropriaram. Eles não entenderam o significado do capitalismo. Pensavam que as máquinas e os hospitais eram o capitalismo. Mas o capitalismo é a mentalidade a partir da qual as instituições puderam surgir, possibilitando que o capital se desenvolvesse no ocidente e então se construíram todas essas coisas. Poderíamos dizer que o ocidente desenvolveu em casa seu método de produção capitalista. O capitalismo não são as coisas; é uma mentalidade.

[Jawaharlal] Nehru [1889-1964] tem sido citado como autor da frase: “Nós queremos dar toda força para a indústria privada. Não queremos expropriar empresas privadas por pelo menos 10 anos – talvez nem por tão pouco tempo”. Você não pode esperar que as pessoas invistam se diz que vai expropriá-las em algum momento. Consequentemente, as condições na Índia estão agora muito piores do que no tempo em que os britânicos estavam lá. Naquela época, ainda se poderia esperar que eles permanecessem no país e que você não seria expropriado. A situação é similar à de antes de os ingleses chegarem Índia. Se um indiano tem dinheiro guardado, ele investe nos metais preciosos ou, melhor ainda, em joias. Primeiramente, eles não podem ser confiscados tão facilmente e você pode tentar escondê-los. Caso seja necessário, você pode até engolir um diamante para mantê-lo em segurança por um tempo. Você não pode esconder uma ferrovia ou uma mina. E essa é a catástrofe das nações “atrasadas”; as pessoas investem suas economias em coisas assim ao invés de investir em bens de capital.

IX. Investimentos estrangeiros e o espírito do capitalismo

A situação ficou ainda pior porque os europeus levaram para esses países remédios e métodos modernos para tratamentos de doenças contagiosas. Ao contrário do que ainda acontece na China e especialmente na Índia, a mortalidade infantil teve uma queda considerável. Como consequência disso, esses países têm populações em crescimento e investimento de capital em queda. O capital per capita está caindo em vez de subir. O sistema russo também não gera acumulação de capital insuficiente. Logo, nós estamos num momento em que a maior parte da humanidade vive em condições que representam uma queda no padrão de vida. É horrível dizer isso, mas é verdade; teria sido melhor para essas pessoas que os métodos de combate a doenças contagiosas não tivessem sido levados a seus países.

Quero reforçar que o capitalismo, a produção moderna com máquinas e assim por diante, não é uma coisa material! As ferramentas e máquinas são o resultado material alcançado por determinada disposição espiritual, por uma certa ideologia. O capitalismo ou as condições modernas, os padrões de vida modernos, não são simplesmente o resultado da tecnologia. Eles são o resultado de certas ideias sobre a organização social e sobre a cooperação dos homens sob a divisão do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção. Essas ideias devem ser adotadas nos países “atrasados” se eles quiserem mudar suas condições.

Eu não quero falar sobre felicidade e outros problemas a ela relacionados. Não quero dizer que os africanos são infelizes sem máquinas, sem roupas e com meios diferentes de se alimentar. Mas certamente eles não são entusiastas das várias doenças que os assolam e que só podem ser combatidas com os métodos do capitalismo moderno. É maravilhoso que o Dr. Albert Schweitzer [1875-1965] tenha ido ao centro da África trabalhar para melhorar a situação daquelas pessoas. Mas o Dr. Schweitzer causou um impacto pequeno comparado ao que causou o capitalismo, que possibilitou os meios

de produção modernos que geraram todas as coisas necessárias para manter um hospital no meio da África. Se você quiser ajudar milhões na Ásia e na África, precisa de métodos de produção e ideias capitalistas. E eles não podem ser desenvolvidos com os meios que hoje em dia esses países têm aplicado.

A introdução do investimento estrangeiro no século XIX ajudou a tornar supérfluas a guerra e a conquista. A situação que as pessoas tinham de encarar naquela época e que encaram novamente hoje – era que a natureza dotou alguns países no mundo de recursos naturais que não estão disponíveis em outras nações. Do ponto de vista dos recursos naturais, a Europa foi pouco favorecida pela natureza; a Ásia foi muito mais. Se por um lado, os países ricos em recursos naturais são tão atrasados e tão pobres em capital que não conseguem produzir com estes recursos, e se por outro lado, não permitem que estrangeiros invistam capital no seu território e tiram vantagem da existência desses recursos, quem poderia esperar que as pessoas dos países civilizados tolerariam para sempre esse estado de coisas? Os cidadãos de um país, só porque seus antepassados conquistaram o país 500 ou 600 anos atrás, têm o direito de impedir a paz e o progresso nas condições do mundo?

Nós estamos voltando à situação em que não se podia conseguir esses produtos sem dominar outros países, situação que tornou necessário o sistema colonial. O século XIX desenvolveu um método que tornou esse sistema desnecessário. Mas agora nós chegamos novamente a um estado de coisas em que esses países estão impedindo o comércio de matéria-prima. Não conseguimos saber, mas algum dia pode ser descoberto um método tecnológico que dependa de matéria-prima só disponível em países muito atrasados. As pessoas dirão: “Nós poderíamos melhorar nosso padrão de vida e o de todos os outros países se tivéssemos acesso a essa matéria-prima; ela é totalmente inútil para o Dalai Lama do Tibete”. Foi exatamente o investimento estrangeiro – a possibilidade de fazer

IX. Investimentos estrangeiros e o espírito do capitalismo

uso de todas os recursos naturais sem interferência política – que tornou a guerra desnecessária. Isso não prejudica países envolvidos. Os investimentos estrangeiros realmente ajudaram no desenvolvimento dos países sem prejudicá-los de maneira alguma. A paz do mundo depende disso.

O desaparecimento dos investimentos estrangeiros é um problema muito sério. Hoje o que fica mais evidente são as consequências ruins, os padrões de vida, na Índia e na China e alguns outros países. Mas isso não é tudo; todo o sistema de políticas internacionais será afetado. E então se verdadeiros conflitos realmente surgirem, até mesmo os escoteiros das Nações Unidas não viverão situação melhor que as estátuas da Liga das Nações, a antecessora das Nações Unidas.

Agradeço-lhes a paciência com que suportaram minhas conferências.

Comentários adicionais de Mises durante a parte de perguntas e respostas

Lenin tentou atrair investimentos estrangeiros para a Rússia durante o período da NPE (Nova Política Econômica), mas não se saiu muito bem.

A reciprocidade nos acordos comerciais é um dos métodos de destruir a economia de mercado. O princípio de comprar apenas daqueles que compram de você ignora a existência do dinheiro. A ideia do dinheiro, sua utilização, todo o sistema monetário, servem principalmente o propósito de tornar desnecessário que você compre somente daqueles que compram de você. Comércio triangular significa comércio com o apoio do dinheiro. Você compra de pessoas, que por sua vez, compraram de outras. Nenhum dos ramos comerciais deste país existiria se esse princípio fosse aplicado aqui.

Não existem fronteiras na natureza e na economia; elas são obstáculos inventados pelos governos. Os governos criam essas diferenças.

O capitalismo não são as ideias dos capitalistas; ele é um sistema econômico. As ideias de cada capitalista podem ser, em muitos aspectos, contrárias aos princípios da economia de mercado. Sempre existiram homens de negócio que querem privilégios, o protecionismo e coisas do que tipo, e como a opinião pública foi favorável a isso, eles conseguiram o que desejavam. Não foi culpa dos lobistas. Como sempre há lobistas em favor de algumas coisas, há lobistas contra outras coisas. Não é necessário proteger nem mesmo as indústrias novas; acontecem mudanças na indústria americana sem protecionismo. Se alguns recebem privilégios, aqueles que não recebem ficam prejudicados. Se os não-privilegiados exigem privilégios, é fácil entendê-los. A obrigação de acabar com esse sistema de privilégios não é dos empresários, mas da opinião pública, dos ideólogos, estadistas, políticos e campanhas políticas. Se os privilégios existem, então todo mundo quer ter privilégios.

As vantagens do capitalismo não existem para beneficiar os capitalistas, mas as massas. O capitalismo significa primeiramente produção – produção em larga escala – para as massas. O consumidor, que está sempre certo, se beneficia com o capitalismo. A instituição do capitalismo não é uma recompensa para crianças boazinhas; é uma instituição que beneficia nações e povos. Se um capitalista é mau, não se deve puni-lo abolindo o capitalismo. Portanto, todos os escritores e autores de histórias de ficção, literatura e peças que mostram capitalistas muito maus, e dizem que o capitalismo deveria ser abolido, se enganam.

Eu não sou favorável à economia de mercado e contra o socialismo porque os capitalistas são pessoas muito legais. Alguns são; outros não. Nesse sentido, eles não são diferentes das outras pessoas. Eu apoio o capitalismo porque ele beneficia a humanida-

IX. Investimentos estrangeiros e o espírito do capitalismo

de. Eu não sou contra o socialismo porque os socialistas são pessoas más, mas porque ele gera um declínio completo no padrão de vida de todos e destrói a liberdade.